

LAZER E CIDADANIA:
HORIZONTES DE UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA





ORGANIZADORES:
TÂNIA MARA VIEIRA SAMPAIO
JUNIOR VAGNER PEREIRA DA SILVA

LAZER E CIDADANIA: HORIZONTES DE UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA



Ministério do
Esporte



Brasília-DF
2011



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA

MISSÃO

A Universidade Católica de Brasília tem como missão atuar solidária e efetivamente para o desenvolvimento integral da pessoa humana e da sociedade, por meio da geração e comunhão do saber, comprometida com a qualidade e os valores éticos e cristãos, na busca da verdade.

Reitor

Cícero Ivan Ferreira Gontijo

Pró-Reitor de Graduação

Mozart Foschete da Silva

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

Ruy de Araújo Caldas

Pró-Reitor de Extensão

Ricardo Spindola Mariz

Diretor do Curso de Educação Física

Francisco Martins da Silva

Diretor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física

Herbert Gustavo Simões

Revisora

Luziene Amâncio Delmonde

Editoração Eletrônica

Jair Luiz Petry

Capa

Kardewally Ferreira Abrantes

Conselho Editorial Científico

Alfredo Feres Neto – UnB

Ana Angélica Freitas Goes – UFSE

Helder Ferreira Isayama – UFMG

Herbert Gustavo Simões – UCB

Roberta Cortez Gaio – Moura Lacerda

Tânia Mara Vieira Sampaio – UCB

Wagner Wey Moreira – UFTM

Ministério do Esporte

Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministro do Esporte

Orlando Silva de Jesus Júnior

Secretária Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer

Rejane Penna Rodrigues

Diretora do Departamento de Ciência e Tecnologia do Esporte

Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto

Secretário Nacional de Esporte Educacional - Substituto

Fábio Roberto Hansen

Secretário Nacional de Esporte de Alto Rendimento

Ricardo Leyser Gonçalves

Livro realizado com fomento do Ministério do Esporte - Rede CEDES.

Livro avaliado por pares.

Copyright © 2011 by Tânia Mara Vieira Sampaio e Junior Vagner Pereira da Silva

Direitos dessa edição reservados à

Universidade Católica de Brasília e ao Ministério do Esporte

QS 7 Lote 1 – Águas Claras – Taguatinga – DF – 71966-700

URL: www.ucb.br

Tel.: +55-61-3356-9157 – Fax: +55-61-3356-3010

L431

Lazer e cidadania: horizontes de uma construção coletiva / Organizadores, Tânia Mara Vieira Sampaio, Junior Vagner Pereira da Silva. - Brasília: Universa, 2011. 180 p. ; 21 cm.

ISBN 9788560485567

1. Lazer. 2. Cidadania. 3. Direitos humanos. II. Sampaio, Tânia Mara Vieira, org. III. Silva, Junior Vagner Pereira da. IV. Título.

CDU 379.8:342.7

Ficha elaborada pela Biblioteca da Universidade Católica de Brasília - UCB

PROJETO DE PESQUISA QUE DEU ORIGEM À OBRA

*LAZER E GÊNERO: PROCESSO EDUCATIVO DE MULHERES NEGRAS-EMPOBRECIDAS E
POLÍTICAS PÚBLICAS*

Projeto aprovado e financiado pelo Ministério do Esporte – ME/SNDEL/REDE CEDES

Linha de Pesquisa: Aspectos Sócio-Culturais e Pedagógicos Relacionados à Atividade Física e Saúde

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado e Doutorado em Educação Física
– UCB - Universidade Católica de Brasília

Grupo de Pesquisa: Sociologia do Esporte

Coordenadora da Pesquisa
Profª. Dra. Tânia Mara Vieira Sampaio

Equipe do Projeto
Profª. Dra. Adriana Giavoni – *in memoriam*
Profª. MSc. Elizabeth Aiko Oda
Profª. Dra. Gislane Ferreira de Melo
Prof. Dr. Jorge Hamilton Sampaio
Prof. Dr. Luis Otávio Teles Assumpção
Profª. MSc. Maria Auxiliadora A. dos Santos
Prof. MSc. Rubens de Moraes Silva

Doutorando Junior Wagner Pereira da Silva – Bolsista PROSUP/CAPES
Doutorando Luís Carlos Lira
Doutorando Luiz Carlos Vieira Tavares – Bolsista PIQDETEC/CAPES
Mestrando Genildo Pinheiro Santos

Acadêmico Daniel Lucas Silva Santiago – Bolsista ME/Rede Cedes
Acadêmica Gislene Moreira Nogueira Faria – Bolsista PIBIC/CNPq
Acadêmica Ioranny Raquel Castro de Sousa – Bolsista PIBIC/CNPq
Acadêmico Juliano de Sousa Menezes – Bolsista ME/ PIBIC/CNPq
Acadêmica Mirelle Pereira do Nascimento – Bolsista ME/Rede Cedes
Acadêmica Monaiza Lima Lopes – Bolsista PIC/UCB
Acadêmica Roberta de Jesus dos Santos – Bolsista PIC/UCB



Sumário

Prefácio.....	9
Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto Giuliano Gomes de Assis Pimentel	
Agradecimentos.....	17
Apresentação.....	19
Tânia Mara Vieira Sampaio	
Capítulo 1	
O PROCESSO EDUCATIVO DE LAZER: VIVÊNCIAS DE UM GRUPO DE MULHERES	27
Tânia Mara Vieira Sampaio	
Capítulo 2	
O LAZER E SUAS DIVERSAS FACES.....	45
Junior Wagner Pereira da Silva Tânia Mara Vieira Sampaio	
Capítulo 3	
A TERNURA E O LÚDICO COMO PARTE DO PROCESSO DE EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS.....	67
Jorge Hamilton Sampaio	
Capítulo 4	
O Contexto das Comunidades Educativas do Areal, Recanto das Emas e Riacho Fundo II	79
Elizabeth Aiko Oda Maria Auxiliadora Antunes dos Santos Silvanete Pereira dos Santos Rubens de Moraes Silva Jorge Hamilton Sampaio	
Capítulo 5	
A EXPERIÊNCIA DAS “OFICINAS”: ENCONTROS DE LAZER	97
Tânia Mara Vieira Sampaio Ioranny Raquel Castro de Sousa Gislene Moreira Nogueira Faria Monaiza Lima Lopes Roberta de Jesus dos Santos	

Mirelle Pereira do Nascimento
Junior Vagner Pereira da Silva
Gislane Ferreira de Melo

Capítulo 6

MOTIVAÇÃO E LAZER: PERSPECTIVAS DE UM PROGRAMA EDUCATIVO EM
RELAÇÃO AO GÊNERO E ETNIA 147

Luís Carlos Lira

Luiz Carlos Vieira Tavares

Genildo Pinheiro Santos

Tânia Mara Vieira Sampaio

Nilton Soares Formiga

Gislane Ferreira de Melo

Apêndices – Instrumentos de Pesquisa 167

Tânia Mara Vieira Sampaio

Junior Vagner Pereira da Silva

Luís Carlos Lira

Gislane Ferreira de Melo

Posfácio 165

Luís Otávio Teles Assumpção

Sobre os Autores e Autoras 175

Prefácio

Com a publicação de *Lazer e cidadania: horizontes de uma construção coletiva*, seus organizadores Tânia Mara Vieira Sampaio e Junior Vagner Pereira da Silva da Universidade Católica de Brasília (UCB) propõem e certamente irão conseguir contribuir com a agenda de discussões sobre as desigualdades no nosso país.

Esta obra, que tenho a honra de apresentar a você, é fruto do projeto de pesquisa *Lazer e gênero: processo educativo de mulheres negras empobrecidas e políticas públicas*, desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade Católica de Brasília, com o apoio da Rede Cedes do Ministério do Esporte. Seu objetivo foi analisar o potencial educativo e emancipatório da experiência de “oficinas ou encontros de lazer” na vida de mulheres, que vivem em situação de discriminação, pobreza e vulnerabilidade social e racial, bem como identificar elementos fundamentais para as políticas públicas e a produção de materiais de apoio no campo do Lazer e Esportes, a partir do referencial teórico de gênero.

Discutiu, assim, as desigualdades sociais não apenas considerando a perspectiva da renda. Aliados a essa, outros tipos de desigualdades, como a de gênero, objeto do presente estudo, desafiam as políticas públicas brasileiras. Vários estudos, que se juntam aos debates aqui publicados, nos mostram que as mulheres, especialmente negras, sofrem mais com a discriminação, pobreza e vulnerabilidade social e racial. Elas encontram mais dificuldades para terem seus direitos reconhecidos e respeitados.

A leitura da obra chamou a minha atenção sobre fatores condicionantes de transformações as quais a sociedade brasileira aspira e que são fundamentais às políticas de direito, destacando: a importância do lazer para a visibilidade dos grupos historicamente discriminados em nossa realidade e o desenvolvimento humano.

Afinal, a reflexão construída mostrou que a Constituição Federal de 1988 fortaleceu politicamente vários segmentos historicamente destituídos de condições objetivas para enfrentar com igualdade de condições os problemas especialmente relacionados ao acesso aos direitos sociais garantidos pela nossa Carta Magna, dentre eles, o Lazer. Essa situação se torna ainda mais complexa a partir do momento que percebemos que muitos sujeitos, especialmente mulheres, não têm conhecimento sobre os dilemas com os quais convivem e demandas da sua realidade. Por isso, a meu ver, um ponto alto deste livro são os discursos das mulheres participantes das *Oficinas de Lazer* do Projeto *Comunidade Educativa* da UCB. Discursos publicados no capítulo 5 e que constituem um banco de dados precioso para o aprofundamento das reflexões tanto das próprias depoentes como de nós leitores, alertando-nos sobre a importância do conhecimento de trajetórias de vida, desejos, sonhos e problemas que merecem ser tratados pelas políticas públicas brasileiras.

Além disso, toda obra me faz lembrar da concepção de desenvolvimento humano adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU), construída a partir das ideias de Amartya Sen – Prêmio Nobel de Economia de 1998, e que destaca que o principal objetivo do desenvolvimento não é o desempenho econômico, como muitos ainda pensam. O desenvolvimento nessa abordagem implica também o alargar das possibilidades de escolha das pessoas, por meio da ampliação de conhecimentos e de capacidades a serem utilizados no acesso aos recursos necessários para que possamos desfrutar de uma vida longa, saudável e criativa. Nesse sentido, ressalta que a ampliação das escolhas humanas no lazer implica ações educativas dos beneficiados, ampliando seus conhecimentos sobre as oportunidades de lazer disponíveis em sua comunidade, as condições de acesso crítico e criativo a essas oportunidades como também condições de atuação como agentes nas atividades e nos processos que influenciam suas vidas. Compreensão que integra o Lazer às diferentes dimensões da qualidade de vida.

Por isso, o estudo destaca o potencial educativo e emancipatório do lazer que influi em aspectos **tangíveis** (leis e políticas que a viabilizem, oferta de serviços, construção e reabilitação de instalações, promoção de eventos) e **intangíveis** (educação, saúde, autoestima, lúdico/ternura, reconhecimento das identidades, alteridade, partilhamento cultural, empoderamento ou participação nas relações sociais e decisões que afetam sua vida) da vida social, cultural e política.

Esses e outros motivos me levam a crer que a leitura e o debate deste livro poderão enriquecer as reflexões das mulheres participantes do estudo e de todos nós que estamos atentos à qualificação das políticas públicas de lazer no Brasil.

Seja bem-vindo à leitura desta obra!

Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto

Doutora em Educação, Mestre em Educação Física: Recreação/Lazer. Pesquisadora e consultora do campo do Lazer, especialmente das Políticas Públicas.



Prefácio

Já é clichê acadêmico dizer que o lazer é uma construção sociocultural. Entre as consequências dessa afirmação, parte dos pesquisadores do tempo livre têm se debruçado em responder o que é o lazer. Querem fazer valer como universal a *sua* construção do objeto. Enfim, os teóricos querem dizer qual é a essência do fenômeno ao invés de buscar os significados dados a essa prática social nos muitos contextos particulares de sua ocorrência. Com isso, o cenário intelectual brasileiro se tornou crescentemente livresco e isolado da realidade.

É com felicidade, portanto, que eu possa prefaciara uma obra que vem na contracorrente do “academicídio”. Para tanto, é necessário assumir alguns “riscos”, como dar voz e vez às pessoas que pesquisamos. A obra *Lazer e Cidadania*, pois, é emblemática desse novo fazer ciência, uma vez que até o título do livro aponta para “os horizontes de construção coletiva”, considerando que as próprias pessoas, sujeitos-objeto da pesquisa, sugeriram esse nome para a experiência desenvolvida com elas.

Interessante observar que o conceito de cidadania pressupõe sujeitos de direitos e deveres plenos, o que inclui o usufruto do lazer. Mas, numa sociedade neoliberal e globalizada, será que é prodente realizar trabalho de subsídio às políticas públicas a partir de um projeto de extensão universitária junto à mulheres, a maioria negras e com baixa escolaridade, da periferia de Brasília? Na contramão da ideologia do lazer mercadoria, é louvável ver uma pesquisa realizada em umas das regiões de custo de vida mais elevado do país, demonstrar como a educação para o lazer (o que em si, já é justificativa suficiente) também desencadeou outros desenvolvimentos, a exemplo da organização associativa dessas mulheres ou a retomada dos estudos por parte delas.

A origem do livro é o resultado da pesquisa *Lazer e gênero: processo educativo de mulheres negras-empobrecidas e políticas*

públicas, financiada com recursos da Rede CEDES (Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer). O edital dessa rede convida pesquisadores sociais à resolução de uma complexa equação, conciliando o rigor acadêmico com a produção de conhecimento pertinente para fertilizar as políticas públicas de lazer esportivo na perspectiva da cidadania.

Frente ao desafio posto, a equipe de trabalho (os autores e autoras deste livro) exerceu a criativa e responsável combinação de instrumentais e procedimentos metodológicos comuns à pesquisa-ação e pesquisa-participante. Tamanho esforço se justifica a fim de gerar a maior quantidade possível de dados o que, dialeticamente, nos leva à qualidade (ou, em termos de complexidade, coteja as múltiplas implicações – às vezes contraditórias – entre diferentes nuances da realidade).

A espinha dorsal da obra é estruturada em seis capítulos mais a apresentação, imprescindível para entender os aspectos metodológicos da pesquisa. Tânia Mara Vieira Sampaio foi autora do primeiro capítulo, *O processo educativo de lazer: vivências de um grupo de mulheres*. Com alívio àqueles que só encontram leituras vitimizantes ou panfletárias sobre as mulheres, sem orientações contra-hegemônicas, a autora não se resume aos problemas da relação gênero e lazer. Mas, se vale desse ponto de partida para fornecer subsídios sobre o lazer crítico e criativo (ao invés de somente o compensatório) para as mulheres que, reconhecidamente, possuem menos acesso ao lazer.

O segundo capítulo, de Silva e Sampaio, apresenta revisão da produção bibliográfica sobre diferentes interesses que o lazer pode assumir na sociedade, conforme o uso e o significado dado pelos praticantes. Também fundamenta acerca das barreiras étnicas, sexuais e socioeconômicas para o lazer, aspecto essencial para se conflitar as dificuldades de acesso com as tipologias úteis ao processo de educação para o lazer. Na mesma linha, Jorge Hamilton Sampaio apresenta relações entre ludicidade e direitos humanos,

assunto de vital importância para propiciar argumentos sobre a relevância do lazer à cidadania das mulheres foco do estudo. Porém, o capítulo não apenas ousa ao tratar da ternura e do lúdico como elementos fundamentais à alteridade. A leitura é enriquecida com a denúncia das falácias mais comuns ao se tratar dessa temática.

Na sequência aos capítulos de diálogo com a literatura, o leitor poderá conhecer a experiência desenvolvida em três cidades-satélites de Brasília: Areal; Riacho Fundo II; e Recanto das Emas. O quarto capítulo revela aspectos do projeto multidisciplinar de extensão denominado *Comunidade Educativa*, da Universidade Católica de Brasília. Oda, Santos, Santos, Silva e Sampaio apresentam a metodologia e a realidade da Comunidade Educativa em cada local, dando destaque aos desafios presentes em políticas integradas ou intersetoriais, nas quais o lazer está articulado a outras esferas humanas, como o trabalho.

Já no capítulo seguinte, Sampaio, Sousa, Faria, Santos, Lopes, Nascimento, Silva e Melo especificam o trabalho de educação para o lazer, por meio das oficinas. Esses encontros de lazer visaram a solidariedade e o empoderamento das mulheres das comunidades atendidas, situando o lazer como componente de emancipação. Fundamentados pela literatura discutida nos três primeiros capítulos, os autores enriquecem a perspectiva instrumental com exemplos de dinâmicas empregadas nas oficinas. As práticas foram organizadas conforme os interesses culturais do lazer (incluindo o virtual) e chamam atenção à inserção de depoimentos das mulheres, com destaque para as experiências turísticas rumo a Pirenópolis. É neste ponto da obra, em que as premissas do estudo são concretizadas, que se dá a maior tensão do trabalho, pois os relatos sobre a viagem “um dia de princesa” chamam atenção à dificuldade em superar o lazer alienado a favor daquele que seja crítico e criativo. Nisto, o posfácio escrito por Luís Otávio Assumpção, nos parece servir como advertência sobre as múltiplas influências de diferentes esferas da realidade sobre a emancipação humana no lazer.

Por fim, Lira, Tavares, Santos, Sampaio, Formiga e Melo, no capítulo 6, atentam para o fator motivacional nos projetos de longo prazo. Conforme informam, das 44 mulheres participantes no início, 25 se mantiveram constantes. Logo, o aspecto motivacional, às vezes interpretado como meramente tecnicista, se reveste de efetiva importância para a manutenção da eficácia dos programas e projetos de formação continuada no lazer. Há, portanto, diante do leitor uma produção que se preocupa com diferentes facetas presentes nas práticas sociais e políticas em esporte e lazer, sem a arrogância de esgotá-las. Outrossim, a leitura concatenada da obra revela um debate apolar, basilar para se dirimir as distâncias criadas entre macro/micro, empírico/ideias, individual/coletivo e teoria/prática.

É na complexa tessitura dessa trama entre (falsas) polaridades que *Lazer e Cidadania* se constitui como uma leitura importante a pesquisadores, gestores e profissionais. Assim, de um lado um trabalho científico sólido, com material empírico e discussão fundamentada, complementado pelos instrumentos de coleta em anexo, permitindo a reprodutibilidade do trabalho em outros contextos. Por outro lado, gestores e profissionais do lazer podem fazer proveito das experiências desenvolvidas no projeto, a fim de imputarem o planejamento das políticas de lazer com mais racionalidade participativa, aquela na qual o domínio técnico e o processo democrático estão articulados em complementaridade. Creio que este livro dá um passo decidido nessa direção.

Primavera de 2011. Maringá, Paraná.

Giuliano Gomes de Assis Pimentel

Doutor em Educação Física/Estudos do Lazer. Pesquisador da Rede Cedex e Docente do Programa Associado UEM/UEL de Mestrado e Doutorado em Educação Física.

Agradecimentos

Ao Ministério do Esporte (ME), por intermédio da Coordenação-Geral de Ciência, Tecnologia e Inovação do Departamento de Planejamento e Gestão Estratégica da Secretaria Executiva – Rede Cedex – denominação representativa genérica para o conjunto de Instituições de Ensino Superior que, por meio de pesquisa social, realiza estudos visando a qualificação das políticas públicas de esporte e lazer de inclusão social.

À Universidade Católica de Brasília em seus diversos segmentos, Reitoria, Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação, Pró-Reitoria de Extensão, Pró-Reitoria de Ensino, Controladoria, Setor de Compras, Tesouraria, Editora Universa, Curso de Graduação em Educação Física, Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado em Educação Física, Secretarias dos Cursos.

À Comunidade Educativa do Areal, do Riacho Fundo II e Recanto das Emas, em especial ao grupo de mulheres que participou de cada etapa do projeto *Lazer e Cidadania*, carinhosamente denominado por elas.

Aos estudantes da Pós-Graduação e Iniciação Científica que gestaram os encontros de lazer e os processos de elaboração de todos os frutos do projeto.

Aos colegas professores e professoras que acompanharam a execução de diversos momentos do projeto. Em especial, nosso carinho à Profa. Dra. Adriana Giavoni, a quem a vida nos tolheu muito cedo de sua companhia.



Apresentação

LAZER E CIDADANIA: HORIZONTES DE UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

O projeto de pesquisa intitulado *Lazer e Gênero: Processo Educativo de Mulheres Negras-Empobrecidas e Políticas Públicas*, desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade Católica de Brasília com o apoio da Rede Cedes do Ministério do Esporte, constituiu-se em uma experiência de diversos encontros de lazer vividos por um grupo de mulheres de algumas cidades de Brasília-DF. A concepção de Lazer que pautou toda a ação foi tecida na contraposição a uma lógica de compensação, de alienação ou de exploração próprias da economia de mercado.

O Lazer, por sua inserção na amplitude da dimensão cultural própria das sociedades humanas, pode propiciar tanto o descanso, quanto o divertimento como o desenvolvimento individual e social, **empoderando** as pessoas para tecerem contra-símbolos culturais e não apenas tornarem-se consumidores, como se este fosse mais uma mercadoria.

O problema gerador desta pesquisa consistiu na análise do afastamento das mulheres da experiência cotidiana do Lazer. A situação de discriminação, pobreza e vulnerabilidade social e racial em que vivem muitas mulheres compromete sua participação cidadã e autônoma nos processos de construção de alternativas para a superação das desigualdades sociais e das diversas formas de violência, bem como, este problema de base, afasta as mulheres de viverem plenamente seus direitos, entre eles o Lazer.

O projeto buscou possibilitar que mulheres empobrecidas, impedidas culturalmente de experimentar a dimensão educativa do Lazer por meio de momentos de ludicidade e gratuidade, vivenciados em diversos encontros, em um primeiro momento

denominado *Oficinas de Lazer*, pudessem ter acesso aos conteúdos culturais do Lazer (físico-esportivo, social, manual, artístico, intelectual, turístico e virtual).

Considerando o Lazer como uma dimensão fundamental da vida humana, a ser contemplado nas políticas públicas, o objetivo geral do projeto foi analisar o potencial educativo e emancipatório da experiência de encontros, cada qual com ênfase em um dos conteúdos culturais do Lazer, na vida de mulheres. Como consequência dessa repercussão na vida das mulheres era intuito identificar elementos fundamentais para propor políticas públicas e a produção de materiais de apoio no campo do Lazer.

A pesquisa foi realizada com um grupo de mulheres que vivem em três cidades de Brasília-DF, no entorno da Universidade Católica de Brasília. Nessas cidades, Areal, Riacho Fundo II e Recanto das Emas, realizam-se, há vários anos, programas de extensão oferecidos pela universidade, entre eles o *Comunidade Educativa*. Nesses espaços, grupos entre homens, mulheres, crianças e adolescentes recebem apoio e estímulo para muitas atividades culturais e educativas. Com esses grupos organizados fizemos parcerias para iniciar o projeto de pesquisa no campo do Lazer, especificamente com mulheres. Experiência que será relatada no presente livro.

O Projeto em pauta selecionou mulheres do Projeto *Comunidade Educativa*, cujo perfil apontou para a urgente necessidade de espaços de Lazer como processo educativo crítico e criativos para o resgate da cidadania e a afirmação da igualdade de direitos.

O projeto desenvolveu-se por meio da combinação de pesquisa bibliográfica e de campo. No que concerne à análise da produção existente no campo do Lazer, procedeu-se à pesquisa bibliográfica e no âmbito das ações, denominadas *Oficinas de Lazer*, a metodologia de pesquisa de campo foi uma combinação de pesquisa-ação e pesquisa participante.

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir de levantamento de artigos e livros em bibliotecas acessadas digitalmente e outras ferramentas específicas da Internet para consulta de periódicos. Partiu-se das palavras-chave: Lazer e gênero. Esporte e gênero. Gênero e educação. Gênero e educação física. Corpo/corporeidade e gênero.

O tipo de pesquisa que orientou o estudo foi, fundamentalmente, a pesquisa-ação em vista de seu objetivo principal ser o de “analisar o potencial educativo e emancipatório da experiência de *Oficinas de Lazer* na vida de mulheres, que vivem em situação de discriminação, pobreza e vulnerabilidade social e racial e, identificar elementos fundamentais para as políticas públicas e a produção de materiais de apoio no campo do Lazer e Esportes, a partir do referencial teórico de gênero.”

A pesquisa-ação permitiu, diferente de outros tipos de pesquisa, um envolvimento constante entre equipe pesquisadora e grupo de mulheres que foram convidadas das três comunidades mencionadas. Isso porque se buscou verificar o potencial emancipador dos processos de lazer vividos pelas pessoas. A equipe organizou diversos momentos em que se estabeleceu a escuta e retornou com a proposição de situações de lazer (as quais foram denominadas, em princípio, como *Oficinas de Lazer*), nas diversas dimensões dos interesses culturais do Lazer.

O processo de investigação teve compromisso com processos de transformações sociais na vida de todas as pessoas envolvidas, na perspectiva de enfrentamento e superação de preconceitos, marginalizações visando a autossuperação como processo de afirmação de cidadania. Nesse sentido, ao final do processo de pesquisa, a equipe pesquisadora e a comunidade de mulheres foram capazes de conjuntamente contribuir na proposição de políticas públicas a partir das mudanças experimentadas.

Na implementação deste tipo de pesquisa, todas as etapas fundamentais ocorreram mesmo sem um rigor de ordem

cronológica desses passos, respeitando uma dinâmica própria da metodologia da pesquisa-ação. Nesse sentido, para a seleção da amostra, algumas reuniões exploratórias foram realizadas com as mulheres das três cidades para que elas decidissem participar voluntariamente do processo: etapa de preparação de toda a equipe para afinar a atuação e a divisão de tarefas e finalização dos instrumentos de coleta de dados.

A elaboração do plano de ação teve como base a proposta feita no presente projeto de pesquisa e diálogo contínuo com o grupo de mulheres, o que implicou em constantes revisões durante a execução. Dada a peculiaridade deste tipo de pesquisa, em que a comunidade se envolve diretamente no planejamento e redirecionamento das etapas à luz da avaliação do ocorrido, o plano de ação sofreu alterações até o final.

Como instrumentos de coleta de dados, diversas técnicas foram adotadas no caso da pesquisa-ação, visando alimentar constantemente o processo e intensificá-lo para o maior aproveitamento possível do momento de realização da pesquisa e “empoderar” o grupo para sua continuidade, posteriormente, de modo autônomo. Entre as técnicas de coleta de dados foram utilizados questionários para traçar um perfil das mulheres. Outra técnica foi o uso de entrevistas semi-estruturadas, gravadas durante o percurso do projeto para identificar possíveis mudanças mais significativas na vida das mulheres ao experimentarem diversos momentos de Lazer. Também foram gravados em vídeo e fotografia, imagens do desenvolvimento das Oficinas de Lazer e alguns depoimentos das mulheres e equipe, após a realização de atividades. Outras dimensões da pesquisa foram realizadas pela equipe pesquisadora, como a pesquisa bibliográfica, entendendo-se fundamental investigar o que há de publicação no campo de estudos de gênero e do Lazer que dão suporte ao investigado nesta pesquisa.

O emprego dessa diversidade de técnicas de coletas de dados no Projeto teve como meta reunir o maior número de dados

possíveis, permitindo tanto um processo de ação junto ao grupo de mulheres bastante afinado com suas necessidades e prioridades, bem como um conjunto de dados significativos para a reflexão sobre políticas públicas intersetoriais e produção de materiais visando a continuidade de intervenções sociais de combate às discriminações advindas de condições de gênero, etnia e classe por meio do processo educativo do Lazer.

A concepção metodológica das oficinas de lazer baseou-se nos procedimentos de pesquisa-ação para a identificação dos principais conteúdos a serem abordados em vista das demandas e realidades evidenciadas nos diversos processos. O procedimento metodológico proposto foi de construção coletiva – universidade e comunidade – o que implicou construir um instrumento de observação contínua do processo, para registro das necessidades emergentes e devolução à comunidade de mulheres, na forma de reflexão e propostas, permitindo a organização conjunta de cada passo.

O perfil das mulheres que participaram do projeto *Lazer e Cidadania*, um nome mais curto e carinhoso, cunhado pelo próprio grupo ao longo da convivência, pode ser descrito com alguns dados gerais. De um total de 44 mulheres participantes no início, apenas 25 mulheres foram constantes em sua presença aos encontros, e as demais, dentro de suas possibilidades, apareceram esporadicamente. Em virtude de serem mulheres, na maioria trabalhadoras autônomas, (66%) atuavam como diarista, acompanhante de idosos e no comércio. Muitas eram artesãs, o que implicava ter de realizar exposição do trabalho em diversas feiras que ocorriam aos sábados, em Brasília, impossibilitando uma participação mais efetiva nas oficinas de lazer que também aconteciam aos sábados, à tarde.

Com idade média de 37,17 anos, a maior parte das mulheres eram casadas (43%) ou solteiras (36%). A maioria (71,4%) tinha casa própria, sendo que todas possuíam aparelhos elétricos em suas residências. Embora o número de filhos

tenha oscilando de 1 a 4, duas delas não tinham. Foi notório o número de pessoas que viviam na mesma casa, este variou entre 3 a 8 pessoas. Cabe ressaltar que na grande maioria, inclusive em duas das casas onde suas proprietárias eram viúvas, viviam de 5 a 8 pessoas. Em relação ao grau de escolaridade, houve uma equivalência entre três grandes grupos que possuíam ensino fundamental incompleto, fundamental e ensino médio completos, e um pequeno grupo que cursava o ensino superior. Apenas uma tinha o curso superior completo e fazia especialização. O grupo foi composto de 63% de mulheres negras e pardas e 37% brancas, a maioria delas, 93%, afirmou participar de comunidades religiosas.

A beleza de uma construção coletiva como a experimentada neste projeto de pesquisa está na alegria e liberdade que marcaram os encontros entre as mulheres. Um desejo de afirmar este como espaço “nosso” permitiu uma apropriação do território da universidade para o cotidiano das mulheres e suas famílias. Diversos outros projetos de extensão, de pesquisa, de cursos para a comunidade e até mesmo os cursos de graduação têm feito parte do cotidiano efetivo de algumas, e sonho construído, tijolo a tijolo, por muitas. O retorno aos estudos foi uma realidade de muitas dessas mulheres, que atualmente pleiteiam seu espaço nas universidades.

A experiência vivida no projeto *Lazer e Cidadania* abriu espaço para acolhermos o texto *Ensino*, de Adélia Prado:

Minha
mãe achava estudo
A coisa mais fina do mundo.

Não é
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
Ela falou comigo:

Apresentação

“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.
Arrumou pão e café , deixou tacho no fogo com água
Quente.
Não me falou em AMOR.
Essa palavra de LUXO.
(Adélia Prado)

Tânia Mara Vieira Sampaio
Coordenadora do Projeto de Pesquisa



Capítulo 1

O PROCESSO EDUCATIVO DE LAZER: VIVÊNCIAS DE UM GRUPO DE MULHERES

Tânia Mara Vieira Sampaio

O Lazer, enquanto manifestação humana e direito inalienável das pessoas traz em seu bojo possibilidades de contestação e mudança de valores, que expresso por meio de ações culturais, pode possibilitar a transformação do estilo de vida das pessoas. Mas para isso é preciso compreendê-lo, não como um instrumento de dominação e de alienação, que impede a visão crítica das pessoas e camufla a realidade e os conflitos sociais existentes na sociedade, e sim como uma perspectiva de outras vivências modificadoras de valores e atitudes. O lazer precisa ser concebido como “a livre adesão e o prazer, propiciando condições de descanso, divertimento e desenvolvimento tanto pessoal quanto social” (MARCELLINO, 2002, p.31).

Entendemos que para indicar qualquer tipo de mudança que altere as condições de produção das relações de dominação é necessário todo um processo coletivo de educação. “É preciso mudar a ordem simbólica e, conseqüentemente, mudar as relações na prática, no cotidiano da cultura” (GEBARA, 2000, p. 112). Nesse sentido, realizou-se a proposta de experimentar o potencial emancipador do lazer em encontros periódicos com mulheres a fim de mudar a ordem simbólica e cultural que as priva de momentos de lazer como um direito cotidiano.

O impacto ou benefícios previstos no projeto e as transformações positivas e duradouras esperadas e muitas delas alcançadas estavam articuladas às perguntas fundantes desta ação. Entre as perguntas orientadoras estavam as seguintes: Por que perguntamos pelas mulheres que foram convidadas a iniciar um processo de cidadania e emancipação por meio de atividades de lazer? Por que desejamos identificar quais as atividades de lazer eram as mais adequadas para promover uma autoimagem afirmativa

das mulheres? Por que desejamos identificar se a prática coletiva e comunitária de atividades de lazer propiciaria maior aprendizado em termos de empoderamento e emancipação das mulheres para o enfrentamento de problemas e tomada de decisões na sua vida em geral? Por que desejamos identificar as mudanças ocorridas na percepção de mundo, de horizontes, de aspirações, de confiança como fatores de prevenção aos diversos tipos de violência sobre as mulheres. Por que pretendemos verificar a contribuição de situações e espaços lúdicos como propiciadores de aprendizado, desenvolvimento pessoal e social, bem como potencial de apropriação de direitos e de compreensão de cidadania? Por que buscamos experimentar a superação de estereótipos detectados no saber sedimentado culturalmente? Por que pretendemos contribuir para o processo de estabelecimento de políticas públicas que garantissem uma democratização cultural, na qual o lazer tivesse seu lugar devido a sua importância e em novas bases de concepção? Por que buscamos contribuir para o redimensionamento de Políticas Públicas de Lazer que não se restringisse ao caráter físico-esportivo, mas integrassem as demais vertentes ou conteúdos culturais, resultando em uma nova construção das relações de poder entre os gêneros, etnias e classes? Por que buscamos realizar uma análise crítica do material bibliográfico no campo do Lazer e apresentar propostas de novas linhas de ação?

O presente projeto consistiu em subverter a concepção de lazer enquanto atividade compensatória ou em oposição ao trabalho ou de entretenimento alienador. A diversidade de conteúdos culturais do lazer devido a seu grande potencial educativo e transgressor motivou a que as “oficinas de lazer” fossem concebidas como momentos facilitadores para o encontro das mulheres consigo mesmas e com as outras. Também se oportunizou um aprendizado crítico e criativo sobre realidades anteriormente conhecidas ou novas, por meio da experimentação de regras dadas e reconstrução destas a partir da resolução de problemas e demandas surgidas no processo; a percepção das barreiras de gênero, classe e

etnia construídas culturalmente que impedem a participação nos jogos, na recreação, na atividade física, no acesso aos bens artísticos e culturais da sociedade; o aprendizado de posturas autônomas, cidadãs, consciente dos direitos, emancipadoras, participante na tomada de decisões; e a fruição gratuita e alegre de atividades que permitam às pessoas renovarem suas esperanças e sonhos.

Nesse sentido, esta pesquisa também contribuiu para a construção de saberes e de perspectivas de políticas públicas para dialogar com o Sistema Nacional de Esporte e Lazer, Rede Cedex do Ministério do Esporte. Esta compreensão tem guarida nas deliberações da I Conferência Nacional de Esportes e reiterada posteriormente na II Conferência, as quais apontam incisivamente para os seguintes princípios norteadores:

1. O projeto histórico de sociedade comprometido com a reversão do quadro de injustiça, exclusão e vulnerabilidade social ao qual se submete grande parcela da nossa sociedade;
2. O reconhecimento do esporte e do lazer como direitos sociais;
3. A inclusão social compreendida como a garantia do acesso aos direitos sociais de esporte e lazer a todos os segmentos, sem nenhuma forma de discriminação, seja de classe, etnia, religião, gênero, nível socioeconômico, faixa etária e condição de necessidade especial de qualquer espécie;
4. A gestão democrática e participativa, com ênfase na transparência no gerenciamento dos recursos (BRASIL, 2004).

Os aspectos em destaque no texto acima corroboram a importância de que o Sistema Nacional de Esporte e Lazer, receba a contribuição de pesquisas e estudos que assumam vertentes expressivas dos estudos atuais, para garantir o processo de inclusão social, sem qualquer tipo de discriminação, bem como avançar na construção de relações sociais de poder, que no próprio Lazer e Esporte apresentem uma perspectiva de desenvolvimento pessoal e social capaz de ajudar a reverter aspectos da realidade social

que privam a muitos de acesso a seus direitos humanos e sociais, possibilitando uma experiência democrática e participativa, como apresenta-se na própria introdução do documento resultante da II Conferência, ao afirmar que:

(...) tendo por base o regime de colaboração entre a união, os estados e municípios, com ênfase na municipalização, consolidando o esporte e o lazer como direitos sociais e guiando-se pelos princípios da democratização e inclusão social, articula, integra, promove e estabelece relações éticas de parcerias entre as entidades da sociedade civil, instituições públicas e privadas, em torno do esporte educacional, de participação e de rendimento, valorizando a acessibilidade, descentralização, intersetorialidade e multidisciplinaridade das ações esportivas e de lazer (BRASIL, 2006).

No marco da afirmação do Lazer como um direito inalienável de todas as pessoas, busca-se uma concepção na qual a democratização de seu acesso transcenda condições de classe social, de gênero, de etnia, entre outras. A construção de Políticas Públicas com esta nova percepção das relações humanas e sociais depende de estabelecer novos conhecimentos nos estudos da área. Desse modo, selecionamos os estudos de gênero com suas interseções de etnia e classe como fator a ampliar o debate no campo do Lazer ao enfrentar também barreiras inter e intraclasses.

O problema norteador de pesquisa enfrentou o fato de que muitas pessoas não se percebem preconceituosas pelo fato de aceitarem de forma incontestável e “natural” que as diferenças biológicas justificam as desigualdades entre homens e mulheres nas vivências em diversas esferas da vida social, entre elas o lazer. Segundo Raquel Siebert (1995, p. 19) “as práticas sociais são, portanto, *introjetadas* pelos indivíduos que aprendem a dar as respostas esperadas aos estímulos que recebem do mundo e da sociedade.”

As desigualdades eram e ainda são justificadas, não raras vezes, por setores conservadores científicos, políticos e religiosos

com base na diferença biológica entre homens e mulheres, entre brancos e negros, entre seres humanos e natureza. Os estudos mediados pela categoria de gênero evidenciam que os processos normativos de construção do saber e do imaginário cultural convergem para relações sociais de poder que subordinam, discriminam e vulnerabilizam as mulheres, realidade que se agrava quando agregadas às condições de raça e classe. Portanto, é fundamental buscar a des-naturalização de processos que são socialmente construídos e a análise das relações sociais de poder que se estabelecem por estas bases.

Sabe-se que independente da prática de quaisquer que sejam os conteúdos do lazer (físico-esportivos, manuais, intelectuais, artísticos, sociais, turísticos e virtuais), o uso do tempo de lazer para homens e mulheres, por exemplo, é efetivamente diferente devido a fatores culturais e sociais. Essas diferenças já começam na infância, com os adultos impondo atividades do tipo competitivas e agressivas para os meninos e, atividades delicadas para as meninas (SAMPAIO, 2008). Outro fator óbvio e relevante na questão do tempo disponível para as mulheres é o fato de que na grande maioria das vezes elas assumem a maior (se não integralmente) parte das tarefas domésticas. Segundo Heloísa Bruhns (1995), se considerarmos que uma mulher que trabalha fora de casa, é casada e possui filhos/as, temos de destacar que para ela as oportunidades de lazer são reduzidas, em virtude das tarefas domésticas e cuidado dos filhos, que têm de ser realizadas por ela. Ou nas palavras de Nelson Marcellino (2002, p. 35):

[...] para as mulheres que “trabalham fora” a situação também não é nada animadora. Além de sofrerem os mesmos efeitos negativos do trabalho moderno a que os homens estão expostos, há toda uma carga de pressões socioculturais no ambiente profissional, com agravantes que se manifestam após o expediente. A divisão do trabalho doméstico, numa sociedade tipicamente patriarcal, é verificada como exceção. Além das jornadas de

trabalho profissional, as mulheres cumprem novos expedientes, assumindo, via de regra, a totalidade das tarefas do lar.

Para enfrentar tais processos de assimetrias nas vivências de lazer por homens e mulheres, torna-se fundamental perceber que estas construções culturais de poder estabelecidas nas relações não são privilégios apenas desse tempo e espaço, mas ocorrem nas demais esferas da vida. A possibilidade crítica e criativa de vivenciar o lazer comprometido com a importância das mudanças no plano cultural e o entendimento do lazer como direito social fundamental de todas as pessoas, pode contribuir para mudanças de paradigmas no próprio campo de estudos em tela como no que diz respeito à percepção do econômico, do social, do cultural, do político, do ambiental entre outros. Para tanto, é preciso que se considere uma revisão antropológica no que tange às relações sociais de poder provenientes das relações estruturadas segundo matrizes de gênero, de classe e etnia predominantes (SAMPAIO, 2008).

Os estudos mediados pela categoria de gênero põem em evidência processos de construção do saber visando a desnaturalização daquilo que é cultural e socialmente construído. As matrizes de gênero desenhadas nas culturas são um dos exemplos que têm força de imprimir aos corpos algo que transcende sua anatomia. Os estudos das masculinidades e feminilidades atestam que não há um biológico que não seja culturalizado, bem como o inverso.

A reflexão de gênero implica, segundo Guacira Louro (1997), estudar um campo desconhecido e aceitar certo desconforto de ter certezas provisórias e inscrever no próprio processo de investigação a autocrítica constante, fazendo de forma que provoque a mobilização e não o contrário. Não se está tomando gênero como o único, nem como melhor dos paradigmas para a análise dos Estudos do Lazer, apenas ressaltando sua forte contribuição, hoje avalizada em produções científico-acadêmicas em várias áreas de conhecimento e de construção de Políticas Públicas que visam a

democratização de acesso às pessoas, independente de sexo, gênero, etnia, raça, idade, deficiências etc.

No intuito de aprofundar diversos aspectos no campo do Lazer, selecionamos a interlocução com os estudos de gênero por ser esta uma dimensão que atravessa transversalmente a experiência de relações humanas, marcando a corporeidade de maneira indelével. Não se deseja tratar do Lazer como um bem abstrato, mas como um direito de toda e qualquer pessoa, o que implica revisitar suas próprias concepções e o modo como a cultura normatiza a corporeidade criando possibilidades e interditos a partir das condições de gênero ao que se acrescenta etnia, classe como dimensões interdependentes.

Portanto, compreender as discussões das relações de gênero significa não apenas compreender as diferenças entre homens e mulheres e não permitir que elas sejam desiguais, mas sim, observar como a educação, as relações familiares, a mídia, a indústria cultural, o mercado capitalista e as próprias atividades de Lazer tentam camuflar as construções histórico-culturais das diferenças para justificar diversas desigualdades como algo “natural”. De modo semelhante acontece com dimensão das relações de classe e de raças/étnicas.

As relações de gênero, de classe e raça/etnia não são algo de que se possa tomar distância, como outros aspectos da realidade, pois, de forma mais ou menos implícita, estruturam as relações cotidianas do espaço doméstico, do espaço da educação, do trabalho, do convívio social constituindo as identidades pessoais e coletivas.

Embora não se busque eliminar as diferenças de ordem biofisiológicas, estas precisam ser revisitadas pelas interrogações advindas dos processos de construção histórico-culturais que justificam e legitimam a privação ou desigualdades de acesso das mulheres a determinadas práticas sociais e de lazer. Patrícia Vieira *et al* (1995, p.139) explicam que:

Partindo do conhecimento que somos (homens e mulheres) iguais no que diz respeito a deveres e direitos, há que se pensar, fundamentalmente, na cultura e não na natureza como a esfera que demarca limites, funções, papéis, comportamentos, atitudes, poderes diferenciadores para cada sexo. E com essa afirmação queremos dizer que as diferenças se expressam não apenas nos aspectos biológicos, mas também nos aspectos que são culturalmente construídos.

Ao discutir os limites históricos do determinismo biológico para a compreensão dos corpos de homens e mulheres, de brancos, negros e indígenas não significa abandonar as contribuições dessa área de saber, mas trata-se de redimensioná-la para evitar que sirvam apenas para discriminar, por sexo e raça, as atividades possíveis ou não a um e outro, reforçando com isso matrizes de gênero e étnicas construídas histórico-culturalmente com a finalidade de padronizar e controlar os corpos. Desdobramentos semelhantes se podem observar com relação às questões de acessibilidade devido à classe social, idade, necessidades especiais ou deficiências entre outras.

Este enfoque relaciona-se diretamente com as diretrizes previstas para o Sistema Nacional de Esporte que postula:

Política esportiva e de lazer descentralizada; gestão participativa; acesso universal; controle social da gestão pública; desenvolvimento da nação; integração étnica, racial, socioeconômica, religiosa, de gênero e de pessoas com deficiência e com necessidade especial de qualquer natureza; desenvolvimento humano e promoção da inclusão social (BRASIL, 2004).

Considerando que “produção do saber e exercício do poder, longe de se constituírem em esferas estanques e separadas, aparecem historicamente indissociadas” (NUNES, 1995, p.10), a correlação evidente entre poder e saber traz consigo a pergunta pelo acesso a um conhecimento mais amplo sobre o Lazer e seu

potencial educativo e transgressor quando experimentado em suas várias vertentes – a saber, manual, intelectual, artístico, social, físico-esportivo, turístico e virtual. Isso equivale a dizer que os estudos do Lazer não podem prescindir do debate de Gênero, em virtude especialmente de seu potencial revolucionário diante das amarras que o sistema capitalista e a indústria cultural promovem tentando aprisioná-lo (SAMPAIO, 2004, 2002).

A eficácia histórica da mobilização em torno das questões de gênero precisa estar ancorada em diretrizes políticas e, ousando um pouco mais, inserindo-se no pedagógico e traduzida em conhecimento, a fim de fomentar questionamentos sobre as inter-relações dos indivíduos, para a prática de uma ação libertadora. Dessa forma, dentro da grade complexa ou rede de desajustes, faz-se necessário sempre entender que assimetrias nas relações de gênero são constituídas simbolicamente, pois “não existem essências imutáveis de gênero, sexo, raça, natureza: sua significação é construída pelos grupos humanos. Tudo é misturado à cultura, realidade constitutiva e evolutiva” (GEBARA, 1997, p. 13).

Culturalmente, sabemos que o poder político é território dos homens. A ideia de que a política não é assunto das mulheres, ainda hoje, permanece enraizada. “Politicamente é que se instauram os poderes; portanto, notamos que a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres” (PERROT, [s.d.], p. 175). Para aproximarmo-nos dessa complexa teia relacional, um passo é compreender a categoria de Gênero como:

(...) um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, gênero é uma força primeira de significar as relações de poder. [...] As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder (SCOTT, 1995, p. 73).

É digno de nota marcar aquilo que procuramos evitar e corrigir na construção dos conhecimentos por meio das vivências

de lazer junto ao grupo de mulheres: a) negação da pluralidade de masculinidades e feminilidades; b) a produção e reprodução de relações assimétricas baseadas em diferenças biológicas sem a devida crítica aos processos culturais que conferem poder ou não aos diferentes grupos sociais; c) o processo de educação pelo lazer indiferente aos avanços que a reflexão de gênero trouxe para diversas áreas de conhecimento, reproduzindo, na forma de um saber erudito, irresponsabilidades, indiferenças, privilégios e preconceitos entre gêneros, classes e etnias.

A justiça social considerada a partir de gênero e raça articula-se ao debate sobre os direitos humanos. Se legalmente os direitos humanos são os direitos de todos e de todas e devem ser protegidos em todos os estados e nações, na prática isso ainda não acontece de maneira ampla. As violações dos direitos humanos sofridas pelas mulheres, no mundo inteiro, a cada minuto estão estampadas nos jornais, nas delegacias da mulher e nas pesquisas identificando o quanto os direitos das mulheres estão sendo cotidianamente desrespeitados. Se a mulher for pobre e negra ou índia, a situação se agrava ainda mais (SAMPALIO, 2008).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma que sua aplicação transcende as distinções de gênero e raça, dentre outras. Cabe destacar a importância da Declaração pelo que ela tem significado em termos de garantias aos direitos humanos, no entanto, consideramos importante problematizar o fato de que afirmações universais podem implicar perda ou a dificuldade de encontrar os grupos sociais nas circunstâncias específicas em que sofrem injustiças. Por isso, a identificação das injustiças sofridas pelas mulheres, por serem desdobramentos de uma opressão maior sofrida também pelos homens, tem muita dificuldade em ser percebida como injustiças de gênero e de raça (CRENSHAW, 2002).

A concepção das relações sociais de gênero apresenta-se como um novo paradigma, capaz de não simplesmente visibilizar mulheres e/ou grupos oprimidos, mas de iluminar as descobertas

sobre a estruturação das opressões e dos jogos de poder que organizam discursos normativos e estabelecem controles sociais, inclusive na produção dos saberes. A proposição da categoria analítica de gênero se apresenta como uma possibilidade teórica que ao enfrentar a pergunta pelas relações sociais de poder é capaz de articular não só a confluência das relações de sexo, mas também étnicas, de classe que atravessam as diferentes parcelas da humanidade (SAMPAIO, 2008).

Segundo Jo Ann Scott (1995) à medida que gênero constitui-se em uma categoria de análise, é possível estabelecer analogias com a classe e a raça, levando-se em consideração que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, estes três eixos. Muito embora não se possa afirmar uma paridade entre estes três termos e sua aplicabilidade analítica aos processos estruturais. Na visão da autora, a articulação das categorias de classe, de raça e de gênero assinala um duplo compromisso, o da inclusão dos discursos das pessoas que experimentam a opressão e o da realização de uma análise do sentido e da natureza destas opressões.

É fundamental não perder de perspectiva que a realidade social é dinâmica e a própria condição de subordinação ou opressão das mulheres não é absoluta, mas depara-se com diversos movimentos de resistência e apropriação de parcelas de poder.

Não há como não trazer o mestre Paulo Freire em sua afirmação:

(...) sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se... Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança (FREIRE, 1992, p. 91-92).

O processo lento, que muitas vezes, não é compatível com as urgências de sobrevivência que pautam o cotidiano das mulheres

são desafios a serem enfrentados pelo projeto. Há que se organizar com a perspectiva de que o direito à dignidade de vida em todas as suas esferas é um direito inalienável e não pode ser obscurecido pela lógica do mercado com suas promessas de satisfação imediata. Nesse sentido, terá como enfoque primordial a promoção do Lazer como espaço de “empoderamento” das mulheres e processo educativo no âmbito pessoal e no social, promovendo a fruição do seu direito à cidadania plena e a apropriação de valores que gerem a transformação da sociedade (MARCELLINO, 2002; SAMPAIO, 2004).

As atividades de Lazer, expressas por meio dos conteúdos culturais (manual, intelectual, artístico, social, físico-esportivo, turístico e virtual), apresentam-se em seu duplo aspecto educativo, como uma oportunidade fundamental para desfrutar do Lazer gratuitamente e ser espaço de desenvolvimento pessoal e social com vistas à transformação das relações sociais, tornando-se espaço de vivência, construção e resgate da cidadania das pessoas. Trata-se de realizar vivências nas quais as mulheres experimentem a gratuidade e fruição dos mo[vi]mentos lúdicos, rompendo com visões que instrumentalizam o Lazer, colocando-o a serviço do mero aumento de produtividade do sistema de produção ou recompensa para quem atingiu patamares de excelência no nível de produtividade (MARCELLINO 2001; SAMPAIO, 2002).

A atuação multidisciplinar, prevista no projeto, propôs uma experiência importante entre docentes e discentes para que exercitassem o diálogo epistêmico a partir das demandas concretas da comunidade, bem como, exigisse da equipe, a sensibilidade para priorizar os processos de capacitação e socialização do conhecimento técnico-científico das várias áreas de saber com ênfase em uma concepção de Lazer que coopera para os processos de uma saúde integral, de afirmação da dignidade e direitos fundamentais da pessoa e principalmente, elemento de resgate da cidadania.

Nessa ação educativa pelo e para o Lazer, procurou-se ampliar a concepção de cidadania numa perspectiva que tomasse

em consideração uma articulação ético-política – a qual Félix Guattari (1990, p.8), chama ecosofia – referindo-se aos “três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana”. Nesse caso, a experiência de cidadania buscada no presente projeto, concebeu que o direito ao Lazer é um bem tão fundamental quanto o trabalho, e não mera compensação para quem está inserido neste último. Igualmente, a vivência do Lazer foi buscada, enquanto atividade manual, intelectual, artística, social, físico-esportiva, turística e virtual na qualidade de elemento básico para desenvolver processos críticos e criativos de construção de valores fundamentais para a autonomia das pessoas nelas envolvidas e a sustentabilidade do ecossistema em suas múltiplas interdependências. Isso porque ao pensar em desenvolvimento sustentável afirmou-se a perspectiva de que do ponto de vista sistêmico as únicas soluções viáveis são as sustentáveis, isto é, aquelas que ao serem desenvolvidas satisfazem as necessidades atuais sem destruir as perspectivas de vida digna das gerações futuras (CAPRA, 1996).

A experimentação do Lazer com esta perspectiva inseriu-se no propósito maior de afirmação da dignidade de vida como direito inalienável de todas as pessoas. Portanto, não bastava oferecer cursos, oficinas e ações pensadas de dentro da universidade ou a partir dos gabinetes do poder público, era fundamental que as propostas preliminares organizativas do diálogo com as comunidades fossem instrumentos de diálogo, promovendo um planejamento participativo, de forma a considerar os problemas detectados, os recursos existentes e os que teriam que ser buscados a fim de propiciar que as mulheres experimentassem um espaço prazeroso para a sua experiência existencial e pudessem, a partir da experiência variada de lazer, estabelecer relações com outras esferas de sua vida.

A execução de oficinas com enfoque metodológico pautado em atividades de Lazer partiu do pressuposto de que todo processo educativo pode vir a ser espaço de aprendizado e

simultaneamente espaço de prazer e de ludicidade, como forma de devolver às pessoas seu direito à dignidade no cotidiano. Nesse sentido, Rubem Alves (1986) ao propugnar uma vivência do Lúdico e do Lazer marcada pelas dimensões Ética e Profética nos inspirou a desejar e projetar uma ação com este norte. Na dimensão ética, compreendemos ser nossa responsabilidade resgatar novos valores sobre o Lazer que, não raras vezes, estão encobertos pelo senso comum instruído pela indústria cultural e pelo poder alienante que oferece circo para desviar a consciência dos direitos fundamentais de cidadania. A dimensão profética tem sido assumida como possibilidade de experimentar transcender às próprias atividades Lúdicas e de Lazer, permitindo que os aprendizados e fruição desses espaços revitalizassem a totalidade do cotidiano e realidade, promovendo descobertas que garantissem a autonomia e que as pessoas re-inventassem suas vidas nas esferas do trabalho, da família, da diversão e em todas aquelas que implicam relações sociais de poder.

Desse modo, a concepção de Lazer que permeou todo o conjunto de atividades esteve sintonizada com a utopia de uma sociedade mais justa que se constrói a partir de um processo de decisão participativa e autônoma, bem como por meio de jogos lúdicos nos quais se pôde experimentar a reinvenção da realidade. Isso foi possível, tendo como ponto de partida uma concepção de Lazer que enfrentou a lógica que o reduz a um processo de compensação, de alienação ou de exploração pelo mercado e o promoveu como processo educativo e espaço crítico e criativo para o desenvolvimento humano, capaz de construir mudanças sociais significativas. Assim, postulamos um lazer que transgrida o tempo permitido pelo Chronos da economia de mercado. O tempo do lazer, na imagem da festa, quer ser Kairós de uma humanidade que constrói sua dignidade nas brechas da morte-vida-severina. Ainda que lhe falte o trabalho, que a brincadeira lhe seja possível. Busca-se a construção de saberes nos estudos do lazer para que ela seja uma atividade humana criativa e libertadora e possa ser vivida como

simples fruição, sem ter de responder pela lógica da produtividade e da utilidade social (SAMPAIO, 2004, p. 192).

O diálogo, permeado por várias ações de caráter lúdico, desenvolvidas por meio de atividades de lazer de recorte manual, intelectual, artístico, social, físico-esportivo, turístico e virtual permitiu às mulheres uma nova percepção de si mesmas. A autoestima e abertura de horizontes, que se experimentou nessas vivências, teve potencial significativo para impulsioná-las a desenvolver um processo de relações e construções solidárias com perspectivas de superação das desigualdades e violências.

A atuação interdisciplinar pretendida no projeto cumpriu os propósitos de um aprendizado de todas as pessoas envolvidas (mulheres das Comunidades Educativas, docentes e discentes) permitindo que as questões da realidade social retornassem à Universidade como interpelações ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão. A experiência interdisciplinar, na organização das atividades e na atuação de docentes e discentes de várias áreas de saber da Universidade, de fato, oportunizou a experiência de construção coletiva de processos de gestão de recursos escassos aliados a processos de construção coletiva.

Referências Bibliográficas

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Paulinas, 1986.

BRASIL, Ministério do Esporte. **Carta de Brasília, I Conferência Nacional de Esportes**. Brasília, 2004.

BRASIL, Ministério do Esporte. **Resoluções da II Conferência Nacional do Esporte**. Brasília, 2006.

BRUHNS, Heloisa Turini. Corpos femininos na relação com a cultura. *In*: ROMERO, Elaine. (Org.). **Corpo, Mulher e Sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: Uma nova compreensão dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

CRENSHAW, kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, vol.10, n.1, p. 171-188, jan. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista: ensaio** para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação – Uma Perspectiva Pós Estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Humanização**, 4. ed. Campinas:Papyrus, 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**, 6. ed. Campinas: Papirus, 2001.

NUNES, Maria José F. R. Gênero: saber, poder e religião. *In: MANDRÁGORA. Estudos Feministas e Cristianismo. Pós-graduação em Ciências da Religião, Instituto Metodista de Ensino Superior. São Bernardo do Campo, 1995.*

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. 2. ed. São Paulo: Paz e terra [s.d.].

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Avançar sobre Possibilidades: horizontes de uma reflexão ecoepistêmica para redimensionar o debate sobre os esportes. *In: MOREIRA, W.W., e SIMÕES, R. (Orgs.). Esporte como Fator de Qualidade de Vida. Piracicaba: Unimep, 2002, p. 85-99.*

SAMPAIO, Tânia Mara. Conhecimento científico: capacidade humana de intervir reinventando a sina severina. *In: MOREIRA, Wagner Wey. (Org.). Educação Física: intervenção e conhecimento científico. Piracicaba: UNIMEP, 2004.*

SAMPAIO, Tânia Mara. Gênero e Lazer: um binômio instigante. *In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). Lazer e Sociedade, múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008.*

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *In: Educação & Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul.-dez. 1995.*

SIEBERT, Raquel Stela de Sá. As relações de saber-poder sobre o corpo. *In: ROMERO, Elaine. (Org.). Corpo, Mulher e Sociedade. Campinas: Papirus, 1995.*

VIEIRA, Patrícia Rodrigues de Borba; GOELLNER, Silvana Vilodre; PILOTTO, Fátima Maria, ALTMANN, Helena. Cães, mulheres e nogueiras, quanto mais se bate, melhor ficam. *In: ROMERO, Elaine. (Org.). Corpo, Mulher e Sociedade. Campinas: Papirus, 1995.*



Capítulo 2

O LAZER E SUAS DIVERSAS FACES

Junior Vagner Pereira da Silva
Tânia Mara Vieira Sampaio

Contextualizando o significado do lazer às suas respectivas épocas, Marcellino (2003) afirma existir dois períodos bem demarcados, sendo um essencialmente rural (sociedade tradicional), sem que houvesse separação entre as várias esferas da vida do ser humano (trabalho, família e festas religiosas) e outro essencialmente urbano (sociedade moderna), passando a existir progressiva fragmentação e especialização no trabalho, afastando, assim, os indivíduos da convivência nos grupos primários. Enquanto no primeiro o lazer assumia um caráter de estilo de vida (atitude) e, desse modo, independente de um tempo determinado; no segundo o lazer era situado como tempo liberado do trabalho e obrigações familiares, sociais, religiosas (tempo).

De acordo com Dumazedier (1979), o lazer entendido sobre o aspecto atitude valoriza apenas o prazer decorrente da realização de alguma atividade, não estando, portanto, vinculada a uma única espécie de atividade. A respeito dessa questão, Marcellino (2003) corrobora expondo que o lazer concebido pelo aspecto atitude caracteriza-se pelo tipo de relação existente entre o sujeito e a experiência vivida, evidenciado pela satisfação provocada pelas atividades, ao passo que sob o aspecto tempo, somente as atividades realizadas no tempo liberado do trabalho ou das obrigações trabalhistas, políticas, religiosas e sociais passam a ser concebidas como tal. Dentre os autores que entendem o lazer como existente desde os tempos mais antigos se destacam De Grazia (1966) e Mummé (1980).

Refutando a ideia de que o lazer sempre existiu e que ele passou a ocorrer somente após a existência de um tempo livre das

obrigações trabalhistas, religiosas, políticas e sociais, Dumazedier (1980) o entende como um advento da sociedade moderna, quando foram necessárias duas condições históricas para o seu aparecimento. Primeiro foi preciso que o tempo livre saísse do conjunto dos rituais mágico-religiosos e, segundo, que um corte nítido entre as horas de trabalho e não-trabalho fosse introduzido. Esse corte nítido entre horas de trabalho e não-trabalho é representado pela regulamentação do descanso diário, final de semana remunerado, férias anuais remuneradas e aposentadoria.

Por conseguinte, seriam características do lazer o caráter libertário, liberado das obrigações profissionais, socioespirituais e sociopolíticas e familiares; o caráter desinteressado, quando não se tem fim lucrativo algum; o caráter hedonístico, caracterizado pelo prazer, alegria e felicidade e o caráter pessoal, recuperador e libertador das tensões diárias (DUMAZEDIER, s/d).

Atribuindo esses valores ao lazer, Dumazedier (1973) o conceitua como um conjunto de ocupações em que o indivíduo poderia entregar-se de livre vontade a seu tempo livre, após a realização de suas obrigações profissionais, familiares e sociais, tendo como objetivos o descanso, o divertimento, o recrear-se e entreter-se e o desenvolvimento.

Posicionando-se contrariamente ao conceito de lazer defendido por Dumazedier, por entender que a concepção do autor é decorrente de uma visão funcionalista, que vê o lazer como instrumento recuperador da força de trabalho, utilizando suas atividades para a manutenção e reparo de suas tensões, visando, por conseguinte, melhores desempenhos produtivos ou como finalidade única da existência humana, contrapondo, lazer e trabalho, Marcellino (2003) expõe que, embora não desconsidere a importância do lazer oferecer atividades e descanso e de divertimento, o lazer não deve ser entendido como simples atenuador de tensões ou como algo que ajuda na convivência com as injustiças sociais.

Diante dos traços mercadológicos que o lazer apresenta na sociedade contemporânea, sendo transformando em mercadoria a ser consumida, Marcellino (2003) salienta que para sua melhor compreensão opta por levar em consideração tanto o aspecto tempo quanto o aspecto atitude, não devendo ficar limitado a um ou outro.

Visto dessa forma, a disponibilidade de tempo pressupõe uma opção e a atitude uma ação, podendo ser tanto prática quanto contemplativa. Assim, a contribuição do lazer deve ser bem mais ampla, auxiliando em mudanças sociais que são necessárias para o surgimento de uma nova sociedade, uma vez que as possibilidades de escolha e o caráter desinteressado de sua prática são características básicas do lazer.

Compreendendo o potencial de ação do lazer como agente transformador do pessoal e social, Marcellino (2003) o entende como componente da cultura que é vivenciado num tempo disponível, tanto por meio de atividades práticas quanto contemplativas, tendo como traço definidor o caráter desinteressado com que o indivíduo vivencia essa atividade, sendo seu valor cultural determinado de acordo com os níveis alcançados nas atividades; níveis esses classificados por Dumazedier (1973) como elementar-conformismo, médio-crítico e superior-criativo.

Para Marcellino (2003), no lazer não se busca nenhuma compensação das frustrações ou pressões do cotidiano porque a disponibilidade de tempo para sua prática significa a possibilidade em optar pela realização de uma atividade prática ou, até mesmo, pelo não fazer (contemplação); opções essas efetivadas por meio dos interesses culturais do lazer.

À luz de algumas interpretações a respeito do significado do lazer, partilha-se do conceito operacional historicamente situado defendido por Marcellino (2008), que tem como pilar a cultura entendida no seu sentido mais amplo e relacionada aos diversos conteúdos culturais, podendo ser vivenciada por meio da prática, fruição ou conhecimento; que gerado historicamente mantém

uma relação dialética com a estrutura social, influenciando e sendo influenciado, configurando-se num momento importante para vivência de valores que provoquem mudanças de ordem moral e cultural, logo, portador de um duplo processo educativo.

LAZER E INTERESSES CULTURAIS

Passados quase 40 anos das primeiras publicações de suas obras no Brasil, no que tange às questões relacionados ao lazer, ainda se destacam as importantes contribuições de Jofre Dumazedier, sendo suas obras bastante presentes em artigos, livros, dissertações e teses brasileiras nessa temática.

Dentre as diversas contribuições de Dumazedier, podemos citar a organização das atividades de lazer por conteúdos, gêneros e níveis de atuação, concepções teóricas que foram e são de suma importância para compressão das questões relativas à Sociologia do Lazer, sobretudo quando o lazer é entendido na perspectiva de emancipação humana, podendo figurar como objeto e veículo de educação.

Partindo da análise das principais classificações já existentes sobre as atividades de lazer, dentre elas, as propostas por Havighurst, Foote, Cottrel e Kaplan, Dumazedier (1979) elabora um novo esquema, denominando-o de conteúdos culturais das atividades de lazer – interesses culturais – reagrupando, para fins didáticos, os diversos conteúdos culturais existentes em cinco conjuntos de interesses – físicos, estéticos/artísticos, intelectuais, manuais e sociais. Posteriormente, essa proposta foi ampliada com a inserção do interesse cultural turístico (CAMARGO, 1986) e, mais recentemente, a existência de um novo conteúdo, o virtual, tem sido postulado (SCHWARTZ, 2003).

No que tange aos interesses culturais físicos/esportivos estes são caracterizados pelo envolvimento com esportes e exercícios físicos, assim como pelo contato com várias outras atividades relacionadas às manifestações da cultura corporal do movimento, como ginásticas, danças, lutas, jogos motores, dentre outras.

Para Melo e Alves Júnior (2003), esse interesse cultural configura-se como uma das oportunidades de lazer mais procuradas e difundidas pelos meios de comunicações, fazendo com que por vezes seja entendido de forma reduzida, como se o lazer restringisse-se apenas aos esportes/exercícios físicos.

Dentre os principais objetivos das pessoas que ocupam o tempo de lazer com a prática de esportes e exercícios físicos, encontram-se a busca do bem estar e a promoção da saúde (MELO; ALVES JÚNIOR, 2003), condição evidenciada em estudos desenvolvidos com adolescentes – basquetebol, futebol, ginástica rítmica desportiva, judô, natação e voleibol (INTERDONATO *et al.*, 2008), adultos – ginástica (BALBINOTTI; CAPOZZO, 2008), taekwondo (ROCHA, 2009), musculação, ergometria, ciclismo indoor e ginástica localizada (FERMINO; PEZZINI; REIS, 2010), musculação, ginástica, caminhada, hidrogenástica, dança, futebol, voleibol, basquetebol, natação, artes marciais, tênis e ciclismo (GONÇALVES; ALCHIERI, 2010), caminhada (LEICHTWEIS; BAGGIO; ERDMANN, 2011) e idosos – hidrogenástica, ginástica aeróbica, musculação, natação e dança (FREITAS *et al.*, 2007), ginástica (BALBINOTTI; CAPOZZOLI, 2008) e atividade física (GOMES; ZAZÁ, 2009).

Todavia, as afirmações de Melo e Alves Júnior (2003), assim como os resultados das pesquisas acima apresentadas, devem ser relativizadas, pois embora os conteúdos físicos/esportivos se manifestem como os mais difundidos, isso só ocorre em relação aos demais interesses culturais, o que não significa que a maioria da população brasileira usufrua o seu tempo disponível com o lazer fisicamente ativo, ao contrário, pois dados de pesquisas realizadas com pessoas acima de 18 anos nas 26 capitais brasileiras e Distrito Federal dão conta de que mais de 50% das pessoas avaliadas em 24 capitais, mais o Distrito Federal, declararam ser sedentárias nas ocasiões de lazer (FLORINDO *et al.*, 2009).

Isso pode estar relacionado ao fato de que na sociedade brasileira, conforme expõe Marcellino (2002), as oportunidades

de lazer da população, em sua maioria, têm ocorrido nos próprios locais de moradia, dentro de casa, o que tem favorecido a formação de um público cativo da televisão.

Em decorrência do elevado percentual de pessoas que não se envolvem com a prática de esportes e exercícios físicos na adolescência (SILVA; SILVA, 2008; FLORINDO *et al.*, 2009), idade adulta (FLORINDO *et al.*, 2009; MARTINS *et al.*, 2009) e terceira idade (SALVADOR *et al.*, 2009), tem resultado diversos prejuízos à promoção da saúde. O sedentarismo tem se manifestado como responsável por elevados índices de obesidade (OLIVEIRA; FISBERG, 2003), fator de risco para doenças degenerativas (WHO, 2002), à morbidades (ANDERSEN *et al.*, 2006), doenças coronarianas, hipertensão, diabetes, depressão e outros agravos crônicos (GARRET *et al.*, 2004) e elevados prejuízos aos cofres públicos devido aos gastos com tratamentos médicos e doação de medicamentos (BIELEMANN; KNUTH; HALLAL, 2010). Em contraposição a essa realidade, fundamentados nos benefícios que a incorporação da prática de exercícios físicos e esportes têm na prevenção de doenças como osteoporose (SIQUEIRA *et al.*, 2009); prevenção de depressão (VASCONCELOS-RAPOSO *et al.*, 2009), hipertensão arterial sistêmica (WAGMACKER; PITANGA, 2007), promoção da saúde psicológica, satisfação com a vida, auto-estima e crescimento pessoal (FERNANDES *et al.*, 2009), tem se difundido a proposta do Lazer Ativo (NAHAS, 2005).

Em que pese às contribuições desse movimento em busca da promoção da saúde e bem estar, em se tratando do lazer, ao analisar esta temática, torna-se necessário levar em consideração o que foi historicamente construído na literatura da Sociologia do Lazer, para que equívocos não sejam cometidos, como considerar o lazer como ativo apenas a partir da perspectiva fisiológica, como o faz a proposta do Lazer Ativo defendida por Nahas (2005), pois a atividade e passividade no âmbito das vivências do lazer ocorrem em função da atitude que uma pessoa tem em relação a uma opção de lazer, não se fundamentando no gasto enérgico como o faz a fisiologia.

Uma concepção fundamentada nesta perspectiva fisiológica implicaria na compreensão reducionista de que toda a realização/prática de exercícios físicos ou esportes se configura como ativa. No debate das teorias da Sociologia do Lazer, se entende que uma pessoa pode estar envolvida na prática de esportes ou exercícios físicos a partir de uma perspectiva conformista e alienada, em que o esporte e exercício físico figuram como válvula de escape dos problemas cotidianos, realizado sem nenhuma reflexão, principalmente quando a mídia é a principal fonte de informações sobre exercícios e saúde, conforme evidenciado em estudos (ROCHA; RODRIGUES; MOREIRA, 2007; MENDES *et al.*, 2010) e os esportes e exercícios físicos, por seu turno, são transformados em produtos da indústria cultural, que têm como principal função o lucro, fazendo dos esportes e exercícios físicos, por meio da venda de materiais esportivos, suplementos milagrosos, aparelhos vibratórios mágicos de queima de calorias, pacotes de programas de exercícios físicos prontos e homogêneos, um mercado rico e promissor.

Quanto à qualidade das informações vinculadas pela mídia, Santos (2000, p. 33) expõe que:

[...] Através da tirania da mídia, a informação passa a ser ministrada como propaganda. E em vez das promessas de um conhecimento mais verdadeiro dos lugares, com sua variedade de combinações e escolhas, com a produção mercantil enviesada de imagens do mundo e imagens de pessoas, estamos sob ameaça permanente da manipulação. A imagem estereotipada ameaça substituir o gosto pela fantasia e pela descoberta.

Em termos de exemplo e análise da forma e magnitude em que os exercícios físicos acabam sendo apropriados pela indústria cultural enquanto produto, utiliza-se a ginástica, que absorvida pela multinacional Less Mills, empresa de Nova Zelândia, foi transformada em um promissor e lucrativo produto, administrado,

divulgado e comercializado na América Latina e Brasil pela *Body Systems*. Além de envolver músicas atuais e agradáveis, os produtos oferecidos pela Less Milss caracterizam-se também pela realização de movimentos padronizados, que devem ser realizados numa sequência rigidamente pré-estabelecida em todos os países, estados, municípios e academias que adotam a franquia, sendo as coreografias e músicas modificadas a cada três meses, aglutinando bons e fiéis discípulos.

Ao analisar uma aula, seja ela qual for desse produto – *Bodystep, Bodyjam, Bodybalance, Bodyattack, Bodycombat, Bodypump, Bodyvive, Power Jump e Power Pool* (GOMES; CHAGAS; MASCARENHAS, 2010), percebe-se que neles não há qualquer possibilidade do professor e alunos serem criativos, transformando uma das manifestações da cultura corporal do movimento, a ginástica, em produto da indústria cultural, implicando diretamente no processo autônomo e criativo do sujeito, configurando-se ainda em um mecanismo de monopólio e homogeneização, com 1.221 academias a ela vinculadas (BODYSYSTEMS, 2011).

Considerando que os benefícios da prática de atividade física e esportes têm se manifestado como mecanismos importantes para promoção da saúde, entende-se ser de suma importância a estimulação da população a vivenciar o lazer de interesse físico/esportivo por meio do gênero prático, contudo, cabe reafirmar que se faz imperioso que eles sejam realizados em níveis médios e superiores, a fim de que essas oportunidades de ocupação do tempo disponível não sejam (ou continuem sendo) mais uma forma, dentre outras maneiras de alienação.

Por entender que a Sociologia do Lazer possui características próprias, acredita-se ser mais apropriada a utilização do termo “Lazer fisicamente ativo” para referir-se ao interesse cultural físico/esportivo realizado na perspectiva da prática, em vez de Lazer Ativo, o que contemplaria as duas áreas de conhecimento, pois embora seja uma atividade de lazer que envolve maior gasto

energético, logo ativa fisiologicamente, a concepção do significado do termo “prática” no lazer (atitude) permanece respeitada.

Todavia, vale ressaltar que na perspectiva do lazer, os interesses físicos/esportivos, assim como os demais interesses, também devem ser vivenciados por intermédio da contemplação e do conhecimento, pois como Dumazedier (1979) salienta, em seus mais diversos interesses de conteúdos, o lazer pode ser vivenciado de forma produtiva (realização, invenção, descoberta, expressão) ou não-produtiva (observação, contemplação, assistência), denominado por ele de gênero. Ressalta, ainda, que tanto a vivência do lazer na forma produtiva e não-produtiva, pode ser vivenciada passivamente (níveis baixo) ou ativamente (níveis médio e alto), sendo em termos formativos mais desejáveis, os últimos.

Isayama (2007), por sua vez, chama a atenção para importância das oportunidades de lazer serem vivenciadas com equilíbrio entre a prática e o consumo, buscando superar a restrição da vivência do lazer apenas a um gênero.

Ao salientar a importância da estimulação das pessoas para vivenciem o lazer de interesse físico por meio da prática, contemplação e do conhecimento em níveis críticos e críticos-criativos, estamos ressaltando que se torna necessário a formação da população para não vivenciem essas oportunidades apenas numa perspectiva conformista, pois conforme expõe Marcellino (2002, p. 22) “(...) a simples prática não significa participação, assim como nem todo ‘consumo’ corresponde necessariamente à passividade”.

Por sua vez, os interesses culturais estéticos/artísticos são evidenciados pela predominância do imaginário sobre o real, buscando-se o contato com o fictício, com o estético e com o belo.

Ao contrário do que ocorre no interesse físico/esportivo, em que existe uma tendência de maior participação das pessoas, quando comparado aos outros conteúdos, o conteúdo artístico configura-se numa oportunidade de lazer historicamente restrita a uma pequena parcela da sociedade.

Melo (2007) destaca que, marcada pelas conotações imperialistas, a arte no século XVIII era um bem cultural de acesso à minoria, sendo destinada a poucos “iluminados”, configurando-se numa forma de distinção social, condição que se estendeu de forma mais consolidada do século XIX para o século XXI, figurando como forma de legitimar o poder da burguesia, o que parece não ter mudado muito nos dias atuais.

Considerando o distanciamento entre a arte e parte da população, Melo (2004) expõe que o desafio do animador sociocultural é fazer com que ela chegue às pessoas em suas mais diversas manifestações e não apenas a difundida pela cultura de massa, provocando situações a fim de que as pessoas percebam que a produção da arte não deve permanecer sendo privilégio apenas de poucos iluminados.

A respeito dessa questão é importante reportar aos ensinamentos de Melo e Alves Júnior (2003) quando os autores chamam a atenção para o fato de que embora a arte esteja vinculada a espaços como teatros, bibliotecas, cinemas, teatros, centros culturais, torna-se necessário entender que ela não se limita a esses locais, podendo também ser desenvolvida nas tradições folclóricas e cultura popular, não sendo limitadas e restritas a notáveis artistas, mas também podendo surgir em cada um de nós, principalmente quando a sensibilidade é fruto de um processo educacional de estimulação.

Como possibilidade de superação do abismo existente entre lazer e arte, Melo (2007) aponta como estratégia a criação de metodologias que possibilitem o trabalho com as diferentes linguagens, favorecendo a ocorrência da criticidade e seletividade/escolha, a partir da descoberta das diferentes dimensões da arte, incorporando-as nos momentos de lazer, vivenciando-as não apenas na contemplação, mas também na criação, pois, segundo o autor “o fundamental é dar condições para que todos descubram a arte em suas mais diferentes dimensões, incorporando-a em suas

opções de lazer, aproveitando o potencial estético que ela pode desencadear” (MELO, 2007, p. 84).

Para tanto, Melo e Alves Júnior (2003) salientam a importância da criação de mecanismos para que as pessoas possam vivenciar também os interesses artísticos por meio do conhecimento histórico básico sobre a arte, assim como tenham oportunidades de produzir arte a fim de despertar o interesse pelo pintar, desenhar, cantar, tocar, escrever, entre outros. Os autores ressaltam ainda que o que se deve buscar não é a formação de notáveis artísticas, mas sim introduzir as pessoas às artes.

Caracterizado pela busca do contato com o real ou por conhecimentos objetivos, os interesses culturais intelectuais, por sua vez, são representados pelo domínio do real sobre o imaginário, físico e social, estando relacionado a ocasiões em que a busca do prazer está ligado diretamente às oportunidades que têm o raciocínio nas oportunidades de lazer como ponto central.

Dessa forma, embora não se limita a elas, o lazer de interesse intelectual se manifesta pela busca de manter-se informado, podendo essas informações serem oriundas de leituras de jornais, revistas, livros, pesquisas na internet, assistência de telejornais, dentre outras. Dito de outra forma, ao buscar esse tipo de conteúdo como lazer, a pessoa visa a manutenção ou ampliação de conhecimentos sobre um ou vários acontecimentos ou assuntos.

Já o interesse cultural manual se manifesta por intermédio de atividades de ordem e necessidades psicológicas, realizada por meio de manipulação e consertos de objetos, pela criação ou transformação de matérias.

Melo e Alves Júnior (2003) destacam como características dos interesses manuais o prazer na manipulação de objetos e produtos, como a jardinagem, carpintaria, marcenaria, costura e culinária, quando as mesmas não ocorrem em decorrência de ausência de dinheiro para pagar um profissional, mas sim pelo interesse despertado pela atividade.

Junto às atividades expostas, entende-se que ainda podem ser acrescentadas atividades de consertos de utensílios domésticos (chuveiros, portas, aparelhos eletrônicos), lavagem e cuidados com veículos automotores, cuidados com hortas, dentre outras atividades que ocorram no tempo disponível para o lazer e sejam realizadas pelo prazer que elas despertam na pessoa e não pela falta de recursos financeiros para custear os serviços de um profissional ou com objetivo de obter lucro financeiro com a realização da atividade. Assim, concordamos com Melo (2004, p. 53) quando o autor salienta que:

(...)o mais importante é que possamos contemplar esse conjunto de atividades em nossos programas tomando o devido cuidado para não confundir-lo como forma de preparação para o trabalho, já que muitas dessas atividades acabam se confundindo com 'bicos'.

Por seu turno, os interesses sociais se manifestam pela necessidade de filiação a um grupo, concretizando-se pelas relações interpessoais e pela busca do contato face a face. Corroborando com nossas reflexões, Melo e Alves Júnior (2003) expõem que este interesse cultural é evidenciado nas ocasiões em que o contato social figura como o elemento motivador, como encontros em bares, restaurantes, promoção de centros de grupos, dentre outros.

Dentre as possibilidades de vivência do conteúdo social, podemos citar também as festas, em que movidos por um interesse em comum, grupos de pessoas se encontram para se divertirem, comemorem conquistas, celebrarem a vida, sendo aniversários, casamentos, início e fim de ano, momentos oportunos para a manutenção e/ou ampliação das relações sociais.

De acordo com Queirós (2007, p. 4) nas ocasiões de festas, “o interesse primordial destes atores está no ato de festejar aqui e agora, o que se realiza na animação, no prazer de estar junto com os outros e de se expressar com liberdade e de forma lúdica”.

Entretanto, cabe ressaltar que a manifestação do interesse social, também pode ser vivenciada por ações simples, como ir à

casa de um vizinho ao final do dia para conversar, ações muitas vezes não percebidas pelas pessoas como sendo lazer. O interesse social ainda pode ser vivenciado na maioria dos conteúdos culturais, mesmo que não seja de forma predominante.

O interesse cultural turístico se caracteriza pela busca do contato com paisagens, pela mudança de ritmo e estilo de vida, alterando a rotina cotidiana. Esse interesse cultural tem evoluído significativamente em relação ao número de pessoas que têm buscado sua realização por intermédio de ações como o ecoturismo, turismo ambiental, dentre outras formas.

Contudo, dado ao desconhecimento das potencialidades da cidade e dos espaços públicos como espaço de lazer, torna-se importante estarmos atentos ao fato de que o lazer de interesse turístico não se limita ao contato com novas localidades, viagens intermunicipais, se estendendo também as possibilidades existentes de turismo na própria cidade (MELO, 2004).

Dessa forma, o reconhecimento da cidade como espaço de lazer, assim como suas potencialidades de vivência do interesse turístico, podem contribuir para maior apropriação da população dos bens culturais existentes na cidade de forma reflexiva, assim como exigir junto aos poderes públicos a maior disponibilização e criação de condições para as oportunidades de lazer, pois conforme expõe Uvinha (2007) o lazer turístico deve ser concebido como um campo de promoção humana e de contestação do *status quo*, o que exige a superação de sua vivência em perspectivas funcionalistas, compensatórias e de evasão do estresse oriundo das atividades cotidianas e visão economicistas, que o faz ferramenta do sistema capitalista.

A respeito do interesse virtual, segundo Schwartz (2003), em decorrência dos grandes avanços tecnológicos ocorridos nas últimas décadas, principalmente os diversos meios de comunicação – jornal, livros, indústria da música, difusão televisiva e especialmente a conexão em rede – e com base nas inquietações contemporâneas, torna-se necessário um redimensionamento da

proposta de Dumazedier (1979) e Camargo (1986), assim como uma reflexão da existência atual de um novo conteúdo cultural do lazer – o virtual – pois, de acordo com a autora, diante desses novos meios de comunicação, várias são as possibilidades de informação advindas do mundo virtual, inclusive no que tange ao lazer, uma vez que se pode vivenciar tanto a contemplação por visualizar novos locais quanto se torna possível a participação em eventos, conhecer pessoas, aprender determinados dados culturais.

Percebe-se, com isso, que as possibilidades oferecidas pela *internet*, pelo computador e pela televisão ampliam as chances de a população vivenciar os interesses culturais do lazer, haja vista que pessoas que jamais teriam condições financeiras para conhecer lugares longínquos, podem ter a oportunidade de, através da conexão em rede, conhecer pontos turísticos nacionais e internacionais, cidades e países diferentes; se comunicar e se relacionar com pessoas em outros países; assistir a filmes, shows e a jogos esportivos; apreciar obras de arte; ler livros e acessar informações; tudo isso *on-line*.

Entretanto, pode-se entender que os meios de comunicação de massa (televisão, *internet* e vídeo games) configuram-se como veículos de acesso aos demais interesses culturais do lazer propostos por Dumazedier (1979) e Camargo (1986). A inter-relação entre os interesses culturais é passível de ser percebida em qualquer deles e qualquer caracterização poderá ser feita pela predominância do tipo de atividade realizada, não um interesse cultural do lazer puro em si mesmo, eles se interpenetram. Um exemplo disso pode estar na observação de Pires e Antunes (2007) quando afirmam que o virtual se manifesta como um meio em que vários interesses culturais podem ser vivenciados:

A dificuldade em diferenciá-los dá-se também porque os meios de acesso às fontes desses conhecimentos são, muitas vezes, os mesmos, especialmente os meios de comunicação como o rádio, cinema, televisão, livros, revistas e, ainda mais hoje, os

aparatos tecnológicos digitais. Isso implica, admitir que é possível satisfazer interesses tanto intelectuais quanto artísticos assistindo à TV, lendo uma revista ou ainda consultando um site na internet (PIRES; ANTUNES, 2007, p. 97).

Assumindo que a televisão, computador, internet e vídeo games configuram-se em veículos de vários dos interesses culturais existentes, haja vista que pela televisão é possível assistir uma partida de futebol, basquetebol, handebol, aulas de ginástica, dentre outros esportes (interesse físico/esportivo), assistir novelas, filmes e shows musicais (interesse artístico), assistir jornais e documentários (interesse intelectual) e conhecer locais (interesse turístico), o mesmo ocorrendo pela *internet* com o conhecimento de novas pessoas e manutenção das relações de amizade já existentes através de *sites* de relacionamentos – *facebook*, *orkut*, *MSN*, *skype*, dentre outros (interesse social), obtenção de informações via busca de reportagens, leituras de revistas e livros eletrônicos (interesse intelectual), visitas a cidades e museus *on-line* (interesse turístico), assistir eventos esportivos (interesse esportivo) e assistir filmes, ler romances *on-line* ou shows no *youtube* (interesse artístico), entendemos ser de suma importância o trabalho com esses veículos tecnológicos junto à população, sobretudo por meio da alfabetização tecnológica, oportunizando às pessoas o acesso as diversas manifestações culturais do lazer, manifestações estas que diferenciam o ser humano dos animais, pois conforme salienta Morin (2000), o Ser Humano não se dá apenas no aspecto biológico, mas também no cultural, pois, diferentemente dos animais, somos biológicos e culturais, sendo este último o fator que nos diferencia das demais espécies, principalmente quando entendemos que existem culturas em uma cultura, uma vez que toda sociedade tem uma cultura em particular, sendo necessário entendê-la em sua pluralidade.

Diante da característica plural de uma atividade de lazer, Melo e Alves Júnior (2003) ratificam a importância dos interesses culturais não serem tomados de forma rígida, pois há uma diversidade de interesses possíveis em uma mesma atividade

de lazer. Dessa forma, a determinação do interesse cultural de uma participação no lazer ocorre apenas pela propriedade dominante, conforme Dumazedier (1979, p. 102) ressalta “chamaremos de propriedade dominante de uma atividade aquela cuja presença é logicamente necessária à existência desta atividade”.

A despeito de toda a controvérsia sobre a questão dos interesses culturais do lazer, sendo foco de diversas críticas sob a alegação de que sua aplicação fragmentaria compromete uma concepção mais ampla, as questões a respeito dos conteúdos possíveis de serem vivenciados no lazer continuam em permanente tensão. O debate apresenta diversas proposições e reestruturações, ora com conteúdos inseridos, ora excluídos, classificados e reclassificados, agrupados e desagrupados, o que contribui sobremaneira para ocorrência do duplo processo educativo existente no lazer. Afinal a possibilidade de escolha é uma das características que marca o lazer e para tanto é importante as pessoas conhecerem os conteúdos de diferentes interesses culturais e serem estimuladas e instruídas para tomarem uma decisão em seu tempo disponível (MARCELLINO, 2002).

Entendendo o lazer como objeto e veículo de lazer, Marcellino (2006) ressalta que ao contrário do que vem sendo observada (dedicação da população apenas a um interesse específico do lazer, devido não terem contato a outros interesses culturais), a inserção das pessoas aos mais diferentes interesses culturais existentes, se manifesta com grande relevância, contribuindo para “exercitar, no tempo disponível, o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o relacionamento social, o intercâmbio cultural e a quebra da rotina, quando, onde, com quem e da maneira que quisesse” (MARCELLINO, 2006, p. 10).

Foi partilhando dessa perspectiva e vislumbrando as possibilidades educativas existentes no lazer, sobretudo, com a iniciação das pessoas nos diversos interesses, assim como na importância de despertar na sociedade a reflexão, criticidade e criatividade, condições essenciais para o exercício da cidadania

na vida cotidiana, assim como para atuar de forma reflexiva nas oportunidades de lazer, que o Projeto *Lazer e gênero: processo educativo de mulheres negras-empobrecidas e políticas públicas*” foi desenvolvido junto às Comunidades Educativas do Areal, Recanto das Emas e Riacho Fundo, localizadas no Distrito Federal, sobretudo, pelo fato do gênero, etnia e nível socioeconômico configurarem-se em barreiras ao lazer.

Referências Bibliográficas

ANDERSEN, L. B.; HARRO, M.; SARDINHA, L. B.; FROBERG, K.; EKELUND, U.; BRAGE, S. *et al.* Physical activity and clustered cardiovascular risk in children: a crosssectional study The European Youth Heart Study. **Lancet**, v. 368, n. 9532, p.299-304, 2006.

BALBINOTTI, M. A. A.; CAPOZZOLI, C. J. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica. **Rev Bras Ed Fisi Espor**, v. 22, n.1,p. 63-80, 2008.

BIELEMANN, R. M.; KNUTH, A. G.; HALLAL, P. C. Atividade física e redução de custos por doenças crônicas ao sistema Único de saúde. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v.15, n.1, p. 9-14, 2008.

BODYSYSTEMS. **Busca por academias**. Disponível em: <http://principal.bodysystems.net/site/index.php?option=com_jumi&fileid=25&Itemid=257>.

CAMARGO, L. O. de L. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DE GRAZIA, S. **Tiempo, trabajo y ocio**. Madrid: Editorial Tecnos, 1966.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, J. **Questionamento teórico do lazer**. Porto Alegre: CELAR, [s.d].

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

FERMINO, R. C.; PEZZINI, M. R.; REIS, R. S. Motivos para prática de atividade física e imagem corporal em frequentadores de academia. **Rev Bras Med Esporte**, v. 16, n.1, p. 18-23, 2010.

FERNANDES, H.M.; VASCONCELOS-RAPOSO, J.; PEREIRA, E.; RAMALHO, J.; OLIVEIRA, S. A influência da actividade física na saúde mental positiva de idosos. **Motricidade**, v. 5, n. 1, p. 33-50, 2009.

FLORINDO, A. A.; HALLAL, P. C. H.; MOURA, E. C. de M.; MALTA, D. C. Prática de atividades físicas e fatores associados em adultos, Brasil, 2006. **Rev Saúde Pública**, v. 43, n. 2, p. 65-73, 2009.

FREITAS, C. M. S. M. de; SANTIAGO, M. de S.; VIANA, A. T.; LEÃO, A. C.; FREYRE, C. Aspectos motivacionais que influenciam a adesão e manutenção de idosos a programas de exercícios físicos. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 9 n. 11, p. 92-100, 2007.

GARRETT, N.A.; BRASURE, M.; SCHMITZ, K. H.; SCHULTZ, M. M.; HUBER, M. R. Physical inactivity direct cost to a health plan. **Am J Prev Med**, v. 27, n. 4, p. 304-309, 2004.

GOMES, I. R.; CHAGAS, R. de Á.; MASCARENHAS, F. A indústria do fitness, a mercantilização das práticas corporais e o trabalho do professor de Educação Física: o caso Body Systems. **Movimento**, v. 16, n. 4, p. 169-189, 2010.

GOMES; K. V.; ZAZÁ, D. C. Motivos de adesão a prática de atividade física em idosos. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 14, n. 2, p. 132-138, 2009.

GONÇALVES, M. P.; ALCHIERI, J. C. Motivação à prática de atividades físicas: um estudo com praticantes não-atletas. **Psico-USF**, v. 15, n. 1 p. 125-134, 2010.

INTERDONATO, G. C.; MIARKA, B.; OLIVEIRA, A. R. de; GORGATT, M. G. Fatores motivacionais de atletas para a prática esportiva. **Motriz**, v.14, n. 1, p. 63-66, 2008.

ISAYAMA, H. F. Reflexões sobre conteúdos físico-esportivos e as vivências de lazer. *In: MARCELLINO, N. C. Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2007.

LEICHTWEIS, C. F.; BAGGIO, M. A.; ERDMANN, A. L. Significando a prática de caminhada no projeto “saúde em movimento”. **Cogitare Enferm**, v.16, n. 3, p. 505-510, 2011.

MARCELLINO, N. C. Apontamentos para a elaboração de um repertório de atividades de recreação e lazer, por fases da vida. *In: MARCELLINO, N. C. Lazer e recreação: repertório de atividades por fases da vida*. Campinas: Papirus, 2006.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 2002.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Educação**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2003.

MARCELLINO, N. C. Lazer e sociedade: algumas aproximações. *In: MARCELLINO, N. C. Lazer e sociedade: múltiplas relações*. Campinas: Alínea, 2008. Cap.

MARTINS, T. G.; ASSIS, M. A. A. de; NAHAS, M. V.; GAUCHEW, H.; MOURA, E. C. Inatividade física no lazer de adultos e fatores associados. **Rev Saúde Pública**, v. 5, n. 5, p. 814-824, 2003.

MELO, V. A. de. Arte e lazer: desafios para romper o abismo. *In: MARCELLINO, N. C. Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2007.

MELO, V. A. de. Conteúdos culturais. *In: GOMES, C. L. Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELO, V. A. de; ALVES JÚNIOR, E. de D. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manolé, 2003.

MENDES, M. de A.; ROMBALDI, A. J.; AZEVEDO, M. R.; BIELEMANN, R. M.; HALLAL, P. C. Fontes de informação sobre

a importância da atividade física: estudo de base populacional. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 15. n. 3, p. 163-169, 2010.

MUNNÉ, F. **Psicossociologia Del tiempo libre: um enfoque crítico**, México: Trillas, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NAHAS, M. Painel 1: Experiências de organizações sociais em programas de saúde e lazer por meio de atividades físicas e esportes. **Anais Seminário Internacional Vida Ativa – Ação comunitária**. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias/subindex.cfm?Referencia=3852&ParamEnd=4>>. Acesso em: 6 nov. 2011.

OLIVEIRA, C. L.; FISBERG, M. Obesidade na infância e adolescência: uma verdadeira epidemia. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, v. 47. n. 2, p. 107-108, 2003.

PIRES, G. De L.; ANTUNES, S; E. Revisitando os interesses intelectuais do lazer mediante as inovações tecnológicas de informação/comunicação. *In*: MARCELLINO, N. C. **Lazer e cultura**, Campinas: Alínea, 2007.

QUEIRÓS, I. L. V. B. G. de. Promoção de festas e vivências do lazer. *In*: MARCELLINO, N. C. **Lazer e recreação: repertório de atividades por ambientes**, Campinas: Papirus, 2007.

ROCHA, P. G. M. da; RODRIGUES, V. P.; MOREIRA, T. de S. Conhecimento e percepção de adolescentes sobre exercício físico relacionado à saúde e qualidade de vida da rede de ensino da cidade de Maringá – Paraná. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 18, n. 1, p. 67-75, 2007.

ROCHA, J. M. Motivação à prática regular de atividades físicas: um estudo com praticantes de Taekwondo. **Monografia**. Escola

de Educação Física – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de empregos. *In: Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/WLA, 2000.

SALVADOR, E. P.; FLORINDO, A. A.; REIS, R. S. R.; COSTA, E. F. C. Percepção do ambiente e prática de atividade física no lazer entre idosos. **Rev Saúde Pública**, v. 43, n. 6, p. 972-980, 2009.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v. 43, n. 6, p. 23-31, 2003.

SILVA, D. A. S.; SILVA, R. J. dos S. Padrão de atividade física no lazer e fatores associados em estudantes de Aracaju-SE. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 13, n. 2, p. 34-45, 2008.

SIQUEIRA, F. V.; FACCHINI, L. A.; AZEVEDO, M. R.; REICHERT, F. F.; BASTOS, J. P.; SILVA, M. C.; DOMINGUES, M. R.; DUITH, S. C.; HALLAL, P. C. Prática de Atividade Física na Adolescência e Prevalência de Osteoporose na Idade Adulta. **Rev Bras Med Esporte 2009**, v. 15, n. 1, p. 23-34, 2009.

UVINHA, R. R. Turismo e lazer: interesses turísticos. *In: MARCELLINO, N. C. Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2007.

WAGMACKER, D. S.; PITANGA, F. J. G. Atividade física no tempo livre como fator de proteção para hipertensão arterial sistêmica. **Rev Bras Cin e Mov**, v.15, n. 1, p. 69-74, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World Health Report 1**. 2002. Reducing risks, promoting healthy life. WHO, Geneva, 2002. Disponível em: <<http://www.who.int/whr/2002/en/>>.

Capítulo 3

A TERNURA E O LÚDICO COMO PARTE DO PROCESSO DE EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS

Jorge Hamilton Sampaio

Um dos maiores desafios para se construir um processo de educação para os Direitos Humanos está na capacidade de reconhecimento que o ser humano tem direito de dignidade por natureza e não por mérito. Compreender esta assertiva significa fazer a afirmação do reconhecimento da existência do outro, rejeitar a sua exclusão, construir relações humanas baseadas na alteridade contra a totalidade do sistema. Como parte integrante deste processo é preciso considerar que o lúdico/ternura é imprescindível na constituição do ser humano e, assim, para potencializar esse seu aspecto da vida que deve permear todos os demais, é necessário superar as falácias que se têm construído em torno da questão, especialmente a falsa polarização entre o público e o privado, entre a razão e a sensibilidade e entre as categorias de gênero e de geração. O ser humano é um todo, formado por meio de suas ideias, pensamento e ações culturalmente referenciados. E, para construir sua dignidade, como um direito inalienável da sua existência, a presença do lúdico/ternura é imprescindível.

A dignidade humana exige que a existência seja experimentada de maneira a que todos os seus aspectos sejam considerados como relevantes em si mesmos e em suas conexões uns com os outros (DELORS, 1998). Assim, junto com o acesso às condições materiais, políticas e intelectuais que compõem o ser humano é importante destacar que seu aspecto lúdico não pode ficar isolado do todo da vida, nem relegado a um tempo e espaço em que se faz um abstração da realidade para um momento de “descanso” visando a repor as energias para a atuação em outras partes da vida. Na verdade, não é possível dividir o ser humano em sua realidade cotidiana, pois sua existência é composta por um

todo no qual seus sentimentos, pensamentos e ações fazem parte do conjunto que o caracteriza (MIGLIORI, 1998).

Nesse sentido, dizer sobre a educação para os direitos humanos significa afirmar a existência dos seres humanos como um todo inseparável, incluindo as visões clássicas registradas em declarações nacionais e internacionais, dos direitos civis, dos direitos políticos, dos direitos econômico-sociais e dos direitos internacionais (BEDIN, 2000). Contudo, embora seja difícil consagrar em documentos oficiais, há a necessidade de acrescentar nesta lista o direito ao lúdico, ou dito de outro modo, o direito à ternura como parte intrínseca ao ser humano. Dessa forma, o lazer, considerado como tempo e espaço em que a ternura e o lúdico permeiam todas as atividades humanas, deve estar presente no processo de educação para os direitos humanos por meio de reflexões conceituais e de práticas sociais.

○ LÚDICO/TERNURA E OS DIREITOS HUMANOS: ALTERIDADE

De saída, vale relembrar que o conceito de Direitos Humanos é uma construção histórica, fruto de muitas lutas sociais (BEDIN, 2000; TRINDADE, 2002), e diz respeito basicamente à compreensão de que todas as pessoas têm o direito de viver com dignidade (ONU, 1998), o que inclui o lúdico/ternura. Essa afirmação é importante para combater a tendência de identificar direitos humanos com “direitos reivindicatórios”, ou seja, combater a visão de que a dignidade da pessoa só se alcança como resultado de seu mérito pessoal. Esta visão de direitos humanos, que desconsidera a concepção humanista de direito inalienável, tem sido praticado pelo sistema de mercado moderno.

A defesa dos direitos humanos é fundamental para a tarefa de um processo educativo em que as pessoas não sejam massificadas e manipuladas no contexto do sistema de mercado moderno, no qual predomina a heteronomia e a exclusão da solidariedade. Em

outras palavras, é necessário promover um processo de educação para os direitos humanos, mesmo que isso signifique ir contra a correnteza avassaladora que domina nosso tempo. E essa tarefa faz parte intrínseca da produção e socialização do saber visando a formação cidadã, aprendendo como se aprende a construir conhecimento com responsabilidade social (DELORS, 1998).

Falar da exclusão da solidariedade, da massificação, da heteronomia, da manipulação e do aumento da violação dos direitos humanos, no contexto da lógica do sistema de mercado moderno exige uma reflexão que possa responder à pergunta básica sobre o sentido da própria vida, ou seja, precisa responder à pergunta sobre o direito de dignidade para a existência do outro. Em uma palavra, precisa tratar da questão da “alteridade” (DUSSEL, 1975), que diz respeito, basicamente, a afirmação da existência do outro, da manifestação do outro, da vida do outro, da relação com o outro. Em uma expressão, alteridade é uma experiência transcendente de amor ao outro (FROMM, 2000).

Contudo, para amar o outro de forma concreta é necessário ter propostas alternativas e meios para implantá-las ou fazê-las avançar, e isso exige um processo educativo (SANTA ANA, 1986). Nesse sentido, é um desafio de nosso tempo fazer três afirmações básicas que, por um lado, denunciam a degeneração das relações humanas e a violação dos direitos humanos e, por outro, anunciam uma alternativa educativa viável para superar este sistema.

A primeira afirmação diz respeito a *reconhecer a existência do outro*, uma afirmação que vai contra o sistema que a nega. São milhões de pessoas excluídas, vivendo em estado de absoluta miséria, violência e tristeza em nosso mundo, tendo seus direitos violados de diversas formas, entre as quais o direito ao lúdico/ternura. Na negação da existência do *outro*, promovida pelo sistema de mercado moderno, vem embutido um falso sistema de sacrifício deste *outro* em nome de um projeto de sociedade que promete a justiça para um futuro indefinido (MO SUNG, 1994).

Contudo, o sistema que sacrifica o *outro*, se reveste de um caráter misterioso, fetichizado e divinizado e, portanto, clama por ser idolatrado. Tal violência da *negação do outro* é o sacrifício exigido pelo ídolo mercado visando a purificação de seus atos. Para se manter “limpo”, o sistema de mercado tem transformado a destruição real do *outro* em sacrifício necessário para a chegada ao paraíso, que virá no futuro. Assim, ao negar a existência do *outro*, ao negar o direito do lúdico/ternura não massificado, o sistema inverte os valores e transforma a condição da vítima em condição de culpado e vice-versa.

Afirmar a existência do *outro* que clama por dignidade de vida é, portanto, ponto básico para a crítica à lógica do sistema de mercado moderno e, conseqüentemente, para o início do processo de educação para os direitos humanos. Porém, não é suficiente. É preciso avançar em uma segunda afirmação rumo a um processo educativo que leva a sério o *amor prático ao outro*, ou seja, a rejeição deste sistema sacrificial, *a não aceitação da exclusão do outro* (DUSSEL, 1975).

A lógica do sistema de mercado moderno, com sua racionalidade econômica, tem se apresentado, por meio de seu discurso, como o único sistema que tem virtudes redentoras para a vida, cujo deus é o mercado livre e irrestrito expresso, especialmente, nas relações econômicas em sua pretensão de manipular a vida das pessoas, inclusive na sua manifestação do lúdico/ternura. Tal sistema é religioso por se apresentar como uma divindade inquestionável, no sentido que constrói ídolos que exigem sacrifícios, trazendo a promessa de redenção futura que, embora não se possa comprovar que virá, é proclamada como uma utopia onde, um dia, todos terão sua dignidade de vida alcançada (MO SUNG, 1994).

O processo educativo que visa potencializar a capacidade do ser humano de manifestar amor real ao outro exige a *negação* do sistema que exclui o outro, que o massifica e manipula de forma heterônoma, que o sacrifica, e que nega a sua existência e sua dignidade. Nesse ponto entramos em uma terceira afirmação,

ou seja, *é necessário devolver ao relacionamento humano a condição das pessoas viverem em fraternidade, dignidade e vivenciarem o lúdico/ternura*. Isso implica a construção de uma organização social em que todos possam viver e em um relacionamento baseado na *alteridade* contra a *totalidade* imposta pelo sistema (DUSSEL, 1975).

A *totalidade* é o fechamento em si mesmo, a negação da existência do *outro*. Se expressa no *eu* individualista e egoísta, o *eu* que se constrói e se destrói com a negação, com a exclusão, com a massificação, com a opressão e com o sacrifício do *outro*. A *alteridade*, ao contrário, é a abertura que constrói o *eu* da pessoa na afirmação e na inter-relação com o *eu* do *outro* que é estabelecida nas conexões das relações cotidianas da vida (MIGLIORI, 1998).

Na *alteridade* se descobre o *outro* e junto com ele se constrói a liberdade, o direito, a solidariedade, o lúdico, a ternura, a alegria da vida. A *alteridade* é uma experiência ética que se constrói nas relações humanas. Sua base é a possibilidade de encontrar no *outro* a verdade e a liberdade e, por este encontro, orientar o seu *eu*. Na *alteridade* afirma-se a solidariedade que busca construir relações humanas embasadas nas atitudes da justiça, da paz, do amor, da liberdade, da promoção do *outro*. Só este encontro real expõe os sentimentos do *eu* e desafia a sua infinita responsabilidade pelo *outro*. O encontro com o *outro* é a crítica radical ao *eu* e à sociedade, pois interpela o *eu*, denuncia a pretensão do *mesmo* e revela o desejo que se tem pelo *outro* na construção das relações da vida por meio do diálogo “Eu-Tu” (BUBER, 2003).

Assim, se é verdade que uma das causas básicas do atual aumento da violação dos direitos humanos é a desconsideração do *outro* (*totalidade*) como alguém que tem direito à dignidade da vida, se faz necessário o urgente, o compromisso com um processo educativo que devolva às pessoas a compreensão de que a dignidade da vida é um valor inalienável e inegociável (*alteridade*).

Em síntese, falar em direitos humanos exige um processo em que haja, por um lado, uma séria crítica à lógica do sistema de

mercado moderno em sua visão de direitos reivindicatórios atrelados aos interesses do sistema e, por outro, um trabalho de construção da *alteridade* como base para a geração da noção de direitos humanos como direito à dignidade da vida de todas as pessoas. E neste ponto, o *lúdico/ternura* ocupa um papel fundamental, indispensável.

FALÁCIAS A SEREM COMBATIDAS

A partir destas considerações é necessário aprofundar, mesmo que brevemente, a questão do direito ao *lúdico/ternura* entre a lista dos direitos humanos já consagrados na construção histórica da humanidade (RESTREPO, 2001), já mencionados acima. Esta tarefa, contudo, é complexa, principalmente porque há várias falácias em torno do tema.

Uma delas diz respeito a separação, indevida, entre o público e o privado. É consagrada a ideia de que não se pode levar para o mundo público aquilo que diz respeito às questões do mundo privado e, portanto, o *lúdico/ternura* deve ficar restrito às relações privadas com as pessoas que se ama e convive no espaço doméstico ou, na melhor das hipóteses, em espaços públicos destinados para este fim, via de regra heterônomas, massificadas e manipuladas. Tal concepção é falaciosa, pois sempre se leva para o público, em todas as suas relações, o sentimento privado e vice-versa. Queiramos ou não, somos uma só pessoa, que age em espaços públicos e privados de acordo com o nosso modo de ser, seja ele expresso na ternura, na violência, na indiferença ou em qualquer outro sentimento. Assim não é verdadeira a afirmação de que no mundo público se age pela via do racional e no mundo privado se age por meio do afeto, pois em ambos os casos o racional e a sensibilidade fazem parte do modo de agir dos seres humanos. Superar, pois, a falácia da separação do público e privado, é um ato político que pode, por um lado devolver ao mundo privado a dose de razão que ele necessita e, por outro, regar o mundo público com a sensibilidade que é tão rara de encontrar (RESTREPO, 2001).

Outra falácia que impede o exercício do *lúdico/ternura* como parte integrante do processo de educação para os direitos humanos está ligada a concepção de que este atributo pertence, mais especificamente, ao campo do gênero e da geração. Aprendemos, em nossa cultura, que questões ligadas ao *lúdico/ternura* são mais afetadas, quase que exclusivamente, às mulheres, às crianças e aos idosos. Ao homem, gênero masculino adulto e produtivo, para ser mais preciso, não cabe o direito à ternura, pois a ele é atribuído a condição de viver sob o signo da razão, da força, sendo admitido até um certo nível de violência. À mulher, à criança e ao idoso é atribuída a condição da ternura, da docilidade, da meiguice. Tais construções ideológicas, contudo, não resistem a uma análise empírica da realidade, pois razão, força, docilidade, meiguice e até a violência são atributos do gênero humano, seja ele masculino ou feminino, e em todas as suas etapas geracionais. Para demonstrar estes argumentos, basta que cada um revise sua história de vida para verificar as várias manifestações de ternura em homens e de violência em mulheres e vice-versa.

O ser humano é uma mistura de ternura e de violência, de força e de fragilidade, de doçura e de truculência, é sábio e demente ao mesmo tempo (BOFF, 1999). Somos seres complexos e não simples. Às vezes somos ternos, em outras, somos violentos; às vezes aparece mais a nossa docilidade, em outras, a nossa truculência. Assim, se for verdade que o ser humano é complexo, e não simples na sua existência, essa condição não pode ficar fora do processo de educação para os direitos humanos no que diz respeito ao exercício do *lúdico/ternura* nas conexões que são estabelecidas consigo mesmo, com o entorno imediato e com todo o universo (MIGLIORI, 1998).

Por fim, a falácia mais perversa e terrível em torno desta questão é o discurso de que evidenciar o *lúdico/ternura* no processo de educação para os direitos humanos é um atraso à eficiência e à eficácia porque a organização política e produtiva da vida só pode dar conta da sua tarefa por meio da razão instrumental, identificada

aqui como a ciência empírica que usurpa o papel de se apresentar como a única linguagem possível para se dizer quem é o ser humano, e como o único caminho possível para se construir uma sociedade justa e fraterna, ou, dito de outro modo, para se chegar à felicidade plena e ao paraíso aqui na terra (GIANNETTI, 2002). É necessário destacar, ainda, que esta concepção de primado da razão instrumental levou a sociedade a inúmeras guerras, genocídios, fratricídios, exclusões sociais e humanas, tudo com uma explicação “científica” que sustenta tais atrocidades (KAHAALE, 2011).

Tal conhecimento baseado na redução à razão instrumental passa a ser um conhecimento indevido, pois, ao separar o sujeito do objeto, o público do privado, o produtivo do *lúdico/ternura*, não faz a pergunta pelos sentidos da vida, e torna-se um conhecimento perverso, passando distante do que se poderia chamar de um conhecimento-sabedoria. E a diferença do conhecimento para a sabedoria é enorme. Conhecimento, embora seja difícil de obter, pois exige um método e certa disciplina de trabalho (MARQUES, 2000), é diferente de sabedoria. Esta, para ser adquirida, exige que se faça a pergunta pela ética das relações, pelos sentidos da vida, pelos sentidos do conhecimento, pelo sentido das coisas que se faz, que se sente, que se pensa, ou seja, exige uma visão geral do todo da vida (SAMPAIO, 2004).

Para exemplificar estas considerações, vale citar um trecho de uma canção de Chico Buarque, bastante intrigante: “Me diz, me responde por favor, para onde vai o meu amor quando o amor acabar?” Se não colocamos a questão do amor na pauta do processo de educação para os direitos humanos, este considerado como a pergunta pelo sentido, pela ética e pelo *lúdico/ternura*, o que é posto em seu lugar? Não raras vezes, é uma couraça racional, as glórias pessoais, a disputa truculenta. Construimos as barreiras que fazem com que se obtenha certo status visível ao mundo exterior e que nos faz, cada vez mais, ignorantes do nosso mundo interior, da nossa possibilidade de viver e de produzir certo nível de felicidade e de dignidade. Se o *lúdico/ternura* não estiver em pauta como algo

importante na educação para os direitos humanos, outro sentimento vai estar colocado. Assim, se admitimos que não há neutralidade no campo da ciência, então também devemos admitir que o mesmo acontece no campo do lazer.

Um dos maiores desafios para se construir um processo de educação para os direitos humanos está na capacidade de reconhecimento que o ser humano tem direito de dignidade por natureza e não por mérito. Compreender essa afirmação significa fazer a afirmação do reconhecimento da *existência do outro*, *rejeitar a sua exclusão*, *construir relações humanas baseadas na alteridade contra a totalidade do sistema*. Como parte integrante deste processo é preciso considerar que o *lúdico/ternura* é imprescindível na constituição do ser humano e, assim, para potencializar este seu aspecto da vida que deve permear todos os demais, é necessário superar as falácias que se têm construído em torno da questão, especialmente a falsa polarização entre o público e o privado, entre a razão e a sensibilidade e entre as categorias de gênero e de geração. O ser humano é um todo, formado por meio de suas ideias, pensamento e ações. E, para construir sua dignidade, como um direito inalienável da sua existência, a presença do *lúdico/ternura* é imprescindível.

Referências Bibliográficas

BEDIN, Gilmar Antonio. **Os direitos humanos e o neoliberalismo**. 2. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

BOFF, Leonardo. Somos feitos da mesma matéria das estrelas. *In: O Simbólico e o Diabólico*. São Paulo: EDUC, 1999.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

DELORS, Jacques *et al.* **Educação, um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1998.

DUSSEL, Enrique. Reflexiones sobre la metodología para una historia de la Iglesia en América Latina. *In: Para una historia de la Iglesia en América Latina*. Barcelona: Cehila-Nova Terra, 1975.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GIANNETTI, Eduardo. **Felicidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KAHHALE, E. M. S. P; PEIXOTO, M. G.; GONÇALVES, M. G. M. A produção do conhecimento nas revoluções burguesas: aspectos relacionados à questão metodológica. *In: KAHHALE, E. M. P. (Org.). A Diversidade da Psicologia*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

MIGLIORI, Regina de Fátima. A competência amorosa. *In: Ética, valores humanos e transformação*. São Paulo: Peirópolis, 1998.

MO SUNG, Jung. **Teologia e economia: repensando a teologia da libertação e utopias**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SAMPAIO, Jorge Hamilton. Política Nacional de Extensão: referenciais teórico-práticos para sua construção. *In*: CALDERÓN, Adolfo Ignácio. (Org.). **Ação Comunitária: uma outra face do ensino superior brasileiro**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

SANTA ANA, Julio de. **Pão, vinho e amizade**. Rio de Janeiro: CEDI, 1986.

TRINDADE, José Damião de Lima. **História social dos direitos humanos**. São Paulo: Peirópolis, 2002.



Capítulo 4

O CONTEXTO DAS COMUNIDADES EDUCATIVAS DO AREAL, RECANTO DAS EMAS E RIACHO FUNDO II

Elizabeth Aiko Oda
Maria Auxiliadora Antunes dos Santos
Silvanete Pereira dos Santos
Rubens de Morais Silva
Jorge Hamilton Sampaio

A Universidade Católica de Brasília – UCB tem procurado cumprir sua missão junto à sociedade na medida em que se insere nela e procura sentir suas problemáticas. O Projeto *Comunidade Educativa* é um dos instrumentos pelos quais a universidade se aproxima de comunidades marginalizadas e empobrecidas, ouvindo seus clamores e oferecendo propostas na perspectiva inovadora de contribuir para melhoria de sua qualidade de vida. Trata-se de construir com a comunidade, numa metodologia dialógica, o desenvolvimento de seu potencial de conhecimentos, a apropriação do mesmo como instrumento de capacitação e autogestão.

Comunidade Educativa é um projeto que se constrói em comunidades de três cidades diferentes, ou seja, no Riacho Fundo II, no Recanto das Emas e Areal, um bairro da cidade de Águas Claras. Chamamos essas localidades de cidades ou cidades, e assim também as chamam moradores locais. Mas o Distrito Federal - DF tem somente um município, ou seja, Brasília, que ocupa todo seu espaço. Brasília, como município, tem, no momento, 30 Regiões Administrativas, cujos administradores são indicados pelo governador do DF. Essas cidades não têm Câmara de Vereadores, como outras cidades brasileiras, pois as cidades brasilienses são como que bairros da grande Brasília, e não têm quase autonomia administrativa. Em Brasília funciona a Assembléia Legislativa, formada por deputados distritais. Nas cidades de Brasília não há eleição de prefeitos ou vereadores, apesar de a capital ter sido sempre um símbolo da democracia.

O Projeto *Comunidade Educativa* é um só, embora dê presença nessas três cidades. Além das cidades acima citadas, esse projeto já teve uma caminhada temporária na cidade de Samambaia, e deu os primeiros passos para se formar na cidade de Ceilândia. Mas, no momento, não está mais presente nessas cidades. Pelo fato de ser um só projeto, dizemos, por exemplo, “Comunidade Educativa no Riacho Fundo II” e não “do Riacho Fundo II”. Os professores e professoras gestores desse projeto, assim como estudantes que dele participam, têm uma referência na UCB, na sala 20 do Bloco L. Ali realizam encontros, cada um conforme as horas disponíveis para o mesmo. Além de trabalharem normalmente na semana, essas pessoas estão sempre disponíveis para atividades em fins de semana, sábado ou domingo, de acordo com as demandas locais das comunidades. Esses professores e estudantes caminham articulados com lideranças das comunidades onde funciona o projeto, formando o chamado Grupo Gestor, que se encontra mensalmente nessas cidades para processos de formação, planejamento ou replanejamento de suas atividades. Além de professores e estudantes mais permanentes no projeto, outros e outras são solicitados, ou se oferecem, para atividades específicas e pontuais como nas oficinas na área da Saúde, de Comunicação, assessoria da Contabilidade, da Administração, de Serviço Social, Lazer e Esporte, dentre outras. Os estudantes que hoje participam do projeto, como voluntários ou estagiários, são cadastrados no Programa de Iniciação à Extensão (PIEX), uma iniciativa da UCB que trouxe um significado mais acadêmico e profissional ao seu trabalho. Os primeiros dedicam ao menos 4 horas semanais. Os demais dedicam 20 horas semanais e são contratados conforme a legislação trabalhista.

Esse projeto já teve várias parcerias com outros setores da UCB. Uma dessas parceiras se deu com o Projeto Ciranda que hoje atende a mais de 500 crianças carentes, grande parte destas oriundas dessas mesmas comunidades atendidas. Em 2009, tornou-se mais conhecido fora de Brasília. Concorremos com centenas de outros

projetos de várias universidades e centros de ensino espalhados pelo Brasil, em oito quesitos. Foi uma promoção do Instituto Cidadania Brasil em parceria com a Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social do Ministério da Ciência e Tecnologia. O prêmio *Cidadania sem Fronteiras*, recebido no Teatro Raul Cortez em São Paulo, foi atribuído em primeiro lugar à UCB tanto no item Educação, como no item Justiça e Direitos Humanos. O primeiro foi entregue ao projeto *Pedagogia a Alternância* e o segundo ao Projeto *Comunidade Educativa*. Este último tem gerado também várias produções científicas.

Embora seja um mesmo projeto em lugares diferentes, o grupo Gestor de cada cidade tem liberdade de fazer sua própria história e definir atividades específicas. Assim, o projeto ganha também o perfil de cada cidade. Mas algumas atividades são comuns às três cidades. Eis alguns exemplos: as artesãs dessas cidades se articulam e mantêm uma exposição mensal de seus trabalhos no bloco central da Universidade, ali ficando de segunda a sexta, apresentando e vendendo seus produtos. Eventualmente, algumas delas se encontram para aprimorar sua arte ou terem algum tipo de formação, como recentemente foi feita com a colaboração do ITEC (Incubadora Tecnológica de Empresas e Cooperativas). Outro exemplo é o subprojeto chamado *Arte de Aprender Brincando*. A partir do princípio educacional que toda criança tem direito a brincar realiza-se uma das atividades que dão estabilidade ao Projeto Comunidade Educativa, visando promover a integração do grupo de crianças, adolescentes e a comunidade, estimulando a construção da identidade dos participantes, desenvolvendo a linguagem oral e os conceitos lógicos matemáticos por meio de jogos e brincadeiras.

As realidades sócio culturais e políticas das três cidades são muito semelhantes. Convive-se e trabalha-se com comunidades marginalizadas pelo sistema social gerado por Brasília. Predominam, por exemplo, entre participantes do projeto, pessoas de origem nordestina ou mineira, com baixo poder aquisitivo, com pouco

acesso à instrução escolar, vítimas de desemprego ou subemprego, sofredoras de vários tipos de doenças às quais o serviço público do DF tem dado pouca atenção.

Na comunidade educativa essas pessoas superam, aos poucos, a política assistencialista e paternalista muito forte na tradição política local. Por essa razão, o Plano de Ação da Comunidade Educativa procura, num processo de educação freireana, ações sociopolítico-educativas e culturais, para que se criem nas comunidades espaços de produção e troca de saberes.

O projeto colabora na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Ali, professores e estudantes de várias áreas da Universidade encontram espaço não somente para desenvolver seu espírito cidadão, de sensibilidade social e solidariedade, mas também aprimoram suas aprendizagens e pesquisas, desenvolvendo, por exemplo, trabalhos de conclusão de curso (TCC).

Por meio desse projeto tem se desenvolvido pesquisas e estudos como propostas de sustentabilidade por meio de organização dos grupos, ações de educação ambiental, a descoberta da cultura em suas diversas manifestações esquecidas ou desvalorizadas devido às constantes migrações e falta de uma identidade local, e a própria prática da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão.

Esse projeto e suas experiências têm sido conduzidas com base em princípios éticos que percebem o ser humano de forma integral, de modo a torná-lo apto ao exercício da cidadania e participação social na busca de caminhos sustentáveis para seu contínuo embelezamento. Ética e Estética são dois pilares que humanizam a educação, conforme ensinamento do mestre Paulo Freire (2001, p. 36), “Decência e Boniteza de mãos dadas”, diz este educador.

COMUNIDADE EDUCATIVA NO AREAL

A comunidade do Areal se situa na cidade-satélite de Águas Claras. A ocupação do antigo Setor de Atividades Complementares

de Taguatinga começou em 1984, com a invasão da Vila Areal, entre as quadras 6 a 10. Águas Claras começou a ser construída em 1990 e em 2003, a cidade foi transformada na XX Região Administrativa do DF, que engloba o núcleo rural Vereda da Cruz, o Setor habitacional Arniqueiras e o Areal. Águas Claras, a 20 km do Plano Piloto, tem aproximadamente 136.000 mil habitantes, sendo 60.000 em seu centro (BRASÍLIA, 2011).

O centro de Águas Claras é o maior conglomerado urbano de prédios do DF onde a classe média se instalou com todos seus serviços e um alto custo de vida. São prédios construídos numa região de alto interesse ambiental, infelizmente pouco preservado. Segundo Carolina Alves (2011), Águas Claras é um dos maiores canteiros de obras do mundo, mas gera graves problemas ambientais.

Por outro lado, o Areal apresenta um contraste de problemas sociais marcado pela divisão de setores habitacionais bem distintos. O Areal é fruto de um assentamento e luta por uma moradia própria constituído por residências, cujas condições de infraestrutura são bastante precárias e, por isso, a população desse local sente-se desvalorizada e marginalizada. A população é carente de serviços públicos, pois faltam escolas, espaços culturais, quadras de esporte e os índices de criminalidade são bastante altos. A falta de condição econômica da população, aliada ao desemprego, é uma realidade presente, prejudicando o ingresso dessas pessoas no mercado formal de trabalho ou a oportunidade de trabalharem por conta própria.

A proposta da “Comunidade Educativa no Areal” surgiu no ano de 2005 em que foi priorizado o diálogo nos encontros quinzenais de seu Grupo Gestor. Esse grupo tem pensado, discutido e planejado ações coletivas que vão desde oficinas de diversas aprendizagens, sendo uma delas a de artesanato, até a organização de grupos de geração de renda ou de controle social dos recursos públicos e aplicação dos seus benefícios. O grupo gestor tem propiciado um espaço onde os participantes percebem e fazem o uso das oportunidades de aprendizagem para o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida local.

Assim, os próprios participantes do grupo gestor, enquanto sujeitos que aprenderam a se reconhecer como portadores de um conhecimento, tornam-se educadores na sua própria comunidade, ministrando oficinas de artesanato em prol do desenvolvimento da sua comunidade para que esta se torne educativa. Há um ano, ministravam também oficinas de produtos de higiene e limpeza. Porém, a própria comunidade decidiu interromper a produção de saneantes, restando o artesanato que cresce a cada dia com novas mulheres participantes.

Esse movimento de apropriação do exercício de protagonismo social é muito significativo para cada homem e mulher, que ao ensinar também aprende, e ao aprender também se ensina, conforme pensava Paulo Freire (2011), em sua *Carta aos Professores*.

O próprio grupo gestor expressa a sustentabilidade do projeto, pois ele é o responsável por pensar os desafios locais de forma coletiva, pelo planejamento e execução das ações. Essa consciência de ser sujeito inconcluso promove ainda, uma busca por conhecimento, ampliando a leitura de mundo e a criticidade de cada sujeito integrante do projeto.

Um dos aspectos enfocado na proposta do projeto é a questão do analfabetismo. O Areal é formado por uma população em que uma parte significativa tem renda familiar baixa. O analfabetismo surge nesses contextos urbanos como mais uma expressão do grave quadro de desigualdade econômica, discriminação racial e exclusão social que atinge os segmentos menos favorecidos da sociedade mais ampla. Desse modo, o mesmo é causa e consequência de uma circularidade viciosa que reproduz a marginalidade e a violência urbana pela impossibilidade de serem desenhados novos projetos individuais e comunitários de vida.

Em março de 2006, em um dos encontros do grupo gestor, três mulheres artesãs resolveram oferecer oficinas de crochê e bordado (ponto de cruz) para a comunidade. O primeiro local

das oficinas foi na Igreja Evangélica da quadra 11, ao lado da capela Nossa Senhora do Amparo, onde hoje acontecem as atividades de artesanato e as reuniões do grupo gestor. Um fato interessante, conta D. Nazaré com muito entusiasmo, “foi quando uma das primeiras alunas de ponto de cruz, que mal sabia pegar na agulha, contou que aprendeu tão bem que já estava ensinando para sua patroa e dando oficinas para as pessoas da sua Igreja”.

Atualmente, as artesãs do Areal formam um grupo de 35 mulheres. Realizam oficinas para pessoas da comunidade e organizam as mostras de artesanatos mensais na UCB. Estão se organizando com vistas a formarem uma cooperativa de artesanato juntamente com as demais Comunidades Educativas do Recanto das Emas e Riacho Fundo II.

Outro destaque é o subprojeto *Arte de aprender brincando* que promove a integração de um grupo de 30 crianças e adolescentes na *Comunidade Educativa* por meio de atividades lúdicas. Ultimamente, tem sido um destaque o grupo de música, uma demanda que surgiu na comunidade. O grupo de jovens interessados na arte musical vem crescendo e tem atraído outros jovens.

COMUNIDADE EDUCATIVA DO RECANTO DAS EMAS

O Recanto, como popularmente se diz, é uma das regiões administrativas do DF. O site da administração local informa que essa cidade foi fundada em 28 de julho de 1993, por meio da lei nº 510/93, para o assentamento de famílias marginalizadas do DF. Nesse local havia muitas chácaras da Fundação Zoobotânica que foram desapropriadas. Por ali havia muitos arbustos conhecidos como “canela-de-ema”. E antigos moradores dizem que também havia, pela região, grande quantidade de emas, animais característicos do cerrado. Por isso, essa cidade adquiriu esse nome (BRASÍLIA, 2011).

O Recanto tem uma área territorial de 101,22 Km², e fica a 25,8 km do Plano Piloto. É formado por 35 lotes institucionais, 637

comerciais, 574 industriais. Inicialmente, o Governo do Distrito Federal (GDF) distribuiu 15.619 lotes para inquilinos que somavam uma população aproximada de 86 mil habitantes. A população atual é de 160 mil habitantes. Segundo o DIEESE, em 2007, essa foi a cidade do DF que mais ofereceu empregos, desenvolvendo amplo comércio. Segundo dados do GDF, o Recanto das Emas conta com 100% de rede de esgoto, 100% de água potável, 95% de iluminação e cerca de 99% de asfalto e drenagem pluvial.

É uma cidade com lindas reservas naturais. Ali foi criado, em 1996, o Parque Ecológico e Vivencial do Recanto das Emas, pela lei 1.188, com uma área de 354 hectares. Nessa localidade nasce o córrego Monjolo. O parque também tem duas cachoeiras, corredeiras, poços, paredões e nascentes. A vegetação inclui cerrado, campo sujo, mata de galeria, campo rupestre e um vale profundo onde corre o córrego. Possui trilhas ecológicas, e ainda podem ser vistos por ali animais típicos do cerrado tais como araras, tatus, seriemas e tucanos. Em parte desse parque funciona a Estação de Tratamento de Esgoto da CAESB (Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal).

Embora seja uma cidade bem traçada, nessa cidade encontram-se muitas famílias vivendo em situação social precária. A cultura política tradicional do DF, de políticos e eleitores, deixou traços de um coronelismo interiorano onde votos são trocados por vantagens de emprego ou até por loteamentos irregulares. É histórica a manipulação ideológica, com privilégios de um núcleo de políticos que, ultimamente, passam por processos de acusação de graves envolvimento em corrupção de bens públicos. São pessoas que se eternizam no poder com muitos fisiologismos familiares. Mas nota-se, ultimamente, uma consciência mais crítica e o surgimento de alternativas viáveis que geram uma nova esperança na população.

Grande parte da população do Recanto sofre o impacto da cidade grande e da mistura de origens gerando conflitos sociais de discriminação e inadaptação ao tipo de vida urbana brasileira.

Os grandes espaços de áreas verdes de Brasília dão a impressão de beleza, organização e respeito ambiental, mas, por outro lado, segregam partes da população que passam a ser controladas pelos mecanismos acima apontados. As desigualdades sociais mais próximas, e próprias de outras cidades como Rio e São Paulo, aqui são acobertadas pelos amplos jardins e grandes distâncias para onde são jogados segmentos sociais significativos.

Regiões administrativas, como o Recanto das Emas, são, na prática, cidades-dormitório que diariamente veem sua população se amontoar em filas de ônibus com serviço precário e passagens das mais caras do país. O DF tem números e estatísticas impressionantes, dentre os melhores do país, mas esses dados jogam com médias que encobrem as desigualdades, já que uma pequena parcela da população, normalmente ligada à burocracia política, tem altíssimos rendimentos.

Nesse contexto surgiu a “Comunidade Educativa no Recanto das Emas”, fundada em 2005. Ela tem uma história que comprova seu crescimento e importância diante do previsto pela Universidade e seus objetivos. No início, esse projeto dedicou-se ao conhecimento da realidade local, procurando fazer contatos com associações e entidades. Prestou vários tipos de serviços, ao mesmo tempo em que procurava parcerias para esse projeto. Vários estudantes e professores dedicaram-se com paixão nesse projeto, deixando a marca de seus ideais de cidadania e até agora são lembrados com saudade.

Em 2007 já se tinha condições de ampliar o Grupo Gestor, o que foi feito. Na época, escolheu-se trabalhar com a ACOSOL (Associação de Cooperação Solidária) e a Cooperativa de Reciclagem Superação. Ainda nesse ano, foi feito contato com um setor da cidade bastante discriminado, antes chamado de Tabuaté, nome este derivado de seus muitos barracos feitos de velhas tábuas. Ali foram assentadas pessoas trazidas de outras regiões bem pobres do DF. Inicialmente, havia certa animosidade entre essas pessoas

e outras quadras vizinhas. Mas, entre essas lideranças, logo foram superados esses preconceitos. Nesse setor da cidade sempre houve boa acolhida, seja por famílias locais, como também pela direção do Centro de Ensino Fundamental da quadra 510. Nos últimos meses, surgiu uma nova parceria em outro setor da cidade. Foi um centro social conhecido como *Amor Sem Fronteiras* que também atende populações bem marginalizadas pela cidade.

Em 2007, depois de várias conversações com a direção da Universidade, e diante da falta de docentes que acompanhassem esse projeto, ficou decidido o fechamento da Comunidade Educativa no Recanto. Mesmo assim, as lideranças locais resolveram manter a articulação entre esses grupos acima apontados. Passados alguns meses, elas reivindicaram diante da reitoria da UCB, o retorno do projeto, o que logo aconteceu.

No ano de 2008 a parceria com outros cursos da Universidade desenvolveu, no local, ações pontuais. Com isso, alguns cursos conheceram o Recanto, fizeram parceiras próprias e desenvolveram outras atividades sem a dependência do Projeto *Comunidades Educativas*. Ainda nesse ano, fortaleceu-se a relação com as parceiras, representada agora no Grupo Gestor do projeto. As reuniões mensais dessa coordenação são feitas sempre no último sábado de cada mês, com momentos de formação e momentos de organização dos trabalhos. O Recanto é hoje uma cidade grande, mas essas lideranças criaram um laço de amizade que facilitou o compromisso de todas elas, e também da Universidade, com a cidade como um todo. Antes viviam mais fechadas em seu próprio espaço. Hoje, pessoas dessas comunidades se visitam e se ajudam sem discriminação umas com as outras, ajudadas pelas reuniões do Grupo Gestor que são feitas em rodízio nesses diversos espaços dessas comunidades.

No decorrer da caminhada de quase seis anos de história, os membros do Grupo Gestor fazem memória, com frequência, de experiências passadas: cursos de informática, terapias grupais, trabalhos com idosos, cursos de liderança na UCB, atendimentos

na área de saúde, assessoria do ITEC (Incubação Tecnológica de Empresas e Cooperativas) para cooperativismo. Atividades do Programa Saúde e Sociedade, pré-vestibular, alfabetização, participação em algumas semanas temáticas, exposição e venda de artesanato, passeio cultural em Brasília, filmes, projeto de lazer para mulheres, projeto de matemática lúdica com crianças, e outras tantas atividades pontuais ou pequenos projetos mais permanentes deixaram marca em sua trajetória.

COMUNIDADE EDUCATIVA NO RIACHO FUNDO II

O Projeto Comunidade Educativa no Riacho Fundo II vem sendo gradualmente implementado desde 2001, quando iniciou suas atividades por meio das ações voltadas à Alfabetização de Jovens e Adultos. É uma iniciativa que nasceu do diálogo entre a comunidade da cidade satélite Riacho Fundo II e a Pró-Reitoria de Extensão da UCB. Essa comunidade, como outras surgidas à margem das chamadas cidades, originou-se do processo de ocupações espontâneas e assentamentos promovidos por iniciativa do Governo do Distrito Federal nos últimos 30 anos. Mas hoje sofre os mesmos baixos índices de desenvolvimento humano (IDH) de outros aglomerados das periferias urbanas do país (BRASÍLIA, 2011).

Conforme dados da administração local postados no site, a história do Riacho Fundo II é vinculada à do Riacho Fundo I. A região Administrativa do Riacho Fundo I (RA XVII) começou no dia 13 de março de 1990, quando o governo da época decidiu erradicar a invasão existente no Setor de Indústria e Abastecimento – SIA - efetivando um assentamento de 562 famílias na QN 01. O Riacho II teve início com a ocupação de pessoas que ficaram acampadas na beira da pista, próximo ao balão do Recanto das Emas, em busca do direito a moradia própria, em 1995.

O Decreto 21.909 de 17 de janeiro de 2001 (DODF nº 16, de 23 de janeiro de 2001), criou-se a Sub-Administração Regional do Riacho Fundo II, no intuito de descentralizar o atendimento à

comunidade, que se deslocava ao Riacho Fundo I para obter um atendimento de maior qualidade. A partir daí a comunidade do Riacho Fundo II passou a ter uma consciência de valorização da sua sociedade, cobrando intensamente melhorias e serviços dentro do contexto social e urbanístico da cidade. O primeiro parcelamento da cidade aconteceu em 07 de fevereiro de 1994, pelo decreto 15.441/94. Tinha como objetivo assentar 17.000 habitantes, dado à necessidade urgente do significativo aumento da população.

O Riacho Fundo II tornou-se a Região Administrativa - RA XXI, por meio do Decreto 3.153 de 06 de maio de 2003, data em que é comemorado o aniversário da cidade (DODF nº 86, de 07 de maio de 2003). Está subdividido em Quadras Industriais - QI, Quadras Nortes - QN, Quadras Centrais - QC e, atualmente, as Quadras Sul - QS que constituem a terceira etapa do Riacho Fundo II, além do CAUB I e II - Conglomerados Agro-urbanos de Brasília - que agregavam famílias de baixa renda com objetivo de exploração agrária cooperativista, e que estão se transformando em bairro.

Atualmente, o Riacho Fundo II tem, aproximadamente, 45 mil habitantes e um crescimento industrial e comercial muito rico a ser explorado por empresários. Algumas melhorias foram realizadas após a emancipação administrativa: pavimentação asfáltica, inauguração de Posto de Saúde, arborização e plantio de grama na cidade, execução de quebra-molas, iluminação pública em todo o Riacho Fundo II, colocação de postes de concreto e lâmpadas de vapor de sódio nas praças e no CAUB II, área rural da cidade. O Riacho Fundo II tem 100% de suas ruas asfaltadas.

A cidade tem problemas na área pública de transporte, saúde e educação. Acrescente-se a isso a necessidade de desenvolver no Riacho Fundo II estratégias ambientais, por estar situado próximo a nascentes de bacias importantes do Distrito Federal, cuja área está comprometida por despejo de detritos de empresas locais.

O Riacho Fundo II é composto por uma população em que uma parte significativa tem renda familiar baixa. O analfabetismo

e a baixa escolaridade surgem nesses contextos urbanos como mais uma expressão do grave quadro de desigualdade econômica, discriminação racial e exclusão social que atinge os segmentos menos favorecidos da sociedade mais ampla. Como consequência, verifica-se um alto nível de pessoas inseridas em subempregos e trabalhos informais com pouca remuneração. Há uma carência grande de oportunidades de formação para trabalhos especializados, sendo que existe demanda por parte das empresas. Não há escola de ensino médio, fazendo com que adolescentes tenham que se deslocar para outras cidades. A educação para jovens e adultos (EJA) é bastante inconstante, não havendo garantia de continuidade de um ano para outro, porque as escolas consideram que há poucas salas disponíveis para esse tipo de ensino.

Aspecto que merece atenção é o das crianças e adolescentes em situação de risco que moram nessa cidade. Aumentou significativamente o consumo e o tráfico de drogas. O Estatuto da criança e do adolescente, das Disposições Preliminares, art. 3º, diz: “A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade”.

Além dos problemas existentes já diagnosticados, verificam-se potencialidades relevantes que podem ser desenvolvidas concretamente por meio do projeto. Os moradores gostam da cidade, principalmente porque a maioria tem casa própria, adquiridas por meio de financiamento, construção em mutirão ou cooperativas. A cidade também tem índice baixo de violência relacionada a homicídios e assaltos. Há uma preocupação com a qualidade de vida e por isso, busca-se melhor transporte público e outros serviços. A Universidade tem muitas potencialidades para atuar em parceria com essas comunidades. Ambas podem aprender juntas, já que, no dizer de Paulo Freire (2001), “quem ensina, aprende”.

O Projeto Comunidades Educativas é “uma proposta possível de ver universidade e sociedade como um todo, onde as partes interagem” (ODA *et al*, 2009, p. 148). Não é uma relação tranquila e fácil, pois a história distanciou esses sujeitos sociais com grandes prejuízos a ambos. E o tempo na história gerou também um descompasso de tempos em que vivem universidade e sociedade, nem sempre sintonizados. Conforme Carvalho *et al* (2006, p.58), “o tempo da academia é diferente do tempo da comunidade”. Mas este descompasso não pode ser aceito hoje como algo passivo, mera consequência da história, naturalizando conflitos da própria história.

Três integrantes do grupo gestor da Comunidade Educativa e, moradores do Riacho Fundo II, escreveram um artigo para o livro *Encruzilhadas da universidade particular: caminhos e possibilidades*, e comentam sobre essa questão:

A construção da própria história e do sentir-se responsável pelo processo nos faz construir, a passos lentos, nosso protagonismo. Buscamos idéias para melhorar o que esperamos e verificamos a possibilidade de fazer isso acontecer na prática, da melhor forma possível, para o crescimento da comunidade. No entanto, esse processo é lento, consistente. E, talvez por isso, que seja devagar para podermos elaborar boas idéias e construirmos solidamente o que queremos. Temos uma concepção de comunidade, aquela que se auto-educa, como estamos falando desde o início (TONDELLO *et al.*, 2006, p. 101).

O tempo é uma construção cultural de seres humanos. A aparente lentidão das comunidades carentes ou a agitação da vida universitária podem ser produtos de uma relação mal construída. Nem lentidão é virtude, nem velocidade é critério necessário em um projeto social. Cunha Filho (2001) diz que o Projeto Comunidade Educativa é uma metodologia em construção e sabemos o que pretende: desafiar a comunidade a se colocar em processo de aprendizagem.

A experiência desse projeto exige abandonar velhos vícios da intelectualidade que normalmente se considera superior a outros tipos de saberes populares, ou simplesmente caminha desvinculada de outros saberes históricos que não passaram pelos espaços acadêmicos, como expressa Paulo Freire:

Não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo de 'leitura do mundo' que precede sempre a 'leitura da palavra' (FREIRE, 2001, p. 90).

Por fim, as pessoas envolvidas no projeto, sabem que a Comunidade Educativa é uma construção de um grupo que possa se organizar para melhorar a sua qualidade de vida e a da cidade, sendo que a Universidade “ofereceu alguns meios para que as pessoas pudessem descobrir elementos importantes para seu protagonismo e potencializar seus meios de colocarem em prática seus saberes” (TONDELLO *et al.*, 2006, p. 100). De modo crítico, apontam questões que consideram como importantes no processo de construção de uma Comunidade Educativa, como a metodologia apontada, por meio do diálogo, no qual a fala e a escuta são fundamentais para que as pessoas se vejam num espaço coletivo de respeito e consideração do outro. Isso faz com que o grupo não se feche em si mesmo, mas se abra para a realidade local. Conforme Tondello e demais autores (2006, p. 100), as questões por eles apontadas “têm tido um feito raro em grupos organizados com apoio de instituições ou de organizações não governamentais: o protagonismo. Alguns membros do projeto têm tomado iniciativas, têm organizado grupos por interesse, realizando várias atividades que trazem mais qualidade de vida [...]”.

[...] cada pessoa começa a ser livre na medida da sua interação. Sabemos que o nosso trabalho é

trabalho de formiguinha, para deixar para outras gerações. Acreditamos que estamos construindo uma história [...], e isso é um marco em nossas vidas. A Universidade nos deu contato com outros tipos de conhecimentos e aí podemos separar primeiro cada coisa e depois colocar cada coisa no seu lugar. Vamos nos situando onde cada um está, e por isso temos plena consciência da idéia de *comunidade*, o que é fundamental para nós. (TONDELLO *et al.*, 2006, p. 104).

Referências Bibliográficas

ALVES, Carolina. **IMPACTO ambiental em Águas Claras.** PGT da gente. Disponível em: <<http://pgtdagente.wordpress.com/2011/01/19/impacto-ambiental-em-aguas-claras/>>. Acesso em: 26 set. 2011.

BRASÍLIA. Administração de Águas Claras. **GDF: Portal do Cidadão.** Disponível em: <<http://www.aguasclaras.df.gov.br/>>. Acesso em: 26 set. 2011.

BRASÍLIA. Administração Regional do Recanto das Emas. **GDF: Portal do Cidadão.** Disponível em: <<http://www.recanto.df.gov.br/>>. Acesso em: 23 set. 2011.

BRASÍLIA. Administração do Riacho Fundo II. **GDF: Portal do Cidadão.** Disponível em: <<http://www.riachofundoi.df.gov.br/>>. Acesso em: 24 set. 2011.

CARVALHO, André L.; SOUZA, Carlos Â. de M.; ODA, Elizabeth A.; SANTOS, Maria A. A. dos; AQUINO, Vânia. *In: Revista Diálogos*, Brasília, UCB, v. 06, mai. 2006.

CUNHA FILHO, José Leão. Anotações sobre o Programa Comunidades Educativas Texto produzido para a reunião de avaliação do PCE, em 31 de julho de 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **SCIELO.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013>. Acesso em: 26 set. 2011.

ODA, Elizabeth A.; SILVA, Rubens de M.; SANTOS, Maria A. A. dos. Comunidades educativas: uma experiência concreta de

inclusão social. *In*: OLIVEIRA, José L. M.; SÍVERES, L. (Orgs.) **Ensaio sobre Justiça Social**: refazendo o caminho da vida e da paz. Brasília: Editora Universa, 2009, p. 147-174.

TONDELLO, Claris T. *et al.* Comunidade Educativa: um olhar dos protagonistas sobre sua metodologia de construção coletiva do saber. *In*: SASTRE, Edilberto A. (Org.) **Encruzilhadas da Universidade Particular**: caminhos e possibilidades. Brasília: Universa, 2006, p. 97-106.

Capítulo 5

A EXPERIÊNCIA DAS “OFICINAS” OU ENCONTROS DE LAZER

Tânia Mara Vieira Sampaio
Ioranny Raquel Castro de Sousa
Gislene Moreira Nogueira Faria
Roberta de Jesus dos Santos
Monaiza Lima Lopes
Mirelle Pereira do Nascimento
Junior Vagner Pereira da Silva
Gislane Ferreira de Melo

O projeto de pesquisa nasceu com a perspectiva de que o lazer pode ser um campo fértil para experiências de cidadania. Em qualquer projeto, identificar o seu problema de estudo e a população com a qual se vai trabalhar são fatores primordiais. Nesse sentido, o problema gerador foi identificar em que medida o lazer pode se constituir em processo educativo crítico e criativo na vida das pessoas. A escolha da população de mulheres não foi acidental, nem mesmo sua condição de classe e etnia. O direcionamento a este grupo foi com o propósito de verificar se este é um grupo social, que permanece distante de um de seus direitos fundamentais como a literatura indica (MARCELLINO, 2002; BRHUNS, 1995; SAMPAIO, 2008)

A experiência de um grupo de mulheres e da equipe de discente e docente, da Universidade Católica de Brasília, foi gerada por meio de “oficinas” ou encontros de lazer, que tiveram a clara intenção de criar tempos e espaços para que mulheres, que vivem em situação de discriminação, pobreza e vulnerabilidade social e racial pudessem experimentar a dimensão de ludicidade e gratuidade do lazer, assim como seu potencial educativo crítico e criativo.

A relevância desse processo consistiu no potencial que o lazer tem para construir relações solidárias e de empoderamento pessoal não apenas nesta vivência em si, mas em todas as esferas

das relações cotidianas. O lazer foi concebido como uma dimensão fundamental da vida humana, por seu caráter de liberdade em relação a diversas obrigações e compromissos como o trabalho, a família, a religião entre outros.

Considerando a livre escolha das pessoas para participar de atividades de lazer, trabalhou-se com a perspectiva de que este tem um caráter educativo e emancipatório na proposição de “oficinas” ou encontros de lazer que priorizavam a cada evento um dos diversos conteúdos culturais do lazer, a saber: sociais, físico-esportivos, manuais, intelectuais, artísticos, turísticos e virtuais.

O caráter inovador consistiu em subverter a concepção de lazer enquanto atividade compensatória ou em oposição ao trabalho ou de entretenimento alienador. A diversidade de conteúdos culturais do lazer carrega um grande potencial educativo e transgressor, desse modo, a proposta de “oficinas” de lazer foi concebida como momento que possibilitou o encontro das mulheres consigo mesmas e com as outras; o aprendizado crítico e criativo sobre realidades conhecidas ou novas; a experimentação de regras dadas e reconstrução destas a partir da resolução de problemas e demandas surgidas no processo; a percepção das barreiras de gênero, classe e etnia construídas culturalmente que impedem a participação nos jogos, na recreação, na atividade física, no acesso aos bens artísticos e culturais da sociedade; o aprendizado de posturas autônomas, cidadãs, consciente dos direitos, emancipadoras, participantes na tomada de decisões e a fruição gratuita e alegre de atividades que permitiram às pessoas renovarem suas esperanças e sonhos.

O diálogo vivenciado nas várias ações de caráter lúdico, desenvolvidas por meio de atividades de lazer de recorte social, físico-esportivo, manual, intelectual, artístico, turístico e virtual permitiu ao grupo de mulheres uma nova percepção de si mesmas. O resgate da autoestima e a abertura de horizontes experimentadas nessas vivências marcaram os encontros.

O projeto antes de iniciar com os encontros na Universidade, denominados *Oficinas de Lazer* contou com um

processo de visita às *Comunidades Educativas* do Areal, do Recanto das Emas e do Riacho Fundo II. Após contato com docentes que atuam na coordenação desses programas de extensão universitário nessas cidades, solicitou-se que convidassem o grupo de mulheres da comunidade para uma reunião na qual se apresentaria a proposta do projeto em tela. A reunião foi realizada nas três comunidades com uma participação expressiva de mulheres em todas elas. Cabe destacar que em uma das comunidades, a do Recanto das Emas, houve uma participação significativa de homens e jovens que também se interessaram pelo projeto e reivindicaram uma nova etapa na qual eles pudessem ser contemplados.

A seguir apresentamos alguns dos encontros realizados e sua seleção dada a preponderância de um dos interesses culturais manifestos nas atividades de lazer.

Considerando os objetivos as oficinas desencadearam-se da seguinte forma:

1. Experimentar, por meio da experiência de *oficinas de lazer*” de caráter social, a construção da autoestima; desenvolver a autopercepção; e vivenciar alternativas de superação das barreiras culturais que impedem a vivência de sua humanidade integral e plena.

2. Experimentar, por meio da experiência de *oficinas de lazer* de caráter físico-esportivo, a apropriação do lazer e das atividades físico-esportivas como direito humano e social inalienável e desenvolver uma saúde integral, qualidade de vida, autoimagem afirmativa e capacidade para levar essa experiência para outras esferas da vida.

3. Conquistar, por meio da experiência de *oficinas de lazer* de caráter manual-artístico-intelectual, autonomia e empoderamento (pessoal e comunitário) na compreensão de sua realidade e na tomada de decisões/processos e situações de preconceito e discriminação de gênero, classe e etnia e construir coletivamente alternativas de superação.

4. Iniciar processo de inclusão digital, por meio da experiência de *oficinas de lazer* de caráter virtual, e experimentar o conhecimento de uma ferramenta importante de acesso às informações da sociedade moderna, veículo diferenciado de integração social e inclusão no mundo do trabalho e do lazer, construindo uma concepção de cidadania e emancipação política.

5. Experimentar, por meio da experiência de *oficinas de lazer* de caráter turístico, sua condição de mulher (diferenciado do ser mãe e esposa), adquirindo maior referencial de análise da sua realidade ao deslocarem-se para conhecer lugares diferentes do seu bairro ou cidade, ampliando horizontes e enfrentando processos de violência e isolamento social.

– Oficina de Interesse Cultural Social do Lazer –

As atividades propostas tiveram como objetivo promover a socialização, sobretudo, por ser tratar do primeiro encontro visou à realização de atividades que proporcionassem a maior aproximação entre as mulheres das comunidades do Riacho Fundo II, Recanto das Emas, Areal e a equipe de estudantes e docentes da Universidade. No primeiro encontro predominou o interesse cultural social do lazer, que segundo Marcellino (2002) se manifesta pela busca de estabelecer vínculos afetivos e relações sociais. O lazer social pode se realizar em distintos locais, seja na frequência a bailes, clubes, associações e até mesmo em estabelecimentos comerciais. Em muitos casos, é a oportunidade de convivência e a procura pelo relacionamento social que leva ao desenvolvimento dessas atividades culturais, e como explica Stoppa:

O lazer pode ser um excelente mecanismo de organicidade para a comunidade, como um momento participativo e definidor das ações que envolvem a coletividade. Assim é entendido como direito de cidadania, podendo ser vivenciado como um instrumento de mudança, gerador de novos valores, como contraponto a problemática das políticas públicas sociais (STOPPA, 2007, p. 124).

As relações sociais se estabelecem quando as pessoas são atraídas por suas semelhanças ou diferenças, entre outros fatores são as crenças, experiências e sentimentos comuns que caracterizam e aproximam as pessoas de forma que elas passem a se mover em blocos, como um só corpo, favorecendo a formação de uma consciência coletiva em relação aquilo que defendem. Esse fenômeno, explica Stoppa (2007), é uma atividade própria dos interesses sociais no lazer que ocorre de forma voluntária, espontânea e autêntica de relacionamento social. Com base nas experiências é possível perceber que as atividades que buscam promover o lazer social possuem um poder de transformar grupos desconhecidos em grandes parceiros

da vida, oferecendo liberdade em suas expressões, abrindo portas para novas perspectivas, desinibindo e desbloqueando barreiras comportamentais por meio da comunicação verbal e a descoberta de atividades lúdicas, bem como permite-as definirem e redefinirem atitudes que tornem melhor o convívio social descobrindo e reinventando sistemas de valores.

○ DESENVOLVIMENTO DA OFICINA PROPOSTA:

ATIVIDADE I – Acolhida com um vídeo breve, consistindo em um poema e apresentação dos propósitos do projeto.

ATIVIDADE II – Dinâmica dos animais em pares

Descrição: Em uma caixa foram colocados papéis com nomes de animais, de modo a que constituíssem pares. As participantes, por sua vez, retiraram um papel e ao identificar o animal deveriam representá-lo por meio de mímicas. Cada participante deveria imitar o animal a fim de encontrar o seu par, que somente poderia ser reconhecido pela mímica. Após encontrarem o par, as participantes deveriam realizar uma breve conversa para se conhecerem melhor. Logo após o tempo da conversa, as participantes deveriam, uma de cada vez, apresentar o seu par e ser apresentado por ele a todo o restante do grupo.

Recursos necessários: Qualquer tipo de papel para escrever os pares de animais e uma caixa.

Funcionamento: O espaço deve ser ornamentado de forma que incentive o lúdico, com muitas cores, balões entre outros.

Possibilidades de utilização: O espaço depende do número de pessoas participantes, pois há a necessidade de movimentação na realização das mímicas. Essa atividade não tem restrição quanto à faixa etária, visto que seu perfil é lúdico.

Possibilidades (ou necessidades) de adaptação: A re-elaboração da brincadeira pode variar de acordo com a necessidade de cada grupo e a preferência de quem dirigir a atividade.

Experiências já desenvolvidas: A primeira experiência foi realizada no projeto de Lazer e Cidadania. Participaram da brincadeira mulheres adultas e idosas.

Outras observações: Como a regra para encontrar o animal correspondente dizia que só se poderia utilizar a mímica, foi preciso que a voz de comando da brincadeira estivesse atenta às participantes, estimulando o grupo a utilizar somente a mímica. Elas apresentaram alguma dificuldade em fazer as mímicas, devido a todo um contexto em que vivem, muitas tinham vergonha, porém foi muito divertido e estimulante durante o processo.

ATIVIDADE III – Dança do Balão

Descrição: As participantes fizeram duplas, cada dupla recebeu um balão, a coordenação da atividade colocou uma música ambiente adequada e em seguida solicitou que dançassem com o balão. A partir de comandos, o balão deveria ser colocado na cabeça, nas costas, nos pés, em todas as partes do corpo sem o uso das mãos. Depois a voz de comando pediu para formarem quartetos e sucessivos outros agrupamentos e seguissem a dança do balão.

Recursos necessários: Balões coloridos, música e aparelho de som.

Funcionamento: O espaço deve ser ornamentado de forma que incentive o lúdico, com muitas cores, balões entre outros.

Possibilidades de utilização: um espaço médio a grande, dependendo também do número de pessoas, tendo em vista a experiência realizada é necessário um espaço considerável para a realização dos movimentos. Não há restrição quanto a faixa etária.

Possibilidades (ou necessidades) de adaptação: A brincadeira deve ser direcionada por uma voz de comando, ficando a critério desta a necessidade de variação.

Experiências já desenvolvidas: A primeira experiência foi realizada com um grupo de mulheres que em sua maioria vivencia

situações de discriminação, pobreza e vulnerabilidade social e racial e são participantes do projeto *Lazer e Cidadania*. Esse projeto de pesquisa propicia oficinas de lazer como a criação de tempos e espaços para que essas mulheres possam experimentar a dimensão de ludicidade e gratuidade do lazer bem como o seu potencial educativo e crítico. A oficina de interesse cultural social do lazer permite à equipe coordenadora delinear o perfil de um grupo ou da personalidade das participantes.

Outras observações: A coordenação da atividade deve dar a direção de qual parte do corpo as participantes podem colocar os balões, bem como observar se estão utilizando as mãos para isso ou não.

Na experiência realizada com as mulheres, algumas delas se mostraram tímidas, demonstrando dificuldade de expressão e falta de uma melhor percepção corporal, uma vez que outras foram extrovertidas e não demonstraram muitas dificuldades dentro do que era proposto. O incentivo durante a prática é essencial para que elas não deixem de participar. Inicialmente, algumas participantes ficaram tímidas para a participação, pois esse foi o primeiro encontro entre as três comunidades. Porém, logo, todas as participantes foram se soltando e tivemos uma intensa participação. As mulheres viveram um momento de grande descontração, riram muito e puderam sentir-se mais à vontade umas com as outras.

Na brincadeira de imitação dos animais, é necessário que a equipe coordenadora esteja atenta e estimule a participação e o lado lúdico da vida adulta, ajudando as pessoas nos processos de imitação quando necessário.

Mesmo em meio a todas as dificuldades que essas mulheres enfrentam, foi contagiante contemplar a alegria que elas transmitiram. No decorrer das atividades algumas barreiras como a timidez e a vergonha caíram e deram lugar à descontração e diversão. Observou-se que o caráter lúdico de algumas atividades fez com que as mulheres permitissem a si mesmas vivenciar o prazer que aquele momento de lazer oferecia.

A dinâmica com os balões animou as que gostavam de dançar. Ao observar e participar dessa atividade foi possível, ao grupo, fazer algumas reflexões, como no momento em que elas obedeciam às ordens, representavam as obrigações, a rotina a que são submetidas todos os dias, sendo privadas do acesso ao seus direitos, mas que nem por isso cumprem suas atividades diárias com tristeza, pelo contrário, demonstram alegria e amor naquilo que fazem.

Após terem obedecido à voz de comando, a última ordem foi, jogue o balão para cima e dance livremente, o último comando representou o direito que pertence a essas mulheres de serem livres para se divertir, dançar, sorrir, de ser o que elas querem ser, sendo devolvido em suas vidas.

Ao final, com uma palavra elas deveriam definir como havia sido a tarde para elas, como havia sido aquela experiência: "Fuga da rotina"; "alegria"; "felicidade"; "diversão"; "satisfação" entre outras expressões. As mulheres foram ativas na participação das atividades, contribuindo de forma criativa e crítica, experimentando plenamente a vivência do lazer. Foi perceptível a satisfação e contentamento delas com o primeiro encontro.

– Oficina de Interesse Cultural Físico-Esportivo do Lazer –

Para realização dessa Oficina, fizemos a utilização do Interesse Cultural Físico-Esportivo Do Lazer, objetivando a vivência de expressões do movimento corporal, por meio da recordação de brincadeiras da cultura popular e a dança de alguns estilos musicais.

Segundo Marcellino (2002), cabe a esse interesse atividades como pesca, passeios em geral, ginástica, exercícios físicos e as diversas modalidades esportivas, ou seja, qualquer atividade no qual prevaleça o movimento do corpo humano. Nesta *oficina de lazer* as atividades desenvolvidas contemplaram aquelas em que prevalece o movimento humano não motivado por situações de obrigação.

Para Isayama (2007), as atividades físico-esportivas e o lazer são práticas que proporcionam o conhecimento, que de alguma forma nos apresentam os saberes da cultura na qual o sujeito está inserido, possibilitando as diversas manifestações do ser e ainda propiciando a ética e estética da humanização. Com isso, as atividades físicas podem ser caracterizadas como bens culturais e direitos sociais frente ao lazer.

Atualmente, podemos utilizar as atividades físico-esportivas como um meio de socialização entre as pessoas e uma melhora e/ou aumento nas redes sociais, devido a criação de um espaço comum de convívio das pessoas com os diferentes objetivos, sendo eles a aprendizagem ou o teste de suas habilidades e também a passagem de conhecimentos. Talvez seja devido a essas características, que hoje temos vários programas do Governo Federal que visam a utilização do Esporte como meio de solucionar ou minimizar problemas do cotidiano de indivíduos com risco de morte e até mesmo proporcionar uma melhor qualidade de vida (ISAYAMA, 2007).

O DESENVOLVIMENTO DA OFICINA PROPOSTA:

ATIVIDADE I – Movimentos de Alongamento

ATIVIDADE II – Dança do “Chep-Chep”

Descrição: Inicia-se a atividade de expressão corporal, denominada Dança do “Chep-Chep”, todas as participantes em círculo e a coordenação da atividade ao centro para dar início aos movimentos. Canta-se a seguinte música para começar a brincadeira: “Fui à Nova York/ Visitar a minha mãe/ Minha mãe me ensinou a dançar o Chep-Chep/ Dança do Chep-Chep/ Chep-Chep..auê!” Após o começo da música, a coordenação da atividade realizou um passo de dança (ou um movimento qualquer) que foi realizado por todas e em seguida esta escolheu outra participante para sugerir/escolher outro movimento e ser seguida pelo restante do grupo, assim sucessivamente até que todas ou uma parte significativa do grupo tenha tido a oportunidade de criar um movimento.

ATIVIDADE III – “Feitiço virou contra o Feiticeiro”

Descrição: A dinâmica denominada “Feitiço virou contra o Feiticeiro”, ocorreu com a divisão em subgrupos e estes receberam a incumbência de escolher uma tarefa lúdica que seria realizada pelo outro grupo. Cada grupo anotou em um papel essa tarefa e entregou à coordenação da atividade. Simulou-se um sorteio das tarefas e antes de iniciar, para a surpresa de todas, revelou-se que o próprio grupo realizaria a tarefa proposta. Um tempo de preparação para cada grupo e depois se procedeu à apresentação das tarefas.

ATIVIDADE IV – “Coelhinho sai da Toca”

Descrição: A brincadeira “Coelhinho sai da Toca”, do repertório cultural brasileiro, desenvolveu-se com o grande grupo dividido em trios, dois formando a toca e uma assumindo o papel de coelhinho. Quando coordenação da atividade anunciava: “Coelhinho sai da toca”, o coelhinho devia trocar de toca e assim se procedeu algumas

vezes. Depois o comando foi alterado para “Toca sai do coelho” e a toca direcionava-se até outro coelho e assim se procedeu, alternando coelho e toca mudando de posições.

ATIVIDADE V – Passos de Dança

Descrição: Os estilos de dança, com os passos básicos de salsa e zouk foram conduzidos, por alguém do grupo, de maneira que se experimentou dançar uma música de cada estilo.

Recursos necessários: Papéis, músicas, aparelho de som, colchonetes.

Possibilidades de utilização: As atividades não possuem restrição quanto a faixa etária, pode ser aplicada para crianças e adultos.

Experiências já desenvolvidas: A primeira experiência foi realizada no projeto de Lazer e Cidadania. Participaram da brincadeira mulheres adultas e idosas.

Outras Observações: As mulheres viveram um momento de grandes atividades físicas moderadas e intensas, com caráter lúdico atendendo a um de seus desejos de dançar e puderam integrar-se mais umas com as outras. Assim como na primeira oficina realizada, as participantes apresentaram timidez ao participar das atividades propostas, acreditamos que isso tenha ocorrido, pois havia pouco entrosamento entre elas. Mas, com a realização das brincadeiras e estimulação da equipe e também, as participações desta, nas atividades, as participantes foram perdendo a timidez e aproveitaram bastante a oportunidade, principalmente, na parte que se refere a dança.

– Oficina de Interesse Cultural Manual do Lazer –

Neste encontro foi trabalhado o Interesse cultural manual que é uma possibilidade de lazer que se associa à competência de mudar objetos e materiais manualmente. O artesanato e a bricolage, sem o propósito de trabalho para prover o sustento, permite que se desfrute deles como momento de lazer, marcado pela livre escolha e não pela obrigação (MARCELLINO, 2002). As mulheres foram convidadas a manipular os objetos disponíveis e acionar sua criatividade e partilhar com as demais seus conhecimentos para construir um objeto novo feito por suas próprias mãos.

O contato com os elementos naturais como água, barro, madeira, metais, animais e tudo que foge ao mundo artificial de concreto, asfalto e toda industrialização a que as pessoas são diariamente submetidas distancia-as da fadiga de ter tudo pronto (CAMARGO, 2003), possibilitando que elas tenham um momento de descontração, ludicidade e criatividade.

Atividades feitas à mão trazem uma relação das pessoas com os objetos, permitindo experimentar algo muito diferente do que se vive atualmente onde quase tudo que é produzido é feito industrialmente e em grande escala (SILVA, 2007), até mesmo muitos artesanatos disponíveis para presentear estão distantes de uma relação próxima das pessoas com a transformação dos objetivos. A massificação da produção em série descaracteriza muito do artesanato que pode ser recuperado nesta atividade proposta.

Esse encontro visou despertar a criatividade das mulheres e suas habilidades de transformação a partir de caixas simples de madeira que foram pintadas e redecoradas tornando-se um novo objeto, com utilidades diversas definidas pela decoração e direcionamento que deram a partir de sua arte de manipulação. Com muita beleza e graça, depois de ter passado pelas mãos criativas delas, as caixas foram expostas e elas anunciaram a quem iriam presentear. A família, filhos, filhas, irmãs, mães foram a inspiração

para o trabalho realizado. O momento de lazer manual propiciou não apenas a diversão, mas a capacidade delas de explorarem e adquirirem um pouco de aprendizado técnico e a possibilidade de arriscarem a tentativa e erro além de ser importante para inferir o poder transformador que elas têm nas mãos.

○ DESENVOLVIMENTO DA OFICINA PROPOSTA:

ATIVIDADE I – Confeccionar artesanato em madeira

Descrição: As participantes se reuniram em uma sala ao redor de mesas grandes e tinham à sua disposição pequenas caixas de madeira, tintas, colas, papéis, adesivos, tesouras, pincéis, revistas etc. Foram convidadas a tomar uma das caixas e decorar de forma livre para presentear-se ou para presentear alguém. A atividade foi realizada na véspera do dia das mães.

Recursos necessários: Caixas de madeira 8x8 com tampa; Tintas coloridas; Adesivos decorativos; Forro de plástico com desenhos; Pincel; Cola; Bombons; Fitas; Tirinhas de papel colorido; Tesoura.

Funcionamento: As caixas disponíveis eram um convite à expressão manual, de forma que podiam ser decoradas e pintadas como quisessem, utilizando dos materiais e da criatividade de cada uma.

Possibilidades de utilização: Pode-se utilizar sem restrições de idade ou de qualquer outra coisa, pois todas as pessoas podem e devem realizar tarefas como esta, agradáveis e artísticas ao mesmo tempo.

Possibilidades (ou necessidades) de adaptação: A única necessidade especial é verificar os produtos para que não sejam tóxicos e façam mal à saúde.

Experiências já desenvolvidas: A primeira experiência foi realizada no projeto de Lazer e Cidadania. Participaram da atividade mulheres adultas e idosas.

Outras observações: A atividade é bem simples e muito prazerosa, não houve ninguém que não tenha feito ou que a tenha desaprovado. Chamou a atenção o fato de que a maioria das mulheres preparou como presente aos seus filhos e as que não têm filhos às suas amigas. Muitas fizeram mais de uma caixa e a criatividade na pintura e colagem foi bastante expressiva, bem como a troca de ideias durante o processo permitindo que aquelas que não têm o hábito de atividades manuais sentissem encorajadas a experimentar sua veia artística. Apesar de muitas delas já saberem fazer alguma forma de artesanato, mesmo as que não sabiam fazer nenhum conseguiram um ótimo resultados em suas caixas, praticamente todas ficaram visualmente bonitas e bem feitas.

– Oficina de Interesse Cultural Intelectual/Artístico do Lazer –

Para realização de tal oficina, utilizamos um misto de preceitos do Interesse Artístico e do Interesse Intelectual do Lazer, o primeiro é caracterizado pela ação do imaginário, atividades com aquilo, que de alguma forma, é fictício. O Intelectual caracteriza-se pelo contato do sujeito com a realidade em que está inserido, com as informações objetivas e explicações racionais (MARCELLINO, 2002).

Acredita-se que os sujeitos são levados a essas práticas, devido à experiência estética ocasionada pelo meio do qual fazem parte. Encontra-se nesses interesses, respectivamente, as mais variadas formas da arte como, cinema, teatro, dança, música, artes plásticas, literatura, localizadas em ambientes específicos ou passíveis de serem produzidas pelos próprios sujeitos, no caso, as mulheres participantes do projeto.

Na oficina realizada estava presente também a dimensão do Interesse Cultural Manual do Lazer, este, por sua vez, tem caráter de manipulação de objetos e produtos, se confundido com o interesse artístico, devido a preocupação de natureza estética. Nesse sentido, encontra-se a perspectiva apontada por Dumazedier (1980) de que os interesses culturais do lazer obedecem a uma classificação a partir da predominância do tipo de atividade, mas tais interesses não são isolados ou estanques eles se interpenetram.

○ DESENVOLVIMENTO DA OFICINA PROPOSTA:

ATIVIDADE I – “Elaboração de um *Fanzine*”

Descrição: Um *fanzine* pode ser feito para que o grupo expresse por meio de figuras, palavras, desenhos, frases algum conteúdo que seja significativo para o mesmo. O tema pode surgir do próprio grupo, pode ser proposto por quem coordena a atividade. Nesse caso a proposta teve como objetivo o autoconhecimento de cada participante e a partilha com as demais de aspectos importantes em suas vidas. No

caso do projeto a proposta foi fazer com o resultado do trabalho de cada uma, um grande boletim, juntando as páginas umas das outras, juntando as ideias. Para fazer o *fanzine* folhearam-se as revistas pra ver se havia algum fato que lembrasse a história da gente, algum momento antes, ou um depois, um sonho que se tivesse, ou alguma coisa importante da história de vida que se quisesse deixar registrado. Todas deveriam usar a folha no sentido horizontal (este será o lado mais largo do papel) para depois colar uma folha atrás da outra e assim fazer um caderno [...] como se as páginas da vida de cada mulher fossem se abrindo e dialogando com as das outras mulheres.

Recursos Necessários: revistas; tesouras; colas; glitters; tintas; folhas A4 coloridas.

Funcionamento: As participantes se reuniram em uma sala ao redor de mesas grandes e tinham à sua disposição uma folha de papel A4 colorida, diversas revistas para recortar tintas, colas e tesouras. Para tanto, a coordenação da atividade solicitou que cada uma escolhesse das revistas imagens, palavras, letras e frases que retratassem seus sentidos de vida, sonhos, vivências e experiências passadas. Em seguida, deveriam fazer uma montagem com seus recortes e apresentar para o grande grupo.

Possibilidades de Utilização: Para realização da atividade, é necessário um lugar adequado com mesas, cadeiras e materiais para recorte e colagem. As atividades não possuem restrição quanto a faixa etária, pode ser aplicada para crianças e adultos.

Possibilidades (ou necessidades) de adaptação: Para que outras faixas etárias utilizem da dinâmica, faz-se necessária adaptação do tema dos recortes.

Experiências já desenvolvidas: A primeira experiência foi realizada no projeto de Lazer e Cidadania. Participaram da atividade mulheres adultas e idosas.

Outras observações: Nos primeiros minutos da atividade tinha-se a impressão de que seria um fracasso, elas pareciam muito

pensativas, havia muito silêncio, só interrompido pelo folhear das revistas. Em seguida começou um grande movimento de tesouras recortando imagens, palavras, letras, frases e elas começaram a conversar um pouco mais fazendo trocas entre seus achados. Depois a montagem da página da vida de cada uma para compor o *fanzine* começou a ganhar visibilidade. Elas estavam felizes, tiveram a oportunidade de encontrar-se com suas próprias histórias e recontá-las em um colorido especial.

A beleza das produções era grande, mas sem dúvida, o depoimento gravado sobre suas histórias é revelador do processo de resgate da autoestima e do empoderamento destas mulheres:

“Aqui eu falei sobre o sonho, que o sonho pode se tornar realidade e basta a gente dá um passo a frente da dificuldade, que sempre aparece na frente dos nossos sonhos, e a luta e aí no final a vitória aí eu usei aqui duas gravuras, tem um moço aqui parecendo bem que ta sonhando e sonhado longe, e tem uma moça aqui super feliz com cara de quem venceu obstáculo e meu nome é Sandra e vamos sonhar e vamos vencer.” *Sandra*

“Como todos aqui estão vendo eu sou bem fofinha, um pouquinho acima do normal, eu estou em busca de renovação, coloquei aqui renovação, corpo são, o desejo de conseguir voltar um pouquinho ao passado e emagrecer, aí coloquei por um resultado, por um bom resultado, e esqueci de tirar o “s” e ficou resultados, a hora de quebrar barreiras, temos que dar assim bastante valor a esses momentos de descontração, de trocar nossa ideias, tirar um tempinho pra leitura, então aqui é hora de quebrar as barreiras, e a importância da diversão, que ela pode nos trazer bem estar, saúde, busca contínua pela qualidade, inovação e aqui um brinde por essas conquistas.” *Ana Cristina*

“Recordar é viver, aqui eu recordo os tempos que a gente vivia no campo, que era muito bom, que a gente andava cavalo, aqui os matos, campos que a gente tinha saudade, aqui é as plantas que a gente tinha, o jardim, as borboletas, aqui tem a igreja, me recordo

da minha primeira comunhão, e aqui me recordo o cursinho de culinária que a gente fez, aqui as hortaliças que a gente plantava com muito orgulho e aqui representa a família, que enquanto a gente era todos unidos lá em casa, e hoje tá tudo esparramado e a gente sente saudade.” *Adalgisa*

“O corpo humano é a máquina mais perfeita que existe, e cada parte melhora ainda mais o seu desempenho, aqui ó, história da Maria que está nas mãos das diferentes possibilidades, possibilidade de ser feliz. Aqui tá a Maria e aqui tá ela indo lá pro Egito.” *Oneide*

"Aqui ta realmente a minha história de vida. Coloquei aqui o elemento fogo, que realmente eu passei por umas tempestades que eu digo do fogo, fiquei desempregada, e nesse desemprego fui trabalhar num bar próprio meu, e trabalhei nesse período de quase cinco anos, e dentro do ano eu perdi a minha mãe, depois dessas perda, desse trabalho todo, esse local que eu trabalhava, esse bar [...] tive que desfazer e fiquei desempregada, e esse tempo todo desempregada até hoje, onde do bar, desse momento que eu passei, deu crises depressivas, abalou bastante meu psicológico, fiquei num estado neurológico muito ruim, e fiz bastante tratamento pra melhorar porque ainda não estou curada, mas aqui achei uma frase quando dizia, Deus não usa o homem sem antes submetê-lo a um teste, creio que todos nós passamos por uma provação divina, eu estou à beira desse teste e a minha caminhada aqui foi para uma nova vida, estou na estrada ainda, desempregada, mas com esperança que terei uma nova vida e viverei junto.” *Nilma*

“O meu não tem assim uma grande história, o que achei é que, eu estava com uma outra ideia e quando eu achei essas mãos aqui, modelando esse vaso, eu fiquei pensando que a vida da gente é um, o tempo todo, a gente ta se modelando, é sempre um barro na mão do oleiro, que vai moldando a gente pra enfrentar novas situações, aí eu pensei, bom, dentro desse vaso que eu acho que somos nós, eu pensei que tem algumas palavras que são palavras... que tem me ajudado muito, acho que não dá pra gente perder, o sonho não

tinha achado então coloquei imaginação, ousadia eu acho que às vezes a gente tem que ser ousado, abrir portas, descobrir outras alternativas, construção e ação, eu acho que são duas palavras também muito fortes, quero poder, acho que o poder vem nessa possibilidade que a gente tem de lutar junto, pensando em vocês eu pensei nessa questão do poder, e quero poder pra que a gente construa um mundo em que justiça e paz seja uma possibilidade, pra isso a gente precisa tá sempre no movimento, acho que as nossas reuniões tem tido assim movimentos diferentes, movimentos mais animados, a gente às vezes dança, às vezes pula, às vezes senta, às vezes pensa, às vezes faz reflexão, assiste um filme, e assim nesse movimento, a gente vai fazendo de tudo um pouco, que eu acho que é o da vida da gente. Aí depois achei umas flores, e resolvi colorir o meu espaço de palavras aqui, com algumas flores e plantas de diversidade diferentes, eu acho nós somos pessoas diferentes, acho que o que a gente tá fazendo aqui é plantar um projeto que seja bonito, que cada uma na sua diversidade, que cada uma com seu jeito, que todas com as suas histórias possam caber dentro dele, eu acho que esses termos justiça, mundo e paz são fundamentais [...] achei que era isso.” *Tânia Mara*

“Ai Deus, aqui significa o passado, o tempo que eu cresci na roça, trabalhando na roça, plantando feijão, abóbora, milho, e foi muito duro, muito sofrido, mas até eu chegar hoje onde eu cheguei eu aprendi muita coisa, muita coisa da roça, foi uma lição a roça, até hoje, tá com dez anos que eu tô aqui em Brasília, durante esse tempo que eu tô aqui em Brasília, pagando aluguel, aqui sim, eu esqueci de mim bem aqui, aqui significa eu, esse pagando aluguel, o meu sonho tá aqui é, tá em Deus, tô esperando em Deus, a minha casa, que eu pago aluguel, e eu sei que esse sonho tá, bem pertinho de ser concluído, porque nosso Deus tá acima de todas as coisas, e aqui a família, significando a minha família, eu tenho a esperança porque a palavra de Deus fala que quem tem a marca da promessa consegue o que deseja, e eu creio que eu tenho a marca das promessa de Cristo na minha vida, e um dia eu vou abrir a minha boca e

proclamar que eu e a minha casa serviremos ao senhor, um dia eu tenho a esperança de ver a minha família feliz, unida, reunida, toda evangélica na presença de Deus, pra isso eu to lutando, to pedindo força pra Deus, esse é meu sonho.” *Judite*

“Eu tenho aqui ó, não é bem o meu passado, é o futuro, um efetivo de viver todo dia, todos nós temos um dia após dia você quer viver com amor, aí botei aqui atividade, aqui vou com força total, com persistência para ser vitoriosa, tenho meu objetivo de um futuro melhor, para um vitória, só.” *Silvana*

“Não tem jeito de escapar. Aqui eu começo, eu coloquei aqui desejo de felicidade, acho que todas nós temos, [...] então aqui o desejo de ter a minha casa própria e com essa dificuldade, porque com o aluguel, o aluguel consome tudo, o dinheiro da gente, com filhos e outras coisas, então fica difícil pra gente realizar os outros sonhos que a gente tem e as necessidades também, aqui eu coloquei aqui uma máquina de fazer pão, porque eu gosto de pão demais e é o meu sonho de consumo mesmo uma máquina dessa, poder dormir e acordar com o pão quentinho, ... na hora certa lá tá o pão quentinho, e mais o sonho mesmo assim de poder viajar com os meus filhos e com a minha família, nas férias, sim porque a gente fica em casa porque não tem jeito de ir pra outro lugar, nós somos cinco se for só eu e eles, nós somos cinco então, nunca dá pra gente viajar, eu tenho um desejo de levá-los pra conhecer a praia que eles não conhecem, e é isso, é um desejo mesmo de ser feliz mesmo, de voltar a viver assim uma vida, hoje eu até que eu tô, esse sábado eu não perco por nada, larguei tudo lá e falei não quero nem saber eu vou pra Católica [Universidade] porque assim, foi uma forma que eu achei de assim de voltar a viver [...] e é isso, um desejo mesmo de ser feliz de fazê-los [aos filhos] feliz, felizes.” *Antônia*

“Bom então vamos lá, deixa eu explicar aqui o meu, a minha colagem, então aqui uma criança simbolizando o dom da vida, e aqui uma areia, uma praia simbolizando também a vida, que a vida é uma caminhada, longa que inicia-se com a concepção, o

nascimento da criança, mas ela tem uma caminhada ao longo de vários anos, e que essa vida, no decorrer dessa vida, ela vai encontrar barreiras, mas esses mesmo tijolos que representam as barreiras também representam cada um dos passos que a gente dá na nossa vida e vai construindo ela, mas independente da existência dessas barreiras na nossa vida, o importante é a gente manter a cabeça erguida e sermos felizes.” *Júnior*

“Aqui são pequenas, uma pequena colagem das minhas grandes paixões, em primeiro lugar a minha família, é tudo na minha vida, minha paixão mesmo, aqui os meus cachorrinhos, o meu namoro, eu sou apaixonada pelo meu namorado, as minhas havaianas, eu tenho coleção de havaianas, e hoje a minha nova paixão é a minha afilhadinha, por isso tem essa bebezinha aqui, bebezinha fofa, e é isso.” *Iorrany*

"[...] Simbolizando a alegria, a música que eu acho que uma boa música em qualquer situação que você esteja de tristeza ou de alegria, cabe uma boa música, então que a gente possa festejar aí os momentos de tristeza e alegria, porque não festejar uma boa música? O coração simboliza a união entre todos aqui, aqui no caso um abraço, um formato de um coração, que a gente possa ser esse coração aí por todos, e aqui um casal, eu acabei de noivar, colocar minha noiva, uma situação, um momento bom na minha vida que foi o noivar, e é isso." *Juliano*

"O meu, procurei aqui falar um pouco da minha história, mas como eu não consegui, falar um pouco do sonho, os nossos caminhos na mesma direção, eu acho que é o sonho de todos, um mundo melhor, então eu coloquei dois mil e onze, e aqui o mundo colorido, pra dois mil e onze, que a gente consiga um mundo mais colorido, e o meu sonho é viajar, quando tiver oportunidade poder viajar de avião, de navio, conhecer os lugares mais incríveis do Brasil.” *Lívia*

“Essa é minha história, que tem um pessoal aqui, acho que, parece que tá pescando, não sei, é a minha história, que eu nasci e me criei na roça, passando muita necessidade, a gente ia no riacho, chamava

riacho, mas era rio, pescar, pra poder assar o peixinho pra comer com farinha, e a gente criava também é, meu pai criava cabra, aqui não é cabra mas ta parecido, e aqui eu lembrei muito das estradas que a gente andava quando era menino, andava de bicicleta, montava os cavalos e caía, andava de bicicleta caía também, e lembrei muito do passado, mas passou. É o antes e o depois né, cresci. A boa orientação faz a diferença, coloquei aqui esse nome, depois que eu cheguei aqui eu trabalhei muito em casa de família, como até hoje trabalho, trabalho de diarista então eu não tenho vergonha de falar pra ninguém, é um serviço honesto e é o que eu sei fazer, mas hoje eu já estou estudando, comecei agora, e tenho certeza que eu vou chegar lá, aqui tá o antes e o depois, aqui tem um computador que realmente hoje é que as pessoas navegam no mundo inteiro, e como a gente consegue falar, hoje eu nem recebo mais telefonema que o povo só sabe falar agora por internet, como eu não sei mexer, mas eu um dia vou chegar lá, aqui é meu sonho que é realmente ter comunicação com várias pessoas, e aqui é a minha casa que é o meu sonho, e aqui é minha família, que Deus abençoe e que cada dia melhore sempre na graça de Deus a cada dia, e é o meu sonho, é crescer, e eu vou chegar lá, porque quando a gente quer a gente consegue.” *Francisca R*

– Oficina de Interesse Cultural Artístico do Lazer –

Para experimentação de tal oficina, utilizamos o preceito do Interesse Artístico, que é caracterizado pela ação do imaginário, interação de imagens, emoções e sentimentos. (MARCELLINO, 2002). Acredita-se que os sujeitos são levados a essa prática, devido à experiência estética ocasionada e a procura da beleza e do encantamento que as diversas manifestações artísticas podem proporcionar. Encontra-se nesse interesse as mais variadas formas da arte como, cinema, teatro, dança, música, artes plásticas, literatura, localizadas em ambientes específicos ou passíveis de serem produzidos pelos próprios sujeitos (MELO, 2007).

Acreditamos que com a vivência do Interesse Artístico, e de forma mais específica com o filme em questão, é possível que as participantes possam aprender a exercer o lazer crítico criativo, preparando-as para o olhar cuidadoso e realmente observador das ações do cotidiano e possibilitando a compreensão e quem sabe até a melhora do que está ao redor delas.

○ DESENVOLVIMENTO DA OFICINA PROPOSTA:

Descrição: As mulheres participantes do Projeto foram reunidas em uma sala para apresentação do Filme *Rio*.

Recursos Necessários: Sala com acomodações; DVD do filme, no caso, *Rio*; Computador ou aparelho de DVD; Retroprojeter ou televisão; Pipocas e Refrigerantes. Ornamentação do espaço com a recolocação das cadeiras formando semicírculos.

Funcionamento: Apresentação do Filme *Rio*.

Possibilidades de Utilização: A atividade não possui restrição quanto à faixa etária, pode ser aplicada para crianças e adultos.

Experiências já desenvolvidas: A primeira experiência foi realizada no projeto de Lazer e Cidadania. Participaram da atividade mulheres adultas e idosas.

Outras observações: Inicialmente, já podíamos notar a empolgação das mulheres em estar assistindo ao filme, a maioria delas assistindo a este pela primeira vez. A impressão que tínhamos era que estávamos numa sala repleta de crianças saboreando pipocas e refrigerantes, que se divertiam a cada graça feita pelos personagens. As gargalhadas se misturavam entre elas.

Após o final do filme, muitas diziam:

"Nossa, fazia tempo que eu não me divertia assim, com algo tão simples." *Judite*

"Quem diria que um desenho animado seria tão interessante, que nos mostraria a nossa realidade tão bem, realmente, estamos presas aos nossos pensamentos e medos, mas, quando se faz necessário, conseguimos superá-los. Obrigada pela oportunidade." *Adalgiza*

O quê que vocês gostariam de ver no teatro, no cinema? Que tipo de filme chama a atenção de vocês ou de peça de teatro?

"Pode ser romance não, se não eu choro." (risos) *Shislene*

"No teatro comédia, comédia." *Nilma*

"O nome da rosa, esse filme é muito lindo. "O nome da rosa". Eu assisti pra fazer trabalho na faculdade, mas é muito bom." *Ana Cristina*

"Eu acho assim professora, só o fato da oportunidade de você estar indo, por exemplo, final de tarde ao cinema, com o grupo independe do filme, independe." *Sandra*

"Já é uma alegria." *Rita*

"Muita gente nunca entrou numa sala de teatro, não sabe nem como é que é uma peça teatral, assisti uma comédia, pra mim é assim é deslumbrante." *Nilma*

Quem já foi ao teatro alguma vez?

"Eu já fui." *Dalva*

"Eu já fui." *Creusa*

"Eu já fui duas vezes." *Dalva*

"Eu nunca fui." *Raquel*

Vocês se lembram de uma das peças que assistiram?

"A peça eu não lembro porque já tem um "tempim", mas o teatro é aquele do Gilberto Salomão, que tem ali no Gilberto Salomão. E fui no Gama também, no teatro que tem no Gama, fui duas vezes."

Dalva

"O meu não foi peça, foi uma sinfonia, que tava apresentando lá."

Nilma

São depoimentos como estes que nos levam a refletir com Victor Melo quando diz que:

A arte cumpre sua função social quando permite aos indivíduos exercer sua possibilidade de crítica e escolha; quando amplia ao incomodar, as formas de ver a realidade; quando educa atentando para a necessidade de olhar cuidadosamente (tão importante em um mundo de signo e símbolos); e também quando desencadeia vivências prazerosas (embora estas não devam ser consideradas como único padrão de julgamento: por vezes, não é essa a intencionalidade do artista). Quando cumpre esses papéis a arte extravasa sua existência para além da manifestação em si (MELO, 2007, p. 77).

– Oficina de Interesse Cultural Virtual do Lazer –

Na atualidade, um dos elementos de maior dinamismo é a utilização de espaço ou ambiente virtual, pois vem despertando o olhar dos pesquisadores e acadêmicos em varias áreas do conhecimento, bem como das pessoas em geral. O ambiente virtual deixou de ser buscado apenas pelo mundo do trabalho ou das pesquisas acadêmicas e científicas. O computador está no cotidiano de muitas pessoas e em diferentes faixas etárias. Consta como um dos equipamentos disponíveis em muitos lares.

A concepção de lazer tem recebido adequações que respondem aos novos movimentos históricos e culturais. Nesse sentido os cinco conteúdos culturais propostos pedagogicamente por Dumazedier (1980), a saber, físico-esportivo, o social, o manual, o artístico e o intelectual, foram posteriormente ampliados por Camargo (1998), ao introduzir o turístico e por Gisele Schwartz (2003), ao propor o virtual. Por esse histórico não se pode ver a comunicação pela internet apenas como modismo, mas sim como um fenômeno capaz de estimular as pessoas em geral seja no ambiente de trabalho, seja no de lazer.

O impacto causado por essas novas manifestações culturais, advindas do acesso ao ambiente virtual tem trazido desafios para pensar as noções de tempo, de espaço, de relações sociais, de valores e comportamentos pessoais e grupais. Um dos elementos que vem sendo debatido é o novo processo de expressão corporal do movimento diante de tais estímulos. (SCHWARTZ e MOREIRA, 2007) A possibilidade de novos aprendizados sem a real participação corporal é um dos focos observados no ambiente virtual, merecendo destaque e aprofundamento em varias áreas do conhecimento.

Uma das grandes polêmicas inerentes à utilização do ambiente virtual centra-se na perspectiva ou não de desenvolvimento intrapessoal, uma vez

que a realidade dos vínculos baseados na presença física pode exercer papel decisivo na dinâmica educativa, constituindo um universo capaz de aprimorar a autonomia, como relatam Destroper e Vayer (1986, apud SCHWARTZ e MOREIRA, 2007, p. 153).

As atividades desenvolvidas no contexto do lazer ao acessarem os recursos virtuais, sejam os da internet, o dos jogos de vídeo-game são fontes importantes de processos críticos e criativos, permitindo acesso aos bens culturais, a processos de cidadania e auto-estima entre as pessoas de um modo geral.

○ DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS PROPOSTAS:

Descrição: As participantes reunidas no laboratório de informática, sala G002, na Universidade Católica de Brasília – UCB fizeram um breve comentário acerca do conhecimento em relação ao computador, logo em seguida a equipe prosseguiu a atividade apresentando a postura correta frente ao computador; o modo de ligar do aparelho; suas partes e funções, navegação na internet utilizando o recurso *google* e seus benefícios bem como o acesso ao e-mail (criando contas no *gmail* para todas elas). Foram disponibilizados papéis e canetas caso as participantes desejassem fazer alguma anotação.

Recursos necessários: Laboratório de Informática; computadores conectados à internet; papéis; canetas.

Funcionamento: O acesso ao ambiente virtual ocorreu mediante usuário e senha fornecidos no início da oficina. Certificou-se de que todos os computadores estavam desligados. Iniciou-se a apresentação física dos computadores (CPU, monitor, mouse, teclado e entradas de pendrive e cd). Realizou-se uma breve abordagem sobre o conhecimento delas em relação ao computador (benefícios). Para a navegação na internet os passos foram: identificar o ícone da *internet explorer*; aprender qual o *link* do *internet explorer*;

barra de endereço – do *google* e breve comentário do benefício de se usar a internet atualmente. Passou-se então a um momento de pesquisa direcionada: Ir até o link de imagens no próprio *google* e buscar imagens de cidades, paisagens, artesanatos; ir até o link de mapas no *google* e procurar sua cidade natal; pesquisar informações de interesse a partir de livre escolha.

Simultaneamente à atividade de atuação das mulheres com os computadores, parte da equipe estava criando e-mails para as participantes poderem fazer uso e experimentarem na segunda parte da oficina de lazer virtual. Na sequência, foi realizado um processo de comunicação por e-mails entre elas e em outro encontro, o lazer virtual promoveu a possibilidade do uso do bate-papo por meio da ferramenta *gtalk*. Depois de trabalhar os caminhos de acesso à internet, as pesquisas de assuntos, imagens etc, o uso do e-mail e do recurso de bate-papo, o tempo e espaço, permaneceram livres para que cada uma pudesse fazer o uso desejado dos caminhos virtuais trilhados.

Possibilidade de utilização: Para a realização da atividade há restrição de espaço uma vez que são necessários recursos específicos (quantidade de computadores ligados à internet compatíveis com o tamanho do grupo).

Possibilidade (ou necessidades) de adaptação: Caso alguma participante apresente dificuldade perante o que será apresentado, é necessário que esta tenha acompanhamento individual para que sua aprendizagem ocorra sem constrangimentos.

Experiências já desenvolvidas: A primeira experiência foi realizada no projeto de Lazer e Cidadania. Participaram da atividade mulheres adultas e idosas.

Observações: Caracterizou-se por ser uma oficina de lazer virtual cujo propósito era permitir uma familiarização com o computador e suas diversas ferramentas de comunicação social. Partiu-se do conhecimento prévio das que tinham noções de uso do computador

e realizou-se a iniciação básica com as que não tinham. O objetivo principal foi proporcionar novos conhecimentos e vivências oferecendo um espaço para troca de experiências através do mundo virtual.

Pensando na classificação de conteúdos para o lazer, esta oficina enfatizou o lazer virtual onde as mulheres participantes do projeto vivenciaram a utilização do computador trocando experiências umas com as outras. A complexidade do recurso principal utilizado na oficina fez com que as mulheres, que têm um contato diminuído ou até mesmo ausência deste, se sentissem, a princípio, inseguras diante da atividade proposta. No entanto, apesar das dificuldades enfrentadas por elas, ao final da oficina foi notável a satisfação de cada uma.

No primeiro encontro de lazer virtual, as participantes se mostraram bastante empolgadas com a ideia proposta para a oficina, no entanto, algumas tiveram um pouco de medo devido à dificuldade que apresentavam diante do computador, mas com o auxílio da equipe isso foi sendo superado. No segundo dia de sua realização, as participantes tiveram mais dificuldade uma vez que foi usada uma ferramenta na qual a maioria não conhecia (*gtalk*), mas já dominavam (cada qual a seu modo) o que foi proposto no primeiro dia da oficina (o acesso à internet, ao e-mail e à pesquisa). Dessa forma, verifica-se que qualquer atividade, independente do grau de dificuldade, pode ser realizada por pessoas de qualquer faixa etária (claro que cada qual a sua maneira), respeitando as limitações, e sem dúvidas com incentivo adequado e colaboração mútua.

– Oficina de Interesse Cultural Turístico do Lazer –

A perspectiva de relação entre turismo e lazer é algo presente na literatura da área de um modo geral. A perspectiva de que o deslocamento para lugares distintos dos que se desenvolvem as atividades cotidianas é fundamental para criar um momento adequado para desfrutar de descanso das obrigações, de diversão e de desenvolvimento pessoal e social pelo que representa a organização e empenho das pessoas para tais atividades. Segundo Ricardo Uvinha (2007, p.50), “reconhece-se, em geral, que o turismo é parte integrante do lazer e elemento contemporâneo fundamental para análise de tal esfera da vida humana.”

A experiência de lazer turístico experimentada pelas mulheres foi uma viagem para Pirenópolis-GO durante um fim de semana. A atividade será descrita a partir dos depoimentos delas. Em suas expressões a força da experiência vivida.

○ DESENVOLVIMENTO DA OFICINA PROPOSTA:

“8:50 saída da (Universidade) Católica: saímos com uma oração para Deus nos guiar, irmos e voltarmos em paz com fé em Deus. 10:00 parada no Jerivá (restaurante da estrada), indo ao banheiro, sessão de fotos, um lugar lindo. 11:25 entrada para Pirenópolis. 11:40 horário de entrada no quarto da pousada. 12:00 almoço. Depois do almoço uma caminhada pela cidade onde conhecemos vários pontos turísticos conhecemos o artesanato local muita variedade, andamos muito chegamos cansadas ao hotel e caímos na piscina. Depois da piscina um belo banho, fomos jantar, depois à feira de artesanato noturna e enfim cama. Não “consegui” dormir direito com o barulho do peru e das galinhas e também adaptação. Logo cedo as 6:30 (no dia seguinte) levantamos e fomos (as que desejaram) à missa na Paróquia Nossa Senhora do Rosário depois voltamos ao hotel passamos na feira. Comprei queijo. Tomamos um belo café da manhã e fomos para uma cachoeira no local

chamado Restaurante Pedreiras às 9:30 chegamos às 9:50, um local bonito, tiramos varias fotos, uns bons mergulhos um pouquinho ao sol, muita diversão, saímos às 12:30 e chegamos ao hotel 12:45 tomamos um belo banho rápido e fomos almoçar às 13:15 depois do almoço visitamos algumas lojas para levarmos alguma lembrança para os entes queridos. Saímos às 14:53 com uma bela oração agradecendo a Deus, rezando o Pai nosso. Cantamos para nossa viagem ser abençoada. Resumo: Uma viagem especial, inesquecível que sempre sonhei em conhecer esta cidade. Agradeço a Deus e a todos que colaboraram para este evento. Beijos, Abraços” *Nilma*

“Hoje eu estou muito feliz, mas triste ao mesmo tempo por falta de minhas filhas é a primeira vez que fico longe de casa mais estou amando tudo. Esta cidade é linda. Eu amei tudo e todas as pessoas também, me diverti muito. A comida muito gostosa, os lugares muito bonitos, as meninas que eu divido o quarto eu amei e as outras são um amor. Esta viagem vai ficar na história da minha vida cada momento único e ainda que tem as fotos para a gente lembrar desse momento mágico para mim. E... é isso um beijo no coração de todas.” *Roselane*

“01 de Outubro de 2011 – Dia do Tudo, tudo de bom para nós... 30 mulheres. 02 de Outubro de 2011 – Diversão e muita alegria conhecendo as meninas cada vez mais e curtindo a cidade que, só não é o Rio, mas é maravilhosa. Saímos a noite fomos à prainha, visitamos as feiras. Tenho só que agradecer a todos que se envolveram neste acontecimento que com certeza foi o tudo na vida de muitas mulheres que participam incluindo a minha, foram momentos muito especiais. A professora Tânia sem comentários... enfim, foi o fim de semana que parou tudo. Foi o máximo... Este projeto não pode acabar pois as mulheres são importantes precisam ser vistas e premiadas com tanto carinho como este... Cidadania, esporte, lazer e turismo faz parte da vida.” *Sandra*

“Estou muito feliz por esta oportunidade que a (Universidade) Católica me proporcionou através da professora Tânia e suas guias.

Agradeço a Deus por esta oportunidade de ter conhecido um grupo de mulheres maravilhosas e um motorista muito educado. E o mais é só agradecer a Deus por esse dia maravilhoso”. *Dalvina*

“Realização do Passeio das mulheres que “faz” parte do grupo da (Universidade) Católica (01\10\2011). Às 9:00 saímos da (Universidade) Católica em direção ao nosso esperado e sonho do maravilhoso passeio para Pirenópolis. O que tenho a expressar que foi muito proveitoso o convívio com a natureza, com as pessoas, com a equipe organizadora, com o local, enfim com tudo. Valeu a pena. Só tenho a dizer obrigado meu Senhor por tudo que foi realizado de modo especial à equipe organizadora. Parabéns pela missão de cada uma de vocês. Isso é que tenho a expressar sobre este maravilhoso passeio Obrigado.” *Esmeralda*

“Agradeço a oportunidade que foi única, não poderia ter sido melhor. O carinho, o cuidado do projeto com as mulheres participantes foi 5 estrelas. Projeto como este tem que ter sempre apoio da universidade, até mesmo de empresas por que na verdade é uma qualidade de vida para nós mulheres. Por que nem todas as mulheres tem acesso a cultura e o lazer. O motivo não preciso comentar, um fim de semana como este, nos renova para continuarmos com nossas lutas do dia a dia. Ao chegar em casa filha e marido vão ver a diferença nas nossas vidas com este passeio. A professora Tânia e as outras meninas são 1000 as colegas também maravilhosas... enfim o Ministério do Turismo (do Esporte) e a (Universidade) Católica estão de parabéns pois um projeto voltado para mulheres é tudo de bom.” *Shislene*

“Pousada Imperial de frente para a rio. Ponte rio das almas, extensão 70m, depósito fechado, santuário ecológico, Igreja de Nossa Senhora do Carmo... muito lindos. Eu gostei muito do passeio, não podia ser melhor, a comida boa, pousada muito maravilha, gostei de tudo”. *Creuza*

“1ª parada Jerivá. Nossa primeira parada no caminho para Pirenópolis foi em Jerivá, um restaurante aconchegante e muito agradável além

de muito bonito, onde aproveitamos para tirar várias fotos. Nossa saída de Jerivá foi às 10:42. Chegamos em Pirenópolis quase ao meio dia. Deixamos as bagagens nos quartos e fomos almoçar. Uma comida muito gostosa. Após o almoço fomos conhecer a cidade, os artesanatos, a rua do lazer, a ponte com uma visão deslumbrante. O que mais me chamou atenção em Pirenópolis? Muita coisa, principalmente a tranquilidade e a segurança de andar e ver os carros abertos sem se preocuparem se vão ser roubados. Por ser uma cidade turística é muito tranquila, além de linda. No domingo, fomos conhecer a prainha e é um lugar maravilhoso. Enfim, foi um momento maravilhoso que nunca pensei que viveria, Agradeço a Deus pela oportunidade de poder viver estes momentos. Partilhar com as outras mulheres este momento que com certeza foi precioso para cada uma que participou. Agora estamos voltando para casa, com a cabeça tranquila e o corpo descansado dos afazeres do dia a dia, as câmeras cheias de fotos dos lugares que visitamos. A atenção que nos foi dedicada pela professora Tânia e pelas meninas foi fenomenal. Terminei esse passeio renovada e com a esperança de um dia poder voltar a Pirenópolis com a minha família, para que eles possam viver um momento mágico como eu vivi. Obrigada equipe Esporte e Lazer”. *Antônia*

“Agradeço a Deus em participar desse projeto tão maravilhoso, que só ele mesmo pode fazer tudo isso em nossas vidas. Amei as maravilhosas grandezas que Deus criou como as riquezas da cidade, os restaurantes, as comidas maravilhosas, a pousada, o restaurante das pedreiras, o banho muito gostoso e todas as colegas”. *Judite*

“Eu... estou aproveitando um cantinho aqui somente para agradecer. Gente foi maravilhoso... Muito obrigada a Professora Tânia e as meninas que as bênçãos de Deus sejam derramadas sobre vocês. Beijo no coração”. *Livia*

“01 de Outubro de 2011 – às 8h50min saída, Chegada às 11h25min, 32°C, Entrada na pousada: 11h35min. Fiquei no quarto com duas colegas. Parada em Jerivá para lanche às 10h para lanche.

Almoçamos no Restaurante Pirineus. A comida TDB! Depois do almoço fomos passear pela cidade, passamos na ponte do Rio das Almas. Passamos pela ponte velha. Tudo lindo e maravilhoso. Eu amei tudo. 02 de Outubro de 2011 – às 9h26min saímos rumo as cachoeiras. Chegamos ao Restaurante Pedreiras. Acabamos ficando aqui mesmo, fomos conhecer a famosa prainha. Foi tudo muito legal. Eu gostaria muito de ter conhecido a cachoeira, mas infelizmente não foi dessa vez. Até aqui o Senhor nos acompanhou, eu só tenho a agradecer e pedir que Ele continue nos ajudando e acompanhando. Melhor do que essa viagem só outra, (risos). Eu gostei de tudo, pousada imperial, restaurante Pirineus, as companhias... Nossa tudo maravilhosooo.. Amei! E Agradeço a Deus por ter me dado mais essa oportunidade de conhecer esse lugar lindo e maravilhoso. Saída da pousada Imperial 14h54min, 30°C. Não tenho nada a reclamar, e sim Obrigada! Prof. Tânia e suas assistentes. Vocês são nota 10, 1000, Valeu mesmo. E até o próximo espero que esse seja o 1º de muitos outros. Agradecer. Obrigada! Meu Deus! Por tudo. Amém.” *Maria de Nasaré*

“Jerivá foi o primeiro lugar que a gente visitou, muito bonito, vimos um aquário de peixes diferente, uns patos, tiramos fotos foi muito legais. Chegamos a Pirenópolis e estou ansiosa para ver as novidades, entramos na pousada e logo fomos passear, achei muito interessante, lembrei da minha cidade. Bom e aparentemente tranquilo. Gostei muito das pessoas em geral. Fomos muito bem tratadas todos iguais. Ônibus de primeira qualidade foi tudo muito bom. Eu gostaria de falar mais coisas mais eu não sei escrever direito mais logo vou saber com fé em Deus! A professora as alunas... Passamos pela a ponte Rio das Almas, extensão 70m... embaixo dela passa um córrego com a água limpinha, vimos umas palmeiras com folhas de bananeira, visitamos a tecelagem só coisa linda, depois fomos para o museu.” *Francisca R.*

“Grupo de 30 mulheres com supervisão professora Tânia. Passeio para Pirenópolis. Grupo de mulheres da Comunidade Educativa da Faculdade (Universidade) Católica de Brasília – DF. Coordenadora

professora Tânia. Saímos 8:50 no ônibus da empresa Vila Izabel, ônibus de cor amarela, novo com ar condicionado, muito confortável. Às 10:00 paramos no caminho para lancha no restaurante Jeriva. Chegamos na pousada imperial por volta de 11:30. Guardamos as malas. Fomos almoçar no restaurante Pirineus. Fomos muito bem recebidos. Almoçamos muito bem. Em seguida, fomos dar uma volta pela cidade, visitamos: tecelagem, ponte e lojas de artesanato. Por volta de quatro e meia voltamos à pousada. Logo em seguida, saí com quatro colegas fomos olhar lojas. Chegamos às 17:30 tomamos banho, descansamos um pouco. Às 8hs voltamos ao restaurante para jantar. Depois do jantar, fomos visitar a feira de artesanato, voltamos para a pousada para dormir. Levantamos 7:00 tomamos café da manhã visitamos a feira, voltamos para a pousada tomamos o ônibus e fomos para a prainha, um banho muito gostoso. Relaxei bastante. Adorei. Andei nas trilhas, comi jatobá voltamos, fomos ao restaurante, almoçamos e fizemos pequenas compras. Voltamos para o ônibus e saímos às 14:54 fizemos nossa oração e partimos. Agradeço a professora Tânia e sua equipe, motorista Itamar e ao nosso Deus, todo poderoso, por essa oportunidade, me diverti muito, me sinto renovada. Que Deus ilumine este grupo para que possamos continuar juntas. Beijos.” *Francisca*

“Em 01\10\2011 – Meu dia de princesa. Na nossa viagem, passamos perto do Santo Antônio do Descoberto, Engenho das Lajes, e tudo eu observava tudo. Também passamos nas sete curvas, fiquei triste em alguns trechos com as nossas florestas todas queimadas. Os verdes são poucos. Eu também vi as pistas, uma maravilha. Passamos em Alexânia. Tivemos uma parada, quem queria lancha, ir ao banheiro. Só não foi melhor porque na lanchonete são poucas pessoas para atender e a maioria das pessoas saiu sem lancha. A cidade (de Pirenópolis) tem uma tradição com os chifres, a festa dos malhados. O passeio da prainha foi bom, pena que a água era muito fria. A feira é bonita, mas muito cara. Fomos bem recebidos no hotel, quarto bem confortável, as refeições gostosas demais. Vi uma igreja muito bonita em Pirenópolis. São coisas históricas. As

professoras foram excelentes, sempre preocupadas, atenciosas, bem organizadas. As colegas também foram muito amigas em tudo, umas cuidando das outras. Outra coisa, a cidade é bem pacata, calma, bem hospitaleira, o que eu observei que na cidade não tem sinalheiro ou passagem de pedestre, mas todos conscientes do que estão fazendo. Foi Maravilhoso. E obrigado por tudo, agradeço a Deus e a todos vocês.” *Rosa*

“Um sonho de conquista!!! 01\10\2011 – Viagem a Pirenópolis. Tudo começa assim, num destes encontros que marcam a vida cotidiana de algumas mulheres, lógico com apoio da Universidade Católica de Brasília. Depois de tudo planejado nossa viagem já estava pronta. Numa bela manhã de sábado no dia 1º\10\11 às 9:30 começava a nossa festa, deixamos marido, filhos, tios enfim tudo para trás. Esse foi nosso 1º dia. No ônibus só foi alegrias, Professora Tânia foi muito bom, enfim todas elas. Chegando na pousada imperial nosso motorista (Itamar) muito atencioso com todas nós. Vimos o artesanato da cidade. Tomamos banho de piscina na pousada. Depois almoçamos e jantamos do bom e do melhor. Esse foi o nosso 2º dia. No dia seguinte, foi combinado, que ao acordar, iríamos à cachoeira só que algumas de nós fomos à missa e pra mim foi muito das maravilhas que aconteceu. Muito linda a missa. Depois, seguimos viagem só que não foi possível (a cachoeira), mas ficamos numa prainha muito legal. Gostei de rever minhas colegas de grupo que não tinha visto algumas reuniões. Só tenho agradecer, Católica e a professora Tânia e sua equipe. Finalizo com gosto de quero mais, mais e muito mais. Beijos e abraços para todos, que Deus nos abençoe”. *Evalda*

“Brasília, 01 de Outubro de 2011 – Viagem a Pirenópolis. Foi a primeira viagem com a minha filha Iorrany (só nos duas). Gostei dos artesanatos, gostei da cachoeira, da excelente caminhada e principalmente da alegria das meninas. Gostaria de parabenizar a Professora Tânia e as suas assistentes pelo excelente projeto. Obrigada.” *Rosângela*

“01\10\2011 – Viagem à Pirenópolis. Alegrias, Prazer, Saudades, Sensação de liberdade, sentimentos afloraram... Isto que esta viagem me proporcionou! Saímos da Universidade Católica de Brasília às 08h50min. Ônibus parado em frente à biblioteca, mulheres ansiosas para ver o que as esperava. Todas a postos, agradecendo a nosso Deus pela benção de nos levar a cidade de Pirenópolis. No ônibus, conversas, risos, escutar de músicas, cochilos e até mesmo um sono profundo. Flashes e mais flashes! Chegamos à cidade.. Máquinas a postos, fotografias preparadas.. Rostinhos lindos, ansiosos e sorridentes! Pousada Imperial. Cada qual escolheu o seu cantinho para se acomodar. Aconchegante, livre da rotina do dia-a-dia, livres! Hoje o dia é DELAS! Restaurante Pireneus, todas unidas! Pratos à mesa! Satisfeitas? Pelos rostinhos, parece que sim! “Ain” que saudade...Arroz com pequi feito com panela de barro, que almoço hein?! O caminhar lento após o almoço nos levou à ponte do Rio das Almas... Rostinhos curiosos! Seria ao longo do caminho uma palmeira ou uma bananeira? Uma palmeira com folhas de bananeira, segundo elas... Não vamos duvidar, (risos). Em seguida? Artesanato, artesanato e mais artesanatos! Tecelagem, ponte velha e ao longo da caminhada, risos e mais risos. Picolés do cerrado, vários sabores (que muitas nem conheciam)... Aaah, sem esquecer do sorvete da Sandra, (risos) momentos inesquecíveis! O que comprar? Tantas dúvidas! E no final 3 horas de caminhada e as mulheres? Firmes e fortes, nem perceberam o passar do tempo! De volta à pousada... piscina, descanso! À noite, todas produzidas... Cada qual com sua beleza! Jantar? Hum, E que jantar. Satisfeitas! Comida típica da região, maravilhosa! Aqui tudo é o que não parece ser! Característica peculiar. Estamos aqui, curtindo, rindo, brincando, comprando, (risos). O que eu tenho a dizer? Obrigada Senhor! Primeira vez em Pirenópolis com um grupo de mulheres isso encoraja a prosseguir, cada qual com sua história! Uma frase: “Tudo o que é bom, dura o tempo necessário para ser inesquecível”. Por isso, existem pessoas incomparáveis e momentos inesquecíveis e inexplicáveis.. Viagem como nenhuma outra!... Valeu a pena!” *Mirelle*

Outras Observações: O interesse turístico do lazer pode ser encarado como uma profunda experiência de promoção humana, de conquista da cidadania e da fruição gratuita tão fundamental à existência. As mulheres em seus depoimentos mostram detalhes do processo da viagem, os lugares em que seus olhos encontraram sentidos, em que suas vidas se conectaram, em que seus valores e desejos têm espaço para serem vividos. Ou nas palavras de Uvinha (2007, p. 62) “tal interesse do lazer deve ser entendido... como dimensão humana de elevada relevância para a busca de engajamento social e usufruto de valores também contestadores do sistema vigente.”

ATIVIDADE I – Ao iniciarmos nosso encontro três semanas após a viagem, começou-se uma gravação mais informal com a pergunta, o que vocês estão esperando da tarde hoje?

“Boa tarde professora, espero que seja uma tarde muito divertida como sempre, como as outras.” *Creusa*

“Ah, eu não vejo a hora de ver essas fotos nossas desse passeio.” *Shislene*

“Ah, eu to esperando coisa boa. Alguma coisa boa.” *Adalgisa*

“Tô esperando o que já ta acontecendo, a gente relembrar tudo aquilo e de ver as amigas a gente lembra tudo aquilo que passou vinte e dois dias atrás, lembrei muito da minha cidade.” *Francisca R.*

“Foi uma semana, pra desacostumar daquele luxo.” (risos) *Shislene*

“Boa, a expectativa da nossa viagem, rever nossas fotos.” *Nilma*

“Tô na expectativa de coisas melhores, tá melhorando e frio hein.” *Nazaré*

“Tô descansada até hoje.” *Sandra*

ATIVIDADE II – Dinâmica de Projetos de Lazer

Descrição: Começou-se com uma dinâmica para identificar qual a concepção e o desejo de lazer das mulheres. Primeiro passo,

dividir em grupos em torno de 4 a 5 pessoas e misturar bem o grupo para propiciar maior integração entre elas. Segundo passo, após constituído os grupos, cada grupo ocupa um espaço da sala e recebe um envelope com uma folha anotada uma quantia em reais para ser usada em uma atividade de lazer. Os grupos são desafiados a pensar o que fariam com a quantia recebida e cada grupo não podia saber a quantia recebida pelo outro. O dinheiro poderia ser usado para individualmente ou para o coletivo, a critério do grupo. Cada grupo passa a discutir o que fará como seu projeto de lazer usando o dinheiro recebido.

Na sequência os depoimentos de cada grupo, sobre o lazer que realizariam com a quantia recebida. Agora cada grupo vai dizer a quantia que recebeu e o que pensou de lazer.

Grupo 1: “Cinco mil reais e nós não pensamos só em nós, do grupo, pensamos que com esses cinco mil reais a gente poderia tá vendo a possibilidade de estarmos fazendo por exemplo, momento de cinema na nossa comunidade, locar algum filme, levar todo o equipamento que possa, locar um estrutura pro cinema ao ar livre, de repente com tenda, com lona, sei lá com o quê, mas que não fosse só pra nós que fosse pra comunidade, uma vez que, onde a gente mora por exemplo não tem cinema, então a gente poderia tá vendo a possibilidade de tá fazendo isso e com certeza se a gente trabalhasse bem no projeto, com cinco mil reais a gente poderia dá uma tarde de lazer não só pra nós quatro do grupo, mas sim inserindo a comunidade.” *Sandra*

Grupo 2: “Gente ... foi assim para o grupo pensando no lazer, nós proporcionamos aqui uma viagem pro grupo, pra fortaleza. Final de semana na praia curtindo tudo do bem bom [...] Me leva neném. Café da manhã, pousada quatro estrelas [...] Mercedamente um bom lazer para todo o grupo, não só individualmente pensando em um, mas pensando nas quatro.” *Nilma*

Grupo 3: “Gente nós recebemos nada, mas aí conversei com as amiga e nós fomos lá na Esmeralda e pedimos dez reais emprestados

a ela, aí desse dez reais eu dou um pouco pra Dona Creusa que faz chocolate, eu dou um pouco pra Zisa (Adalgiza) ela faz artesanatos, eu faço caldos, ela... Dindin [...] aí eu falei assim ó gente cada um com esse dinheirinho vamos comprar e vamos refazer pra gente encontrar o dinheiro pra gente pagar Esmeralda né, que ela emprestou pra nós e o resto nós vamos fazer um lazer, mas não só pra nós quatro, além desse grupo nós vamos chamar as outras que não puderam participar do passeio.” *Rosa*

“Ela tava falando assim, foi ela ou foi a Zisa, a gente tava sem nada, mas a gente tinha duas pernas, dois braços, os olhos e tinha como a gente fazer... as coisas.” *Rosa*

Grupo 4: “Dois mil reais. Então assim, nós quatro, pegamos mil e oitocentos desse dinheiro aqui, fizemos um lazer na rua para as crianças, locamos brinquedos né, teve bastante coisa pra eles comer, muita coisa em comemoração ao dia das crianças, com esses mil e oitocentos fizemos tudo isso, uma festona. E para nós sobrou duzentos, aí cem a gente foi pro cinema, comemos pipoca, refrigerante e os outros cem, a gente tava com tanta fome que tá frio, a gente foi pro rodízio na pizzaria, vinte e cinco por pessoa.” *Shislene*

Perguntou-se ao grupo se alguém teve outra ideia, algo tenha sido conversado no grupo?

“Além do cinema, a gente teve outra ideia, pra tá levando donas de casa que às vezes não tem oportunidade de ir ao teatro, por exemplo, vai que esse dinheiro dá pra gente usar levando vinte pessoas por mês ao teatro, vai que dá pra gente levar sei lá, cinco meses seguido, e o quê que a gente ia fazer, ajudava um grupo de vinte esse mês levava, aí no outro mês juntava um outro grupo de vinte levava, até que o dinheiro, usasse todo dinheiro. Levava ao teatro as donas de casa que às vezes realmente não tem oportunidade.” *Sandra*

ATIVIDADE III

Descrição: Acho que agora a gente pode curtir um pouquinho as fotos da viagem. [...] Nós tivemos que fazer uma grande seleção,

se não nós ficaríamos duas horas, mas a gente tem aí um vídeo de meia hora com as seleções das melhores fotos, melhores momentos do nosso grupo. Assistiu-se ao vídeo organizado pelas estudantes com base nas fotos coletadas de todas as máquinas fotográficas e filmadoras do grupo que viajou a Pirenópolis.

Outras observações: sobre a viagem e a trajetória do grupo

“Eu queria dizer que depois da viagem eu fiquei pensando, em tudo que a gente passou, em tudo que a gente viveu e, aí eu vou ficar até emocionada, mas assim é, eu fico assim encantada, porque nós estamos aqui num projeto de faculdade e o nosso objetivo seria assim vivenciar os diversos aspectos assim que o lazer pode nos trazer, essa gratuidade que ele traz, mas é incrível assim como a gente tem aprendido juntas, e a cada encontro assim eu quero dizer que eu me surpreendo cada vez mais com vocês, sabe é incrível assim, eu fiquei pensando em cada uma e lá na viagem a gente fica observando, eu ia um pouquinho e conversava com uma e depois conversava com outra, e eu via as histórias sabe e eu falava assim meu Deus quando a gente passa assim na rua por essas mulheres a gente nunca que pensa o que essas pessoas viveram e eu vi assim como vocês tem algo tão valioso sabe dentro de vocês. Que talvez nem vocês saibam, e o que eu queria dizer assim mesmo é isso que vocês são valiosas, que vocês tem um valor, e que nós não estamos aqui por uma obra do acaso, porque eu creio que Deus nos uniu e é algo assim que como eu falei eu fico de cara com a afinidade que a gente vinha tendo, e eu achei lindo no ônibus quando a gente cantou uma música que dizia que vocês tem um valor, nós temos um valor e que o Espírito Santo de Deus ele se move em nós e eu quero dizer pra vocês isso sabe, não se concentrem nas fraquezas de vocês sabe, mas sim naquilo que vocês já são boas e podem desenvolver pra ser cada vez melhores sabe, porque vocês podem sabe, e é isso que eu quero dizer pra vocês, vocês tem uma força dentro de vocês que quem, nós mesmos quando nos analisamos com certeza a gente nunca vê, muitas vezes a gente se vê aquela mulher fraca, aquela mulher que não á capaz, mas Deus colocou

algo em cada uma de vocês e que nós que olhamos de fora a gente olha e fala, gente é muito precioso, então assim eu creio na minha vida que a história de cada uma de vocês e a vida de cada uma de vocês me marcou sabe de alguma forma e eu espero que a gente tenha também marcado a vida de vocês [...] Foi um momento muito precioso pra mim, e eu tinha que falar isso pra vocês, cada uma assim eu amei gente, foi ótimo e se alguém quiser falar alguma coisa fica à vontade aí.” *Monaíza*

“É eu também confesso que pra mim foram momentos assim maravilhosos, eu me surpreendi muito, eu vou falar até aqui no assunto que de repente vão dizer, mas porque tocar nesse assunto, por exemplo, cada uma de nós temos nossos hábitos, às vezes tem pessoas que tem vícios e a gente viver esses momentos juntos e alguém que tivesse uma coisa dessas, desse tipo, dessa natureza, que fumasse, coisa assim, nos respeitou, ficamos junto ali, ninguém se incomodou com hábito de ninguém, então isso pra mim foi assim, eu falei Jesus realmente é de Deus uns momentos como esse, e aproveitando o que a Mona falou, eu em casa pensando que aquela música que a gente cantou, é “mover do espírito” o nome, e aquela música pra mim foi o tema da nossa viagem, porque você viu que quando a gente cantou mexeu com todo mundo, e eu só me arrependo de uma coisa, porque eu pensei em trazer o violão e cantar essa música pra vocês porque eu consigo tocar ela no violão, mas como tava chovendo, eu falei ah ônibus cheio vai ser difícil, mas realmente cada uma de nós tem um valor, e vocês me surpreenderam muito, porque assim, como eu já falei cada uma de nós tem um hábito e eu acho que ninguém ali se sentiu incomodada com o hábito de ninguém, todo mundo soube se respeitar, todo mundo soube se por no seu lugar, então pra mim assim, mais uma vez foi simplesmente MA-RA-VI-LHO-SO. Só temos que agradecer a Deus.” *Sandra*

“A única coisa que eu tenho pra falar, só muito obrigado. Muito obrigado, muito obrigado, muito obrigado. Você e a sua equipe muito obrigada.” *Dalva*

“Monaíza, realmente o que você disse aí foi tudo do fundo do seu coração, foi palavra maravilhosa que nós, que nós muitos anos não ouvia essas palavras maravilhosa que você fez aí pra gente. Foi maravilhoso seu depoimento.” *Nazaré*

“Ai gente, a gente podia cantar aquela música mesmo sem violão é muito linda.” *Monaliza*

“Aí eu me arrependo de novo de não ter trazido o violão, achei que o ônibus podia ta cheio. Essa música eu sei tocar no viloão, mas não vai faltar oportunidade.” *Sandra*

“Eu queria, queria agradecer, primeiramente a Deus, segundo a vocês, quando eu entrei no grupo eu me perguntei, e a maioria das pessoas que teve gente que entrou e saiu, porque achou que praticar o grupo seria uma perda de tempo, mas pra mim não, pra mim o grupo é gratificante mesmo, é como se fosse a minha segunda casa, e eu quero assim que cada dia mais que passa, eu quero que cresça, porque sempre a gente passa a palavra pra outras pessoas pra poder vim conhecer, inclusive professora eu acho que a gente até podia fazer nossas próprias camisetas pra divulgar, porque é muito importante, e gente é muito bom tá com todos vocês porque assim cada um, o mais interessante que eu acho é que a maioria que participa aqui a gente mora praticamente todo mundo perto, mas quando a gente se vê mesmo é realmente só no grupo, e é muito gratificante, é só isso mesmo que eu queria falar. Adoro o grupo.” *Shislene*

Então vamos lá, como é que começa?

“Quero que valorize o que você tem, você é um ser, você é alguém tão importante para Deus. Nada de ficar sofrendo angústia e dor, nesse seu complexo inferior, dizendo às vezes que não é ninguém, eu venho falar do valor que você tem. Eu venho falar do valor que você tem, ele está em você, o espírito santo se move em você até com gemidos inexprimíveis, inexprimíveis. Daí você pode então perceber, que aí há algo importante em você, por isso levante e cante, exalte ao Senhor, você tem um valor, o espírito santo se

move em você, você tem um valor, o espírito santo se move em você, você tem um valor.” *Todas catando*

“Vocês têm um coral aqui, que eu to vendo.” *Márcia*

“Eu não tive assim, o prazer de viajar com vocês porque eu tive um problema de saúde, então eu tive que ficar de repouso, mas quando começaram a falar dessa música eu voltei a dezessete anos atrás, na minha formatura do magistério onde uma colega evangélica cantou esse hino, assim muito bem cantado, ela assim tinha um vozeirão né, então meu pai disse assim – Meu Deus como ela é escandalosa. E aqui quando alguém falou do espírito santo eu aqui pensando eu já sei quê que é, então assim, é muito bom mesmo. No início quando o grupo tava assim bem maior e foi diminuindo, diminuindo, eu pensei meu Deus, quê que tá acontecendo com essa mulherada que não quer participar, então eu pensei assim, não, eu vou fazer a minha parte, eu vou continuar porque é um momento só nosso, onde a colega aqui falou, que nós nos encontramos, moramos perto, porém não temos aquele contato, e eu também quero parabenizar a professora, as meninas, que é assim um projeto maravilhoso esse da católica, e na hora que eu cheguei aqui eu comentei com a colega, nossa vai vim já o recesso de novo, aí vai demorar a gente se encontrar de novo, ainda falei assim, será que nós vamos ter amigo oculto pra gente brincar? Encontrar novamente, já tá dando já saudade.” *Ana Cristina*

“Ai gente que bom, então assim, é isso sabe, eu senti assim mesmo de coração de falar isso pra vocês porque é muito valioso sabe pra mim, nossa eu não imaginava que eu ia aprender tanto com vocês, eu até prestei atenção nessa música, que fala que a vida a gente tá sempre aprendendo, e é isso a gente aprende com as outras, em momentos de lazer aqui, e é incrível como as coisas acontecem, muitas vezes a gente compartilha sabe, mas assim isso é verdade, gente vocês são muito valiosas sabe, vocês tem uma força que vocês desconhecem sabe, então é isso, então vamos orar e vamos agradecer a Deus por ter colocado cada uma de nós aqui juntas

porque é por ele sabe, é um propósito dele e vamos orar pela Rosa também.” *Ana Cristina*

“E lembrando que a gente experimentou na nossa viagem, tanto na ida como na volta, que nós somos um grupo que aos poucos a gente está compartilhando, dizendo, a gente está sabendo um pouco mais o nome de cada uma, o gosto especial de cada uma, as que gostam de dormir cedo, as que gostam de dormir tarde, as que gostam do café sem açúcar, outras com açúcar, com adoçante, as que fazem muita bagunça, as que fazem pouca bagunça, as que fazem bagunça em silêncio e ninguém percebe, mas cria toda uma diferença no grupo, a gente também foi percebendo e a gente está aos poucos se conhecendo, nós somos um grupo bastante diversificado e nós temos momentos diferentes na vida da gente, na experiência de família da gente, e na experiência religiosa também. A gente sabe que nós somos um grupo muito misto, muito mesclado, nós temos tradições evangélicas, tradições pentecostais, tradições católico-romana, tradições de fé, as mais diversas, e eu acho que é essa a beleza, que nos permite estar juntas, a gente não precisa ter uma única fé, uma única religião, uma única denominação, mas a gente tem a nossa fé em Deus, o nosso desejo de que a vida seja uma vida com dignidade pra todas as pessoas, e independente do credo religioso, essa é a grande força da experiência de fé, é o desejo que as pessoas que se juntam possam viver com dignidade e promover dignidade aonde elas estão, então eu acho que esse nosso grupo, ele tem sido assim essa experiência de quando agente se junta, a gente se enche de força e aí quando a gente se separa essa força a gente compartilha com os outros. Eu queria convidar vocês pra gente fazer um círculo de mãos dadas na esperança...” *Tânia Mara*

“... lembro que ela falou que pra muita gente quando a gente fez a , quando ela fala que Deus tem uma proposta na vida da gente, nesse grupo, quando a gente fez o, aqueles recortes lembra? Das nossas vidas, dos nossos sonhos. E pra mim esse grupo aqui é o meu lazer, então eu não imaginei quando eu fiquei sabendo da viagem eu falei eu quero ir, mas acho que eu não vou, então, porque assim,

meu marido é muito ciumento, vocês lembram mais ou menos da história. E assim Deus foi tão maravilhoso comigo que ele providenciou tudo da melhor forma possível a até mandou meu marido trabalhar num retiro (risos), ele foi antes de mim, antes de eu viajar ele foi pro retiro, então ele foi trabalhar no retiro e eu fiquei livre pra ir no passeio. Quando eu cheguei fui mostrar as fotos pra ele, - E quando você foi nesse passeio? – Ontem, anteontem, cheguei hoje. Aí ele: - Como é que você foi? Eu fui explicar, ele: - Só esperou eu dar as costas. (risos) E assim faz parte da minha vida isso aqui, é o meu grupo, é o meu lazer, é aqui. Também igual a menina falou, eu só tenho a agradecer, muito obrigada. *Antônia*

“E aí eu queria pedir só pra Nazaré, pra Livia e pra Roberta ficarem bem pertinho no círculo, pensei também que a gente vai construindo as nossas linguagens alguns com gestos, outras são símbolos que possam ficar fortes entre a gente, acho que a gente quando tá junto, quando nós estamos juntas nesse grupo a gente vai dando força uma pra outra e a gente é um grupo muito forte, e que queria que essa união que a gente tem construído de um modo muito bonito, muito forte, que possa nos fortalecer e que a gente também leve essa força pra onde a gente for, pras nossas casas, pros nossos trabalhos e aí eu vou pedir pra gente fazer um outro movimento, uma outra imagem que é da gente mantendo o círculo a gente virar de costas e dá as mãos. No sentido de que cada uma possa olhar pra frente e pensar no horizonte que tem adiante, sua casa, seu trabalho, sua comunidade de fé, suas amizades, seus desafios e que a gente ao rezar junto a oração do pai nosso, a gente possa nessa oração também dedicar aquilo que nós vamos contribuir quando a gente sair desse momento de reunião do nosso grupo. Oremos juntas, cada uma de acordo com a sua experiência e de comunidade de fé.” *Tânia Mara*

O grupo orou o Pai Nosso de acordo com sua tradição e agradeceu pela mesa farta com a contribuição de cada uma que seria depois compartilhada e as alegrias partilhadas sobre a viagem.

Referências Bibliográficas

BRUHNS, Heloisa Turini. Corpos femininos na relação com a cultura. *In*: ROMERO, Elaine. (Org.). **Corpo, Mulher e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1995.

CAMARGO, Luís Otávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e Conteúdos Culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. Reflexões sobre os Conteúdos Físico-esportivos e as Vivências de Lazer. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer, uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 2002.

MELO, Victor Andrade. Arte e Lazer: Desafios para Romper o Abismo. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

SAMPAIO, Tânia Mara. Gênero e Lazer: um binômio instigante. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Lazer e Sociedade, múltiplas relações**. Campinas: Alínea, 2008.

SCHWARTZ, Gisele M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Revista Licere**, v. 2, n. 1, Belo Horizonte, UFMG, 2003.

SCHWARTZ, Gisele M.; MOREIRA, Jaqueline, C.C. O ambiente virtual e o lazer. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

SILVA, Débora M. Feito à mão: os limiars dos conteúdos manuais do lazer na era da tecnologia. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

STOPPA, Edmur. Associativismo, Sociabilidade e lazer. *In:* MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

UVINHA, Ricardo R. Turismo e Lazer: interesses turísticos. *In:* MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007.



Capítulo 6

MOTIVAÇÃO E LAZER: PERSPECTIVAS DE UM PROGRAMA EDUCATIVO EM RELAÇÃO AO GÊNERO E ETNIA

Luís Carlos Lira
Luiz Carlos Vieira Tavares
Genildo Pinheiro Santos
Tânia Mara Vieira Sampaio
Nilton Soares Formiga
Gislane Ferreira de Melo

O processo de adesão de pessoas em programas de lazer geralmente está relacionado a fatores motivacionais. Tal condição é tão importante, que, de acordo com Howell e Alderman (1987) e Lira (1997), quando as pessoas perdem o interesse em continuar, ou não estão dispostas a iniciar alguma atividade de diversão elas costumam justificar fatores psicológicos: satisfação, desejo, estima etc. Desta maneira, tal construto não somente contribuiria para uma organização psíquica das pessoas, mas também, interpessoal; afinal, segundo Formiga (2011), o lazer tem a função, quando motivado, tornar eficiente o processo socializador e permitir tomadas de decisões e inibir conflitos tanto com seus grupos sociais, com os pares de iguais quanto consigo mesmo. Com isso, um lazer motivado, contribui nas atividades que promovam um reconhecimento intrapessoal e de aceitação e prática social ideal (ARGYLE, 1991).

Etimologicamente, a origem da palavra motivação tem seu significado construído a partir do Latim: *movere*, *motum*, *motivum*; isto é, movimento, compreendido como um mover ou motivo em direção a um objetivo ou que influencia a direção de um comportamento, sendo, portanto considerada o motor das ações (Bzuneck, 2001). Para Feijó (1992) a motivação é um processo de mobilização das necessidades pré-existentes que sejam relacionadas com os tipos de comportamentos capazes de satisfazê-

las. Quando uma pessoa percebe a vantagem de se mobilizar para satisfazer suas necessidades, irá sempre se interessar em manter esse comportamento.

De forma objetiva, para Harris (1976), a motivação é um estado emocional. A regra básica da motivação é mexer, instigar, iniciar as emoções nas pessoas ao ponto de gerar uma ação, e estas emoções provocadas serão as responsáveis pela realização de um objetivo.

Na literatura geral, existe um consenso em que a motivação pode ser vista sob a perspectiva intrínseca e extrínseca (RYAN, DECI, 2000a; SINGER, DICK, 1980; FARIA JÚNIOR, 1969). A primeira perspectiva, também chamada de auto-motivação, motivações primárias e motivação própria refere-se ao interesse, ao desejo e ao prazer de participar que atuam no espírito dos indivíduos para levá-los a ação; a segunda, refere-se ao uso de incentivos, como prêmios, recompensas, graus, entre outros, ou por valores de ordem social, relacional, afirmação, hierarquia, diferença (BRITO, 1993; BIDDLE, 1987). Enquanto a primeira perspectiva tem seu foco intrapessoal, a segunda exige ao sujeito a saída de si na busca de uma relação interpessoal.

Apesar desse consenso, de acordo com Biddle (1986), existem autores que não consideram no construto da motivação o reforço extrínseco, propondo com isso, um modelo psicobiológico, no qual, a motivação é conceituada como uma generalizada e não específica tendência para persistir na ausência do reforço extrínseco, sendo, com isso, independente da influência situacional. A motivação seria mais socialmente aprendida e dependeria da habilidade do indivíduo no seu próprio reforço.

Petherick e Weigand (2002) alertam que ao se separar de forma simples a motivação intrínseca e extrínseca pode-se gerar uma dicotomia simplista entre as duas. Para tanto é necessário que se diga que ser motivado extrinsecamente não corresponde a um comportamento negativo, pois, os motivos extrínsecos possuem

um grande grau de autonomia e os motivos extrínsecos possuem caráter fundamentalmente auto-determinável (RYAN *et al*, 1997).

De acordo com Angelini (1997), na literatura sobre o tema, percebem-se uma variação de teorias da motivação que é possível agrupar em pelo menos quatro tipos de modelos teóricos: o da sobrevivência, o da intensidade do estímulo, o do padrão do estímulo e o do despertar afetivo. Esses modelos teóricos são destacados com o intuito de apresentar o problema das fontes da motivação e seus resultados no comportamento humano. Por exemplo:

1 - O *modelo da sobrevivência* – denominado, às vezes, de *conservação da espécie* – o posicionamento teórico é de uma concepção da motivação baseada nas necessidades biológicas do indivíduo, sobretudo as relativas à nutrição e à atividade sexual.

2 - O segundo modelo – o da *intensidade do estímulo* – baseia-se na relação entre atividade e motivação. Nesta ótica qualquer estímulo pode virar uma motivação, e se o estímulo for mais forte haverá uma maior motivação.

3 - O *padrão de estímulo*, terceiro modelo teórico, diz que não seria simplesmente a intensidade de determinada natureza a fonte da motivação, pois um estímulo pode não levar a ação, mas a partir de uma ativação de centros cerebrais (aspectos cognitivos) poderá haver uma motivação.

4 - O quarto modelo teórico para o estudo da motivação é o do *despertar afetivo*, que preconiza que certas condições nascem com o indivíduo, onde o motivo poderá ser despertado através de pistas neurais, pela associação com mudanças afetivas. Assim, qualquer pista que desperte uma antecipação de mudança afetiva – quer seja para aumentar o prazer, quer seja para aumentar a dor – é motivadora.

Entre as teorias motivacionais, uma outra, como apresentada por Murray (1973) destaca a *motivação social*, a qual atribui aos motivos sociais propiciar a participação de pessoas em

atividades, pelo fato destas quererem conviver com outras pessoas, ganhar a aprovação delas, divertir-se e promover o amor próprio com ou através dessas pessoas, e também consideram que estes motivos sociais superam com frequência os outros.

Os interesses na importância dos motivos sociais, na influência do comportamento humano, geram um movimento de amparo, de atividade lúdica, de autonomia, de evitar danos, de inferioridade, de reação e de realização (MURRAY, 1973), estes fatores são significativos quando se pensa na adesão à programas de lazer. Essa reflexão se aproxima da elaborada por Formiga (2009; FORMIGA, 2011a; FORMIGA, 2010; FORMIGA, 2011b) quando atribui que um determinado tipo de lazer – especificamente, hábitos de lazer instrutivos (o qual enfatiza a experiência de aperfeiçoamento e crescimento desenvolvido pelos sujeitos e tornando-os capazes de escolhas de lazer diferenciadas e exclusivas para eles, assumindo uma atividade quanto a transmissão, habilitação e ensino de conhecimentos de forma que conduza a debates e discussões frente ao saber intelectual e de relação social e histórica familiar) e os hábitos de lazer lúdicos (diz respeito a utilização de jogos, passeios e divertimentos em geral, apresentando um caráter instrumental do hábito, isto é, trata-se de um agir da diversão, podendo ser experimentado sozinho ou em grupo, o qual também, poder ser capaz de gerar uma socialização com outros quando vivido sozinho, por exemplo, ao jogar qualquer esporte ou passear de bicicleta o jovem poderá, nesse contexto, se relacionar com outras pessoas) – socializado na dinâmica familiar e escolar, não somente influencia a construção de traços personalísticos que motive menos a pessoa ao risco, mas também, na orientação de valores que conduzam a relação interpessoal e harmonia social, bem como, para uma afiliação sócio-afetiva com pais e professores

O motivo do amparo deve-se ao fato da necessidade de ser amparado, protegido, amado considerado como pessoa, um Ser importante, buscando assim, por alívio das tensões do cotidiano através do envolvimento em atividades lúdicas em uma dinâmica

grupal, rompendo com o confinamento, resistindo à coerção, na busca de sua emancipação e no ganho de sua autonomia.

O fato é que, na motivação para o lazer, a pessoa busca evitar danos à sua saúde, evitando assim, uma sensação de inferioridade imposta pelo meio social existente, através de humilhações, abandonos, rejeições, etc. sendo assim, a incorporação da pessoa a grupos tem como função uma reação para dominar ou enfrentar o fracasso mediante uma recuperação através da luta, vencendo os obstáculos e superar a si mesmo, aumentando o amor próprio na tentativa de realização e criando estados resilientes para organizar e manter a situação favoravelmente satisfeita e feliz.

Com isso, a motivação então pode ser entendida como um conjunto de fatores e condições que proporcionam uma ação do indivíduo (CRATTY, 1984), que pode ser para participação ou não em algum evento; no caso deste estudo, em programas de lazer. Brito (1994, p. 18) alerta que:

O motivo é um fator dinâmico (consciente ou inconsciente, fisiológico, afetivo, intelectual, social, em interação) que age influenciando o comportamento ou conduta de um indivíduo na direção de um objetivo, fim ou meta, consciente ou inconscientemente apreendido.

Assim, frente reflexão de supracitada, Harris (1976) apresenta as teorias desenvolvidas para justificar e apontar os fatores motivacionais que levam os indivíduos à prática de atividades físicas e de lazer, as quais destacam-se:

1 - O *controle da catarse*, a atividade física (sob a forma de jogo) pode servir como uma válvula de escape da agressividade inerente no ser humano e desta maneira a atividade física proporcionará uma liberação destas tensões e pode “purgar o indivíduo de tendências antissociais, sexuais, etc.” (FARIA JUNIOR, 1969. p. 33).

2 - Segundo Harris (1976), a teoria do *relaxamento e diversão* preconiza que a atividade física dê oportunidade ao indivíduo de

escapar do tédio do trabalho ou de seu cotidiano, exercendo esforços para realizar uma completa transição em seu ritmo de vida.

3 - Na teoria da *sublimação* a atividade física pode padronizar condutas, o que proporcionará ao indivíduo meios para se desvencilhar das frustrações e das pressões, frequentemente, exercidas pela sociedade, e que em geral os atormentam.

4 - *A realização pessoal* é a característica psicológica necessária para que conduza o indivíduo à realização de um objetivo e chegar à satisfação. Através da atividade física o indivíduo pode experimentar a sensação de realização, para ter aprovação, para conseguir, para dominar, para expressar suas necessidades e desejos.

5 - A teoria do *enriquecimento da vida* crê que a atividade física serve para realizar e proporcionar uma nova dimensão da vida. A prática de atividades físicas dá maior profundidade e caminho a vida e pode proporcionar a busca de um ideal pessoal, reforçando positivamente deste modo o conceito do valor e utilidade pessoal. A participação pode também iluminar um vazio na vida e enriquecer o bem estar de cada indivíduo.

6 - A teoria do *meio ambiente* é apresentada como sendo este um fator importante na prática da atividade física, pois, ao se alternarem o local de prática poderá proporcionar um importante papel cultural.

7 - A teoria do *desejo de satisfação* aponta a atividade física como propiciadora de um pequeno mundo onde o indivíduo tem todas as propriedades para a satisfação de seus sonhos. Os sonhos podem ser satisfeitos de modo que na vida real isso não seria possível (HARRIS, 1976).

As teorias apresentadas, embora estejam se reportando aos interesses culturais físico-esportivo do lazer, podem contribuir para uma explicação do processo de adesão em programas de lazer relacionados a outros interesses culturais como os manuais, artísticos, intelectuais, sociais, turísticos e virtuais. Desta maneira,

Martinez e Chirivella (1995), observam que para a realização de um programa de lazer, ocorre a existência de um processo integrado por fases distintas, as quais podem ser hierarquicamente denominadas da seguinte forma:

1 - A adesão dentro desse processo é o período mais crítico, onde se deve utilizar o maior número de incentivos, apresentarem-se claramente os objetivos, mostrar as necessidades e os benefícios que as atividades podem proporcionar.

2 - No estudo da motivação não se pode desprezar acontecimentos da infância e da adolescência, questões de gênero, idade, etnia, nem tão pouco o contexto sócio-econômico e o mundo de experiências individuais.

Esculcas e Mota (2005) ao estudarem as práticas de atividade física e de lazer em adolescentes, sugerem que os programas de lazer devem levar em consideração as diferenças de gênero para que a intervenção seja positiva nas práticas oferecidas no tempo de lazer da população infanto-juvenil. Destacaram, que as práticas de lazer exercidas por mulheres adolescentes são: ouvir música, ver televisão ou vídeo, estar só, visitar pessoas conhecidas, jogar: cartas, vídeo-game e computador, e as mais significativas em relação aos rapazes são: conversar com os (as) amigos (as), ler, fazer compras ou ver vitrines e tocar música ou cantar.

Para Formiga, Ayroza e Dias (2005; FORMIGA, BONATO; SARRIERA, 2011), quando no processo de construção, validação e confirmação de uma escala das atividades de hábitos de jovens, apesar de não considerarem a etnia, esses autores relataram que as atividades que mais fazem parte do cotidiano dos mesmos são: Ir a shows, teatros, encontrar-se com alguém (paqueras, amigos etc.), jogar videogames ou jogos de aventura e ação, ler livros e revistas, ir ao cinema, jogar conversa fora e navegar na internet, dentre outros. E separaram estes hábitos em três fatores: Hedonismo (ir a shows, teatro, acessar internet etc.), Lúdico (praticar esporte, assistir programas de televisão, jogar de vídeo-

game, jogos de ação e aventura, etc.) e Instrutivo (ler livros, ler revistas, visitar familiares, etc.). Onde, as mulheres apresentaram uma média superior aos dos homens e significativa nos fatores Hedonistas e Instrutivos e os homens com uma média superior significativa nos fatores Lúdicos.

Furre (2006) estudou os hábitos de lazer de universitários negros, da Cidade de Porto Alegre, com idade variando entre 19 a 33 anos, a partir de considerações em relação à identidade, à questão do preconceito, do movimento negro e do comportamento do consumidor. As atividades de lazer realizadas pelos negros universitários se mostraram diversificadas envolvendo atividades esportivas, culturais e intelectuais, que geralmente são realizadas fora do ambiente residencial. As atividades diurnas mais citadas foram: caminhadas no parque e a prática de esportes e sendo citadas em menor número as atividades, como: ver televisão, ouvir música, ler revistas, livros e história em quadrinhos, passear, visitar amigos e parentes, ficar com os filhos, pegar sol, ir à academia, ir ao shopping. Entre as atividades noturnas mais realizadas pelos entrevistados estavam: ir a festas para dançar e ouvir músicas, ir ao cinema, restaurantes e bares com amigos, também foram citadas atividades como: jogar baralho (truco), teatro, ver filmes (em casa), tomar cerveja; citaram também atividades que podem ser realizadas em qualquer período do dia, como: viajar, paquerar, acessar internet e jogar jogos de computador. Além dessas atividades citaram atividades ligadas intimamente com a cultura afro descendente: rodas de samba e ir a festas de pagode e que os influenciam em relação a determinadas práticas de lazer são as relações de amizade.

Com relação à fase adulta (40 e 60 anos), estudo realizado para identificar os motivos para a adesão à prática de atividade física teve como resultados: ordem médica; lazer e qualidade de vida; estética; saúde (condicionamento físico) (SANTOS; KNIJNIK, 2006). Salles-Costa *et al* (2003) ao estudarem a relação de gênero e construção social do corpo através da prática de atividades físicas

identificaram um domínio masculino nas atividades físicas de lazer. As mulheres a partir de 40 anos, nível escolar mais alto e que possuem uma renda familiar maior, praticam mais exercícios físicos em seu tempo de lazer e, entre os homens, os que possuem uma maior renda *per capita* familiar se dedicam as atividades esportivas coletivas e de caráter competitivo enquanto as mulheres em atividades individuais.

Alves, Trovó e Nogueira (2010) analisaram duas academias: uma pública e outra particular, para detectar o que as mulheres buscam nas academias da cidade de Rio Claro, SP e em um de seus questionamentos identificaram os motivos que as levaram a participar desta prática de lazer, os quais: a localização (proximidade à residência), qualidade e nível das aulas oferecidas. Por outro lado, na academia pública, onde a faixa etária é mais elevada, muitas procuraram a atividade física por recomendação médica como forma de prevenção, recuperação e controle de doenças, visando uma melhoria na qualidade de vida. As alunas da academia particular vão em busca de melhores equipamentos, melhor infraestrutura, novidades no mundo *fitness*, aulas diversificadas e *status*.

Considerado a literatura sobre o tema – motivação e lazer – de acordo com Hirota, Schindler e Villar (2006), pode-se perceber que os estudos relacionados à motivação para as práticas de lazer em relação às mulheres, geralmente, estão relacionadas às atividades de interesse físico (atividades físicas, de ginástica e voltada para a área esportiva), em detrimento de um estudo da motivação para a prática de lazer num contexto mais amplo, considerando os demais interesses culturais do lazer.

Partindo dessa perspectiva, é que foi organizado no programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade Católica de Brasília (UCB-DF), um projeto em que focava o tema Lazer e Gênero, tendo como meta de desenvolvimento tanto um processo educativo quanto a promoção de políticas públicas para mulheres negras-empobrecidas. O

projeto em questão teve como objetivo apreender e salientar os motivos que levam as mulheres a prática de lazer.

Assim, o projeto se propôs a oferecer diversas “oficinas de lazer” como criação de tempos e espaços para que mulheres, que viviam em situação de discriminação, pobreza e vulnerabilidade social e racial, especialmente negras, pudessem experimentar a dimensão de ludicidade e gratuidade do lazer, assim como seu potencial educativo crítico e criativo.

Além de destacar os motivos expressos pelas mulheres que participaram do programa, promoveram-se ações de intervenção, estas, foram iniciadas no primeiro semestre de 2011, com 47 mulheres inscritas, onde, atualmente 25 mulheres participam efetivamente das oficinas de lazer. Estas mulheres residem nas cidades do Areal, Recanto das Emas e Riacho Fundo II, em Brasília, DF. Essas mulheres apresentavam uma característica regional peculiar na população das comunidades atendidas pelo projeto: um grande número de pessoas é originada do Nordeste, Centro-Oeste e Minas Gerais.

A fim de avaliar de forma mais empírica o avanço do trabalho de intervenção, aplicou-se um questionário aberto, contendo as seguintes questões: Qual a atividade de lazer que você mais gosta? Por que você gosta desta atividade? O que mais lhe motiva a praticar esta atividade? Existe algum empecilho para que você realize mais vezes esta atividade? Se sim, quais são eles? O questionário foi aplicado durante a realização da oficina de cinema (Interesses Culturais Artísticos) para 10 mulheres participantes do projeto.

Coletados os instrumentos e analisados os resultados, foi possível observar que as atividades que as mulheres mais gostam de praticar, por ordem de preferência foram: atividades físico-esportivas (fazer caminhada, fazer ginástica, praticar esportes e brincar com as crianças das famílias), apresentam o maior percentual (60%) seguido de 20% nas atividades turísticas (viajar e passear), 10% nas atividades artísticas e intelectuais (ir ao cinema e ler), e 10% em atividades manuais (artesanato).

Em termos de uma análise qualitativa, ao justificarem por que gostam destas atividades, as que mencionaram as atividades físico-esportivas relataram ser por questões de saúde, estética e possibilidade de estar com familiares, como se pode observar nos relatos;

“Por que acho bom, e por questão de saúde, e por que não quero ficar obesa”.

“Melhorar o corpo e perder peso”

“Porque além de fazer bem para o corpo melhora outras áreas do corpo”

“Brincar com meus sobrinhos”

“Ajuda na animação”

“Além de movimentar o corpo todinho, a gente usa a mente também”.

A respeito do que mais as motivam a fazerem estas atividades, elas remetem à possibilidade de ter uma melhora física e mental e relembram situações de sua infância.

“Ajuda o desenvolvimento físico, mental e motor”

“Ficar com o corpo melhor”

“A felicidade de estar com os meus sobrinhos”

“Quando era pequena jogava bola e meu sonho era ser jogadora”

As que mencionaram as atividades turísticas justificaram como sendo a oportunidade de conhecer situações novas e por questão de saúde.

“Se sente bem, conhece coisas diferentes”

“Eita, relaxa, faz bem para a saúde”

E o que as motivam mais nessa atividade são as possibilidades de conhecer novas pessoas, lugares diferentes, estar com os parentes, fazendo que fiquem “de bem com a vida”.

Com relação às atividades artísticas e intelectuais foi apresentada a justificativa que “é uma forma de sair do mundo real, dos problemas do dia a dia e dê-estressar um pouco”. Nesse caso, o que a mais motiva nessa atividade é “a vontade de conhecer coisas novas e diferentes, no caso da leitura”.

E, nas atividades manuais por que “gosto de inventar, fabricar”, e o aspecto relativo à motivação é “... sair da rotina, ocupar a mente”.

Quando questionadas sobre a existência de empecilhos para praticar mais vezes as atividades de lazer, seis mulheres responderam que tinham e apresentaram as seguintes situações que as dificultavam, por ordem dos mais citados: três por questões financeiras, duas por obrigações familiares (cuidar da casa e de filhos) e uma por compromissos profissional e escolar.

Considerando as explicações das mulheres, destacada acima, é possível enfatizar que a busca pela saúde, através das práticas de lazer, apontam para uma maior compreensão do conceito de saúde por elas, o qual não está associado apenas à ausência de doença, mas sim, a uma amplitude das condições para que tenha saúde, considerando o lazer uma dessas condições. Outro fator interessante, é que relacionado às condições de saúde está, também, a preocupação estética, por exemplo: no que concerne o controle de peso, pode-se pressupor que a influência da *mídia* e da pressão da sociedade, é que impõem um padrão de beleza que impulsiona as mulheres a estarem num determinado padrão físico para ficarem próximas ao modelo de corpo suplantado e explorado pela comunicação de massa (TOLENTINO, ASSUMPCÃO, 2010; ARAUJO *et al.*, 2007), independente da condição social, econômica, etária e étnica.

A busca pelas atividades turísticas associadas à melhoria da saúde e possibilidades de situações novas vem atender as motivações preconizadas pela teoria do *enriquecimento da vida*, na qual destaca que a prática do lazer serve para realizar e proporcionar uma nova

dimensão da vida, especificamente, visa social e psicológica. O lazer dá maior profundidade e caminho à vida e pode proporcionar a busca de um ideal pessoal, reforçando positivamente deste modo o conceito do valor e utilidade pessoal (HARRIS, 1976).

Especialmente, quando as condições para uma vida rica motivacionalmente, estão associadas à possibilidade de conhecer novas pessoas e de estar em contato com familiares, é possível reconhecer o acesso e manutenção de motivações sociais, de acordo com o que propusera Murray (1973).

No que concerne aos interesses manuais, artísticos e intelectuais a partir das Teorias da *Catarse* (FARIA JUNIOR, 1969) e da *sublimação* (HARRIS, 1976) pode-se partir do pressuposto de que as pressões sociais e as rotinas às quais as mulheres estão submetidas geram nelas uma necessidade de extravasá-las e a atividade de lazer pode servir como uma válvula de escape e proporcionar uma liberação da agressividade, das tensões, das frustrações e das pressões frequentemente exercidas pela sociedade e que em geral atormentam a muitos. Fato esse, que contribui para uma melhor organização emocional e interpessoal no seu entorno urbano e familiar.

De forma geral, os resultados encontrados indicam que as atividades de lazer que as mulheres mais gostam e que as motivaram a participar do projeto foram a de cunho físico esportivo. Entende-se que um acompanhamento do processo de adesão, manutenção e evasão no projeto de pesquisa seria de extrema importância, para identificar se a motivação para a permanência delas nas atividades se altera em relação a motivação para a adesão, considerando que estas ampliaram suas possibilidades de lazer bem como, importa identificar os motivos que levaram as mulheres a se evadirem ao longo do processo, para que se consiga uma reinserção das mesmas e que se possa ganhar novas adesões.

Referências Bibliográficas

ALVES, C.; TROVÓ, C.E.; NOGUEIRA, M.W. A academia de ginástica como lazer para mulheres adultas da cidade de Rio Claro – SP. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 9, n.1, p. 32-46, 2010.

ANGELINI, Arrigo Leonardo. **Motivação humana**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973.

ARAÚJO, J. *et al.* Fatores motivacionais que levam as pessoas a procurarem por academias para a prática de exercício físico. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 12, n. 115, dez. 2007.

ARGYLE, M. Leisure. **The social psychology of everyday life**. New York: Routledge, 1991.

BIDDLE, Stuart J.H. Exercise motivation: theorie and practice. *In*: BIDDLE, Stuart J.H. (Org.). **Foundations of health-related fitness in physical education**. London: Ling Publishing House, 1987.

BIDDLE, Susan. Motivação para o exercício. Teoria e prática. **British Journal of Physical Education**, London. v.17, n.1, p.40-43, 1986.

BRITO, António Paula. **Psicologia do desporto**. Lisboa: Omniserviços, 1994.

BRITO, António Paula. Psicologia, idosos e exercício. *In*: MARQUES, Antonio, GAYA, Adroaldo, CONSTANTINO, José M. (Org.). **Physical Activiy and health in the Elderly. Proceedings of the 1st Conference of EGREPA**. Oeiras, 26-30, out. 1993, p. 102-116.

BZUNECK, J. A. A motivação dos alunos: Aspectos introdutórios. *In*: Evely BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J.A. (Orgs.). **A**

motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea. (9-35). Petropolis: Vozes, 2001.

CRATTY, Bryant J. **Psicologia no esporte**. Tradução de Olívia Lustosa Bergier. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.

ESCULCAS, Carlos; MOTA, Jorge. Atividades física e práticas de lazer em adolescentes. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 5, n. 1, p. 69-76, 2005.

FARIA JUNIOR, Alfredo G. de. **Introdução à Didática de Educação Física**. Rio de Janeiro: MEC, 1969.

FEIJÓ, Olavo Guimarães. **Corpo em movimento: uma psicologia para o esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 1992.

FORMIGA, N. S.; BONATO, Taís Necoletti; SARRIERA, Jorge Castellá . Escala das atividades de hábitos de lazer em jovens: Modelagem de equação estrutural em diferentes contextos brasileiros. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 19, p. 1-20, 2011.

FORMIGA, N. S. Hábitos de lazer e condutas desviantes: Testagem de um modelo teórico em jovens. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, v. 30, n. 79, p. 394-414, 2010.

FORMIGA, N. S. Testagem de um modelo teórico entre pares sócio-normativos, atitudes do tempo livre e condutas desviantes. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 10, p. 1-24, 2011b.

FORMIGA, N. S. Teste empírico de um modelo sobre a relação entre busca de sensações e as variações dos hábitos de lazer em jovens. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, v. 80, n.01/11, p. 71-87, 2011a.

FORMIGA, N.S.; AYROZA, I.; DIAS, L. Escala das atividades de hábitos de lazer: construção e validação em jovens. **Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 6, n. 2, p. 71-79, jul./dez., 2005.

FURRE, M.A. **Hábitos de lazer e entretenimento dos negros universitários de Porto Alegre:** Um estudo exploratório. Memória de Bacharelato. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

HARRIS, Dorothy V. ? **Por qué practicamos deporte? Razones somatopsíquicas para la actividad física.** Barcelona: Jims, 1976.

HIROTA, V.B.; SCHINDLER, P.; VILLAR, V. Motivação em atletas universitárias do sexo feminino praticantes do futebol de campo: um estudo piloto. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. especial, p. 135-142, 2006.

HOWELL, M.L.; ALDERMAN, R.B. Psychological determinants of fitness. Proceedings of the International Symposium on Physical Activity and Cardiovascular. **Health**, n. 96, p. 721-726, 1987.

LIRA, Luís Carlos. **A motivação, adesão e evasão no Projeto de atividades Físicas Idosos em Movimento Mantendo a Autonomia.** Memória de Licenciatura. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

MARTINEZ, Luis Mayor; CHIRIVELLA, Enrique Canton. Motivación y emoción. El planteamiento cognitivo-motivacional y emocional en la actividad física y el deporte - perspectivas actuales. *In:* CHIRIVELLA, Enrique Canton. (Org.). V Congreso Nacional de Psicología de la Actividad Física y el Deporte. **Comunicaciones.** Valencia: Universitat de València, 1995, p. 61-70.

MURRAY, Edward J. **Motivação e Emoção.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

PETHERICK, C.M.; WEIGAND, D.A. The relationship of dispositional goal orientations and perceived motivational climates on indices of motivation in male and female swimmers. **International Journal of Sport Psychology**, Rome, v.33, p.218-37, 2002.

RYAN, R.M.; DECI, E.L. Intrinsic and extrinsic motivations: classic definitions and new directions. **Contemporary Educational Psychology**, New York, v.25, n.1, p.54-67, 2000a

RYAN, R.M.; FREDERICK, C.M.; LEPES, D.; RUBIO, N.; SHELDON, K.M. Intrinsic motivation and exercise adherence. **International Journal of Sport Psychology**, Rome, v.28, p.335-54, 1997.

SALLES-COSTA, R. *et al.* Gênero e prática de atividade física de lazer. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2 , p. S325-S333, 2003.

SANTOS, Susan Cotrim; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Motivos de adesão à prática de atividade física na vida adulta intermediária. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, ano 5, n. 1, p. 23-34, 2006.

SINGER, Robert N.; DICK, Walter. **Ensinando educação física**. Porto Alegre: Globo, 1980.

TOLENTINO, Tathiana Maia; ASSUMPCAO, Luis Otávio Teles. Os recursos utilizados pela mídia: a produção do corpo midiático. **Motricidade**, Santa Maria da Feira, 2010.



POSFÁCIO

A questão do lazer sempre foi um tema delicado e complexo. As variáveis envolvidas no debate são múltiplas. Do que realmente falamos quando nos reportamos ao lazer? Estamos falando de tempo livre, de atividades que se situam além do tempo de trabalho? Estamos falando de atividades prazerosas, lúdicas, hedonistas? Estamos falando de relaxamento e distração?

A discussão sobre o lazer, mais que análise de atividades, deve se orientar para a busca de sentidos e de significados.

Ora, mesmo entre as atividades descritas no primeiro parágrafo que, em um primeiro momento, apontam para a tranquilidade, para o bem-estar, para as “belezas da vida”, mesmo elas, podem estar fortemente associadas a atividades alienantes e mistificadoras. Quantos prazeres não são obsessivos, ou apenas verdadeiras “compensações” para um trabalho fortemente alienado, estafante e repressor de nossas capacidades, qualidades e potencialidades? Muitas vezes, estas atividades que definimos como “lazer” podem não passar de formas mais ou menos elaboradas de se recuperar da estafa, das preocupações e do caráter repressor do trabalho industrial. O divertimento e a ludicidade podem, efetivamente, ser pensados como sinônimos de qualidade de vida e bem-estar? Não poderiam ser frutos de obsessivas buscas de bem-estar reprimidos?

É plenamente possível e legítimo pensar o lazer na dimensão e no âmbito do próprio conceito de trabalho, o qual nem sempre é alienado ou torturante. Trabalho – entre outras definições, na física entendido como “dispendio de energia” – pode ser pensado como realização e produção de obras edificantes e compensadoras, o que certamente, nas sociedades industriais modernas é bastante difícil ser pensado, mas não impossível. Talvez por isso esteja ocorrendo essa corrida mais ou menos desenfreada pelas “atividades de lazer”.

Faz-se necessário pois pensar o lazer não apenas como oposição ao trabalho ou busca de tempo livre. Cabe pensá-lo também no contexto das atividades alienantes do mundo moderno. Um torcedor que, no fim de semana vai ao campo de futebol torcer e se divertir por sua equipe, a princípio estaria vivendo situações de lazer. Será tão simples assim a questão? Ela se reduziria a estes termos? Esta atividade não pode justamente ser fruto de um trabalho alienado e uma busca mais ou menos desesperada de encontrar um prazer reprimido no cotidiano do trabalho e das lutas e preocupações estressantes do dia a dia?

Johan Huizinga, no clássico *Homo Ludens* já se referia à distinção entre o homem que brinca e o homem que trabalha – o *homo faber*. Entretanto, brincadeira é, obrigatoriamente, sinônimo de bem-estar e maior qualidade de vida? Os templos de consumo do mundo moderno – os *shopping centers* – são, efetivamente, espaços de ludicidade, de relaxamento, de distração, ou constituem verdadeiros espaços obsessivos de consumismo e hedonismo mais ou menos desenfreado?

A categoria “lazer” refere-se efetivamente a “tempo”? Deve ser realmente pensada em oposição a ele, como aparece em muitas definições correntes? Ou a questão ganharia contornos mais claros se a associássemos às possíveis e prováveis realizações do mundo do trabalho?

Pensem em uma interessante classificação de trabalho mais ou menos em voga na língua inglesa: o trabalho pode ser pensado como *job* – a atividade voltada para o ganho necessário à sobrevivência; a *career* – a carreira na qual se pretende investir; ou ainda pode ser pensado como *vocation* – uma espécie de “chamado”, com raízes em “*evocare*”, em latim. Se no primeiro caso o trabalho é puro ato de sobrevivência, no terceiro ele se refere à possibilidade de realização humana, no sentido da dignidade que se lhe confere. Certamente não são a mesma atividade, e o lazer ganha diferentes contornos em relação ou distanciamento de cada uma dessas apreciações.

Luís Otávio Teles Assumpção

APÊNDICES – INSTRUMENTOS DE PESQUISA



PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

PROJETO DE PESQUISA: LAZER E GÊNERO: PROCESSO EDUCATIVO E POLÍTICAS PÚBLICAS

FICHA CADASTRAL

DADOS PESSOAIS DA INTEGRANTE DO PROJETO				
NOME COMPLETO:			CPF:	
DT DE NASCIMENTO:	IDENTIDADE:	ÓRGÃO EMISSOR:	UF:	DT DE EMISSÃO:
__/__/__				__/__/__
SEXO: () M () F	ESTADO CIVIL:	NACIONALIDADE:		
RAÇA/ETNIA:	RELIGIÃO:	E-MAIL:		
ENDEREÇO:	BAIRRO:	CIDADE:	UF:	CEP:
TELEFONES:	CELULAR:	ESCOLARIDADE:		

OUTROS DADOS COMPLEMENTARES	
PROFISSÃO:	HORÁRIO DE TRABALHO:
QUANTOS DIAS NA SEMANA? _____	TEMPO DE DESLOCAMENTO CASA/TRABALHO: _____
TEM FILHOS: () SIM () NÃO SE SIM, QUANTOS: ____ (homens) ____ (mulheres)	IDADES: _____
CASA: () PRÓPRIA () ALUGADA () EMPRESTADA () DOADA () OUTRA: _____	
NUMERO DE CÔMODOS: _____	QUANTAS PESSOAS VIVEM NA SUA CASA? _____
TEM TELEVISÃO: () SIM () NÃO – QUANTAS: ____	TEM APARELHO DE DVD: () SIM () NÃO – QUANTOS: ____
TEM COMPUTADOR: () SIM () NÃO – QUANTOS: ____	TEM INTERNET: () SIM () NÃO
TEM GELADEIRA: () SIM () NÃO	TEM MICRO-ONDAS: () SIM () NÃO
TEM MÁQ. LAVAR ROUPA: () SIM () NÃO	
TEM CARRO: () SIM () NÃO	TEM BICICLETA: () SIM () NÃO
FREQÜENTA ATUALMENTE ALGUM CURSO? () SIM () NÃO – QUAL: _____	
TEM DISPONIBILIDADE PARA REUNIÕES?	
TARDE DE SÁBADO: () SIM () NÃO	TARDE DE QUARTA-FEIRA: ? () SIM () NÃO
OUTRA: _____	

OUTRAS OBSERVAÇÕES



**PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA**

**PROJETO DE PESQUISA: LAZER E GÊNERO: PROCESSO
EDUCATIVO E POLÍTICAS PÚBLICAS**

ENTREVISTA ESTRUTURADA

DADOS PESSOAIS DA INTEGRANTE DO PROJETO	
NOME COMPLETO: (se desejar)	IDADE:

6. Para você, o que é Lazer?

7. Você dedica algum tempo ao seu lazer? () Sim () Não. Se sim, que tipo?

() Durante a semana _____

() Final de semana _____

8. Qual a sua prática de Lazer preferido?

9. O que você mais gosta de fazer no seu tempo livre?

10. Você sente vontade de dedicar mais tempo ao seu Lazer? () Sim () Não

11. Você faz alguma atividade física por Lazer? () Sim () Não () Às vezes

Qual(is)? _____

Quantas vezes na semana? ____ dias Duração diária? _____ minutos

Onde? _____

12. Você faz alguma atividade manual? () Sim () Não () Às vezes

Qual(is)? _____

Quantas vezes na semana? ____ dias Duração diária? _____ minutos

Onde? _____

Como atividade de: Trabalho () ou Lazer ()

Que tipo de atividade manual: () Bordado () Tricô/crochê () Pintura ()
Artesanato

Outras: _____

13. Você faz alguma atividade artística? () Sim () Não () Às vezes

Você assiste filmes? () Sim () Não () Às vezes Onde? _____

Você assiste peças teatrais? () Sim () Não () Às vezes Onde? _____

Você participa de shows musicais? () Sim () Não () Às vezes Onde? _____

Você visitou alguma exposição artística? () Sim () Não () Às vezes

Onde? _____

14. Você faz algum tipo de leitura? () Sim () Não () Às vezes

Caso a sua resposta seja sim ou às vezes, responda:

O que você costuma ler: _____

Onde? _____

15. Você tem acesso a informações? () Sim () Não () Às vezes

Caso a resposta seja sim ou às vezes, por quais meios? _____

16. Você participa de alguma atividade comunitária? () Sim () Não () Às vezes

Qual(is)? _____

Quantas vezes no mês? ____ Onde? _____

Você vai à Igreja? () Sim () Não () Às Vezes () Nunca

Você vai à casa de parentes? () Sim () Não () Às Vezes () Nunca

Você vai à casa de amigos? () Sim () Não () Às Vezes () Nunca

Você vai à festas do seu bairro? () Sim () Não () Às Vezes () Nunca

Você vai à reuniões sociais? () Sim () Não () Às Vezes () Nunca

Outras: _____

17. Você viajou nestes últimos 12 meses? () sim () não.

Se sim, por qual motivo?

() férias

() visita a parentes

() doença

() trabalho

() outros: Quais? _____

18. Você usa computador? () Sim () Não () Às Vezes () Nunca

Se sim, por qual motivo?

() Trabalho

() E-mail

() Redes Sociais (chats, Orkut, facebook, MSN)

() Pesquisa internet

() Jogos

() Outros: Quais? _____

19. Se você tivesse mais tempo livre, que tipo de lazer gostaria de se dedicar mais?
(por ordem de preferência – 1º; 2º; 3º; 4º; 5º; 6º)

() Atividades Manuais

() Atividades Artísticas

- () Atividades Intelectuais
- () Atividades Físicas/Esportivas
- () Atividades Sociais
- () Atividades Turísticas
- () Atividades Virtuais

20. Você acredita que dedicar um tempo maior ao lazer seja um objetivo difícil de ser alcançado?

() Sim () Não

21. Como você considera as pessoas que dedicam seu tempo livre para o aproveitar com o Lazer? _____

22. Pensando em Direitos Humanos, quais são seus direitos? (escreva alguns):

Você tem acesso a eles? () Sim () Não

() Sim: Quais? _____ () Não: Quais? _____

23. Você considera que vive com cidadania? () Sim () Não

O que falta ainda conquistar: _____

24. Você já experimentou alguma situação de preconceito? () Sim () Não

Se sim, quais? () classe social () gênero/sexo () raça/etnia () idade () religião

25. Você já foi discriminada e/ou excluída em alguma situação da vida? () Sim () Não

Se sim, quais? () classe social () gênero/sexo () raça/etnia () idade () religião

Quer contar como foi? _____

26. Quando você precisa tomar decisões importantes com quem você conversa? _

27. Você tem facilidade para liderar um grupo? () Sim () Não

28. Você tem facilidade de organizar uma reunião de modo que as pessoas escutem umas as outras e depois decidam juntas pela opinião da maioria? () Sim () Não

29. E quando em sua opinião, você considera que elas estão erradas, como você faz além de apresentar sua opinião para o grupo?

30. Você já teve que enfrentar alguma situação de preconceito ou discriminação? Como fez? Fez sozinha ou trocou ideias e se juntou a outras pessoas?

31. Você já experimentou alguma situação de violência? () Sim () Não. Gostaria de mencionar em que contexto?

32. Você considera que tem tempo para ser mulher, além de ser esposa, mãe e trabalhadora? O que é para você ser mulher?

33. Você enfrenta alguma barreira para viver seu tempo livre ou disponível? () Sim () Não

() financeira () transporte () falta de tempo () filhos () marido () falta de opções

() tarefas da casa () muito tempo no trabalho () espaços de lazer distantes

() Outros: Quais? _____



**PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA**

**PROJETO DE PESQUISA: LAZER E GÊNERO: PROCESSO
EDUCATIVO E POLÍTICAS PÚBLICAS**

ENTREVISTA ESTRUTURADA - Motivação

DADOS PESSOAIS DA INTEGRANTE DO PROJETO	
NOME COMPLETO: (se desejar)	IDADE:

Qual atividade de lazer que você mais gosta? _____

Porque você gosta desta atividade? _____

O que mais lhe motiva a praticar esta atividade? _____

Existe algum empecilho para que você realize mais vezes esta atividade?

() Sim () Não. Se sim, quais são eles? _____



SOBRE OS AUTORES

ELIZABETH AIKO ODA

Mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Docente na Universidade Católica de Brasília (UCB) nas disciplinas do Centro de Reflexões sobre Ética e Antropologia da Religião (CREAR) e Introdução ao Ensino Superior. Gestora da Comunidade Educativa no Riacho Fundo II.

GISLANE FERREIRA DE MELO

Doutora em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Graduada em Educação Física. Docente na Universidade Católica de Brasília (UCB). Curso de Licenciatura em Educação Física e Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado e Doutorado – em Educação Física e Gerontologia.

GISLENE MOREIRA NOGUEIRA FARIA

Acadêmica de Educação Física pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.

GENILDO PINHEIRO SANTOS

Graduado em Educação Física pela Universidade Federal da Bahia (UFB). Mestrando em Educação Física na Universidade Católica de Brasília (UCB). Docente da Rede Estadual de Ensino da Bahia.

IORANNY RAQUEL CASTRO DE SOUSA

Acadêmica de Educação Física pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.

JORGE HAMILTON SAMPAIO

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduado em Filosofia, História e Psicanálise. Docente nos cursos de Filosofia, Medicina, Psicologia e Centro de Reflexões sobre Ética e Antropologia da Religião (CREAR), na Universidade Católica de Brasília (UCB). Diretor de Programas Comunitários da Pró-Reitoria de Extensão da UCB, DF. Editor da *Revista Diálogos*.

JUNIOR VAGNER PEREIRA DA SILVA

Mestre em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Doutorando em Educação Física na Universidade Católica de Brasília (UCB). Bolsista PROSUP/CAPEES. Docente Assistente do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC – Ilhéus. Editor Adjunto da *Revista Brasileira de Ciência e Movimento* (RBCM).

LUÍS CARLOS LIRA

Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Doutorando em Educação Física na Universidade Católica de Brasília (UCB). Docente na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

LUÍS OTÁVIO TELES ASSUMPCÃO

Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Graduado em Educação Física. Docente na Universidade Católica de Brasília (UCB). Curso de Licenciatura em Educação Física e Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado e Doutorado – em Educação Física.

LUIZ CARLOS VIEIRA TAVARES

Mestre em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Doutorando em Educação Física na Universidade Católica de Brasília (UCB). Docente no Instituto Federal de Sergipe (IFES). Bolsista PIQDTEC/CAPES.

MARIA AUXILIADORA ANTUNES DOS SANTOS

Mestre em Ciências da Educação na Universidade Internacional de Lisboa - Portugal. Docente na Universidade Católica de Brasília (UCB) nas disciplinas do Centro de Reflexões sobre Ética e Antropologia da Religião (CREAR) e Curso de Matemática. Gestora da Comunidade Educativa no Areal.

MIRELLE PEREIRA DO NASCIMENTO

Acadêmica de Educação Física pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Bolsista de Iniciação Científica ME/Rede Cedes.

MONAIZA LIMA LOPES

Acadêmica de Educação Física pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Bolsista de Iniciação Científica PIC/UCB.

NILTON SOARES FORMIGA

Doutor em Psicologia Social. Docente na Universidade Mauricio de Nassau em João Pessoa-PA. Psicólogo Social.

ROBERTA DE JESUS DOS SANTOS

Acadêmica de Ciências Biológicas pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Bolsista de Iniciação Científica PIC/UCB.

RUBENS DE MORAIS SILVA

Mestre em História Cultural pela Universidade de Brasília (UnB). Docente na Universidade Católica de Brasília (UCB) nas disciplinas do Centro de Reflexões sobre Ética e Antropologia da Religião (CREAR) e Introdução ao Ensino Superior. Gestor da Comunidade Educativa no Recanto das Emas.

SILVANETE PEREIRA DOS SANTOS

Mestranda em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Docente na Universidade Católica de Brasília (UCB) nas disciplinas do Centro de Reflexões sobre Ética e Antropologia da Religião (CREAR) e Introdução ao Ensino Superior. Colaboradora na Comunidade Educativa do Riacho Fundo II.

TÂNIA MARA VIEIRA SAMPAIO

Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Pedagogia e Teologia. Docente na Universidade Católica de Brasília (UCB). Curso de Licenciatura em Educação Física e Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado e Doutorado – em Educação Física. Editora Chefe da *Revista Brasileira de Ciência e Movimento (RBCM)*.